

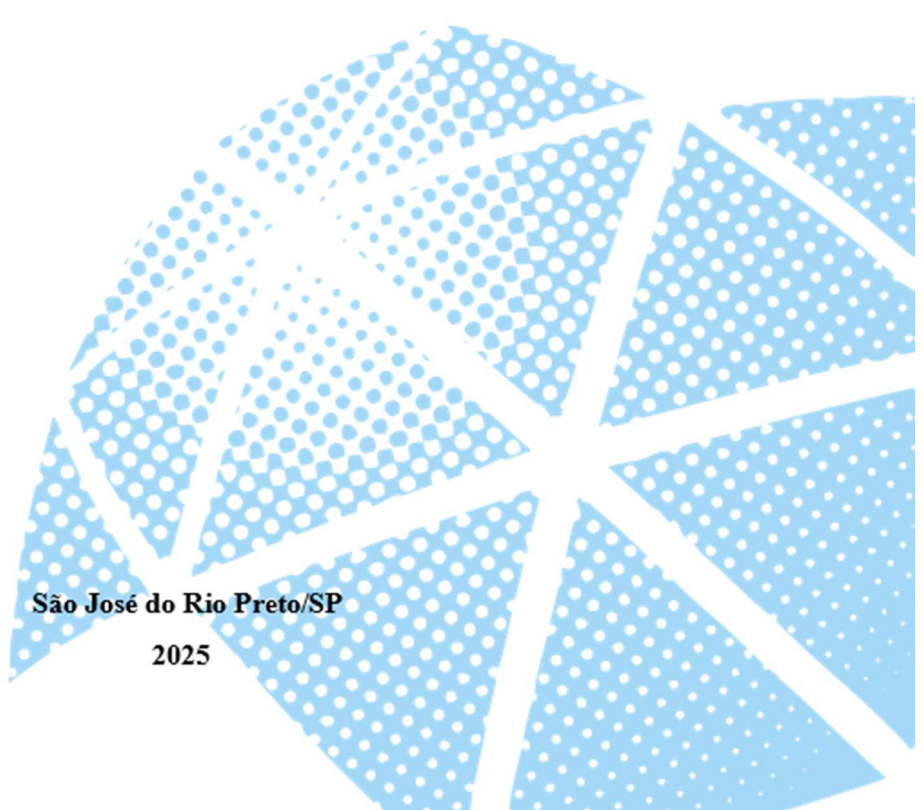
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – *Campus* de São José do Rio
Preto/SP

HENRIQUE JOSÉ ROSA PELICANO

Orientalismo e feminicídio em *As mil e uma noites*

São José do Rio Preto/SP

2025



HENRIQUE JOSÉ ROSA PELICANO

Orientalismo e feminicídio em *As mil e uma noites*

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista —Júlio de Mesquita Filho, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof. Dr. Gentil Luiz de Faria.

São José do Rio Preto
2025

P384o	Pelicano, Henrique José Rosa Orientalismo e feminicídio em As mil e uma noites / Henrique José Rosa Pelicano. -- São José do Rio Preto, 2025 109 f. : fotos Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto Orientador: Gentil Luiz de Faria 1. Literatura comparada. 2. Direito e literatura. 3. Religião e literatura. 4. Feminicídio. I. Título.
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

HENRIQUE JOSÉ ROSA PELICANO

Orientalismo e feminicídio em *As mil e uma noites*

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista —Júlio de Mesquita Filho, Câmpus de São José do Rio Preto.

Área de concentração: Teoria e Estudos Literários

Data da Defesa: 21/03/2025

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Gentil Luiz de Faria
Departamento de Letras Modernas/ UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto.
Orientador.

Profa. Dra. Larissa Drigo Agostinho
Departamento de Letras Modernas / UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto.

Prof. Dr. Ivan Marcos Ribeiro
Universidade Federal de Uberlândia/UFU – Núcleo de Línguas e Literaturas Estrangeiras.

AGRADECIMENTOS

Por primeiro, agradeço a Deus, inteligência suprema e causa primária de todas as coisas;

Agradeço à minha mãe, Delma Maria Rosa, e ao meu pai, Londenei Pelicano, que jamais mediram esforços para me oferecer educação, saúde, oportunidade e dignidade. Aos meus pais tudo devo e não há como traduzir em palavras o tamanho de minha gratidão e amor por eles;

Agradeço à minha esposa, Caroline Valente Franceschini Pelicano, o amor de minha vida. É a mulher que me fez renascer, sempre para o bem e para melhor; é a paz de meu espírito e o calor da minha alma;

Agradeço ao meu filho, Lorenzo Henrique Valente Pelicano, meu coração fora do peito. Nascido durante esta pesquisa, seu sorriso tem sido o meu mais perfeito combustível;

Agradeço ao professor Gentil Luiz de Faria, brilhante ser humano e orientador, por ter sido um referencial para minha pessoa, seja como pesquisador, seja por sua genialidade, seja por sua ética (e pela paciência com seus discípulos). Agradeço por ter acreditado em meu trabalho e concedido tão valiosa oportunidade sob sua orientação;

Agradeço aos demais amigos e familiares pelo apoio e incentivo;

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

Este trabalho investiga o feminicídio cometido pelo rei Shariar, personagem de *As mil e uma noites* (século IX), como uma das muitas formas de se constatar o Orientalismo imposto pelos tradutores europeus desde Jean-Antoine Galland (1646-1715) por meio de suas versões e modificações dos contos de Shehrazade em sua recepção literária. A pesquisa também discute a posição da mulher na cultura oriental, especialmente na árabe, e como a personagem Shehrazade, narradora dos contos, coloca o gênero feminino em protagonismo, ainda que em uma obra escrita por culturas bastante paternalistas. A interdisciplinaridade entre direito e literatura contribui para uma percepção e análise do tema de forma mais ampla e munida de observações advindas de áreas distintas e que se complementam. O direito jamais deve se desvincular das motivações humanas, dos abusos e da violência que são registrados não somente nos anais da história, mas também pela literatura que sinergicamente exhibe senão amostras daquilo que se pensa e se vive determinada cultura. O aporte metodológico adotado foi o bibliográfico, pautando-se na versão de Mamede Mustafa Jarouche, por ser a mais fidedigna em português brasileiro, como o parâmetro para as comparações de outras adaptações. Além disso, os estudos teóricos documentais de literatura, direito, filosofia, psicologia, psicanálise, religião dentre outras áreas correlatas foram realizados para analisar o texto. Os resultados obtidos apontam que a percepção do Oriente decorre muito em virtude de *As mil e uma noites* e, por isso, de vieses originariamente europeus de como era e deveria ser visto o universo oriental, qual seja, povos mais atrasados, violentos, cujas mulheres eram submissas, sexistas e ardilosas e cujo conteúdo de suas produções deveria ser filtrado pela moral ocidental (europeia) e orientalista.

Palavras-chave: *As mil e uma noites*; Shehrazade; orientalismo; feminicídio.

ABSTRACT

This work investigates the femicide committed by King Shariar, a character in *The Arabian Nights* (9th century), as one of the many ways of verifying the orientalism imposed by European translators since Jean Antoine Galland (1646-1715) through their versions and modifications of Shehrazade's tales in their literary reception. This research also discusses the position of women in Eastern culture, especially in arabic one, and how the character Shehrazade, narrator of the stories, puts the female gender in the spotlight, even in a text written by very paternalistic cultures. The interdisciplinarity between law and literature contributes to a broader perception and analysis of the topic, equipped with observations from different areas, which complement each other. The law must never be disconnected from human motivations, abuses and violence that are recorded not only in the annals of history, but also in literature that synergistically displays samples of what a certain culture thinks and lives. The methodological support adopted was the bibliographic one, based on Mamede Mustafa Jarouche's version, as it is the most reliable in Brazilian Portuguese, as the parameter for comparisons of other versions. Furthermore, theoretical documentary studies of literature, law, philosophy, psychology, psychoanalysis, religion among other related areas were carried out. The results obtained indicate that the perception of the East derives largely from *The Arabian Nights*, therefore, from originally European biases in the way the Eastern universe was and should be seen, that is, more backward, violent, whose women were submissive, sexist and cunning and whose content of their productions should be filtered by Western (European) and orientalist morality.

Keywords: *The Arabian Nights*; Shehrazade; orientalism; feminicide.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. <i>AS MIL E UMA NOITES</i> E SUA IMPORTÂNCIA NA CONCEPÇÃO DO ORIENTE	16
3. RECEPÇÃO LITERÁRIA	30
4. AS TRADUÇÕES	42
4.1. A PIONEIRA VERSÃO DE ANTOINE GALLAND	46
4.2. OUTRAS TRADUÇÕES DE <i>AS MIL E UMA NOITES</i> NA EUROPA	52
4.3. AS TRADUÇÕES DE <i>AS MIL E UMA NOITES</i> NO BRASIL	55
5. A MULHER NO MUNDO ÁRABE	57
6. FEMINICÍDIO	71
7. ORIENTALISMO EM <i>AS MIL E UMA NOITES</i>	84
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	103

1. INTRODUÇÃO

As civilizações que ocupam os mais variados territórios do globo apresentam divergências culturais decorrentes precipuamente de duas motivações, quais sejam, o processo evolutivo natural das sociedades ao longo dos anos e o intercâmbio entre os povos e os seus costumes. Essas disparidades observam uma razão diretamente proporcional entre o contraste cultural e o distanciamento das populações. Ocidentais e orientais ostentam hábitos, religiões, vertentes filosóficas, formas de governo, etc., que são, muitas vezes, diametralmente opostos. E isso ocorre de forma bastante destacada na literatura e no direito.

A intersecção entre literatura e direito tem sido cada vez mais discutida e a permuta entre essas áreas responde positivamente às demandas sociais e individuais de como o conhecimento não deve ser compartimentalizado, mas conectado de forma a permitir a reciprocidade das informações em *continuum*. O direito pode extrair da literatura de diversos povos e em diferentes momentos da história, características extrínsecas tais como eram suas leis, seus conceitos éticos, seus costumes, suas penalidades, seu judiciário etc., bem como intrinsecamente pode mergulhar na psique das personagens e refletir sobre como funciona a mente do indivíduo antes, durante e após a consumação de um crime, como o que vivencia a personagem Raskólnikov no clássico de Fiódor Dostoiévsky (1821-1881), *Crime e Castigo* (1866). A literatura pode nutrir-se do funcionamento do aparelho jurídico para a elaboração de seus contos, respeitando à lógica das consequências e permissividades que uma sociedade concede e condiciona aos seus integrantes. Por essas veredas, a pena de morte, por exemplo, pode causar mais incômodo em uma obra ao leitor de uma cultura do que de outra.

O livro *As mil e uma noites* (“*Kitab alif laila ua laila*”), com origens no século IX, não se considerando as escrituras sagradas (Alcorão), é um expoente da literatura árabe e um dos livros canônicos do mais elevado patamar da literatura mundial. Para além da crítica literária, os contos de Shehrazade são estudados por diversas perspectivas. Por exemplo, a teológica articulará sobre o período pré-islâmico em que os primeiros contos foram narrados e sobre a inclusão do islamismo no texto; a filosófica refletirá sobre as suas vertentes e hermenêuticas orientais acerca das histórias; a psicológica investigará o inconsciente coletivo dos narradores, as articulações subjacentes, projeções e outros processos e manifestações que podem ser detectados na escrita; a jurídica dirá sobre a

forma de regulamentação dessas sociedades, do acervo de leis e costumes que acompanharam – e acompanham – as muitas vozes e mãos que produziram a obra em regiões da Índia, Oriente Médio e suas adjacências.

O livro apresenta a história de dois reis irmãos, Shariar e Shazenã, ambos traídos por suas rainhas. Shariar, o irmão mais colérico, ao descobrir a deslealdade de sua esposa, não só determina sua execução e das criadas e dos escravos que participaram da orgia promovida por sua senhora, como decretou que desposaria e dormiria com uma mulher diferente a cada noite e a mataria ao raiar do Sol. Shehrazade é uma jovem de coragem e inteligência raras, responsável por interromper o feminicídio iniciado por Shariar por meio de seus irresistíveis contos, salvando a si mesma e as mulheres de seu reino de assassinatos desenfreados e sucessivos. É Shehrazade quem narra os contos em meio a uma cultura paternalista e torna a mulher o sustentáculo e o fulcro de todo o texto. E, por isso, mas não somente por isso, o livro é extraordinário.

Shehrazade, após se deitar com o rei, contava-lhe uma história que sempre despertava curiosidade e o interesse do então marido, de modo que sua vida era poupada até o dia seguinte a fim de que fosse possível ouvir a continuação dos contos. E essa repetição perdurou até que Shariar não mais desejasse matar sua esposa e desistisse de sua vingança contra o sexo feminino.

Foi somente no século XVIII que o Ocidente obteve acesso ao texto por meio da versão do arabista francês Jean-Antoine Galland (1646-1715) “*Les mille et une nuits*” (1704), cuja tradução é considerada como uma verdadeira adaptação do conteúdo original que deveria respeitar aos ditames, decoros e convenções sociais europeus de então. Outros tradutores também se dedicaram ao livro, cada um com sua ótica e seus objetivos de trabalho, ao mesmo tempo em que disputavam qual deles ofereceria a melhor versão. Supressões, sublimações, atenuações, dentre outras estratégias foram adotadas pelos tradutores, em maior ou menor grau e cada qual à sua maneira, com fito de remover cenas de lascívia e violência que eram narradas por Shehrazade. O ponto a ser evidenciado nesta pesquisa é que o feminicídio de Shariar não foi uma preocupação nem dos tradutores, nem dos leitores desde aquela inaugural recepção do texto.

Se toda a obra depende de Shehrazade impor-se contra um crime compulsivamente reiterado, é compreensível a presença e manutenção do feminicídio nas versões traduzidas já que, sem ele, não haveria a sucessiva contação de histórias de Shehrazade. Por outro

lado, diferentemente de outras modificações no conteúdo do livro, como as de remoção das descrições dos atos sexuais, o feminicídio não foi objeto dos mesmos zelos e precauções. A ênfase em observar o decoro da época sobrepunha-se à fidelidade da obra original, o que era bem visto e aceito, as chamadas “*belles infidèles*” (Damien, 2008). Após Galland também se comprometeram à tradução nomes como Edward Lane (1801-1876), Richard Francis Burton (1821-1890), Carlos Jansen (1829-1889), Enno Littmann (1875-1958), dentre outros, cujas versões também foram apresentadas com seus vieses e, ainda assim, mesmo com essa permissividade de mudanças do conteúdo original, o feminicídio não foi interpelado ou contestado em sua apresentação ao público.

No que se refere às adaptações de *As mil e uma noites*, para além da França de Galland, a Europa apresenta um papel de protagonismo na estruturação da sociedade, desde as descobertas científicas, inovações tecnológicas, as discussões políticas etc. O zelo e a preocupação europeia na preservação, manutenção e divulgação das artes são vetores de cultura, incluindo-se nisso a irradiação de inúmeros escritores, ilustradores e tradutores. Por isso, muitas das balizas norteadoras da literatura foram produzidas e traduzidas no “Velho Continente”. E nesse sentido faz-se mister observar a subjetividade que paira sobre essa pulverização cultural. Esse direcionamento carrega junto a si vieses e julgamentos atinentes às convicções de cada civilização. Nietzsche professara que não existem fatos, mas sim, interpretações dos fatos. É justamente nesse ponto que se faz imperiosa a hermenêutica de *quem* está falando e sobre o *quê*. Veja-se que a tradução de Galland foi a mais lida e propagada mundialmente (Borges, 2012), servindo-se como base para outras traduções, inclusive. Os desdobramentos dessas traduções geram efeitos no público leitor, o qual, a depender da versão, pode visualizar e conceber a cultura oriental de maneiras distintas e destoantes da realidade em que os contos foram tecidos. Em verdade, o receptor estará adstrito à percepção europeia do Oriente.

Cediço é que ao longo dos séculos que separam a origem de *As mil e uma noites* até as traduções recentes, a própria evolução da cultura e da língua dos povos que produziram a obra e suas traduções pretéritas promoveram alterações no que se refere à concepção daquela realidade originária. Entretanto, para além dessas questões imanentes ao processo de tradução, o tradutor que não vise a evitar ao máximo sua interferência, mas pelo contrário, contamine a originalidade com seus escrúpulos, enseja e direciona o público para uma interpretação condicionada. O orientalismo professado por Edward Said

(1935-2003) enfrenta essas questões de como o Oriente é construído e definido pela visão ocidental que o traduz, muitas vezes destoando radicalmente do que se verifica *in loco*. Portanto é necessária atenção ao fato de que as primeiras traduções, ou seja, a porta de entrada de *As mil e uma noites*, foram produzidas por orientistas europeus e suas ponderações.

Um sem-número de traduções foram oferecidas com fulcro na obra de Galland. Muitas dessas adaptações voltavam-se a um nicho específico, eis que comumente se encontram versões com ilustrações e alterações pertinentes ao universo infantil. Obras inspiradas são diversas, como, por exemplo, a tradução de François Pétit de la Croix (1653-1713) de *Os mil e um dias* (2001). Essas traduções detinham o poder de condicionar o público receptor à realidade trazida e introduzida pelos objetivos e percepções do tradutor. É por essa razão que os contos de Shehrazade, que apresentam conteúdos censuráveis em diversos países, removidos por imposição legal ou decisão do próprio tradutor, são considerados textos infantis em outros lugares, como no Extremo Oriente.

No caso do Brasil, o público falante apenas do idioma nativo não tinha acesso às traduções mais fidedignas disponíveis em outros idiomas ou, obviamente, no próprio árabe, isto é, o brasileiro falante apenas do português estava atado aos ditames das versões europeias, importando-se, assim, os conceitos e visões propostas por Antoine Galland e demais tradutores. Portanto, as lentes da leitura do Oriente estão acopladas ao modo de ver do tradutor.

Isso não significa que a recepção da tradução de Galland não tenha sofrido críticas pelo público versado no assunto e que puderam comparar as versões com o original e outras adaptações. Justamente pela detecção, por parte de um leitor melhor instruído, da forma como Galland substituíra a apaixonada eloquência do árabe por redações sucintas e ponderadas, dentre tantas outras alterações também realizadas pelo arabista francês é que seu trabalho recebeu comentários bastante incisivos pela crítica especializada, acadêmicos e até mesmo do público em geral.

Mamede Jarouche (1963-) iniciou a tradução da obra diretamente do árabe para o português brasileiro em 2005. Tal versão, cujo quinto e derradeiro volume foi publicado em 2021, encampa os ramos sírio e egípcio, com máxima imparcialidade e natureza

científico-investigativa, evitando-se a visão condicionada de outras traduções. Assim, a leitura dessa versão possibilita a verificação do orientalismo presente na recepção das primeiras traduções, inclusive no Brasil. Edward Said, em *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* (2007) combate as facilidades com as quais os povos orientais são categorizados negativamente por ocidentais sem qualquer propriedade para discorrer sobre o tema, ou ainda sem qualquer vivência e contato com a realidade oriental. As versões traduzidas de *As mil e uma noites* também foram embebidas no viés orientalista predominantemente europeu, ou seja, seus contos foram filtrados e adaptados para e pela aceitação ocidental, ao arrepio da originalidade da obra. Portanto, a presente pesquisa, ao analisar em pormenores as alterações constantes em diferentes versões de *As mil e uma noites*, evidencia a presença dos condicionamentos orientalistas e todos os seus desdobramentos (preconceitos, discriminações e parcialidades), buscando afastá-los e, concomitantemente, aproximar-se ao máximo possível da realidade daquela cultura.

O corolário dessas análises comparativas é a oportunidade de o leitor consultar a moral e os costumes orientais evitando-se ao máximo as intermediações. Veja-se que a leitura de determinada tradução pode auferir uma imagem de mistérios, encantamentos, magias e sensualidade às noites árabes, ao compasso que outra versão pode fomentar a ideia de noites de orgias, traições e dissimulações. Em havendo a chance de interpretação direta dos textos em língua nativa ou de traduções fidedignas, caberá apenas ao próprio leitor seu juízo de valor.

Isso se aplica para a compreensão, por parte do receptor, dos motivos que respaldam a manutenção do feminicídio, crime positivado no Código Penal Brasileiro vigente, em seu artigo 121, §2º, VI, após o advento da lei 13.104/2015 (Lei do Feminicídio), enquanto cenas de obscenidade, cujo incômodo era mais moral que legal, foram evitados em diversas versões da obra, inclusive no Brasil. O direito é dinâmico e acompanha o pensamento da sociedade que o institui. No caso deste estudo, o direito dos povos árabes, muito decorrente e atrelado ao islamismo, é investigado de forma paramétrica aos direitos humanos e às legislações de proteção à mulher, vez que existe a positivação e uma aceitação tácita pelo crime de feminicídio em *As mil e uma noites*.

Shariar ao determinar a morte de sua esposa/rainha praticou um femicídio (quando a vítima é do gênero feminino, não importando à motivação seu gênero), no entanto, ao

tomar ódio pelas demais mulheres, passa a matar pela própria natureza do sexo feminino, ou seja, consagradamente passa a cometer feminicídio (crime em que o gênero da vítima é a causa do delito). Para a realização deste estudo foram utilizadas várias versões de *As mil e uma noites*, como a de Galland, traduzida por Alberto Diniz e com apresentação de Malba Tahan, em sua 16ª edição, além de todos os cinco volumes de *O Livro das mil e uma noites*, em seus ramos sírio e egípcio, traduzidos por Mamede Jarouche, vez que o que se busca é uma verificação minuciosa de divergências no que se refere ao conteúdo dos contos. É importante lembrar que a obra pode ser encontrada com diversos títulos, como “*Arabian Nights*”, *Contos de Sherazade*, *Fábulas das mil e uma noites* etc., encampando total ou parcialmente os contos originais.

Foi também fundamental o livro de Said, “*Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*”, além de artigos científicos, dissertações e teses que tratam do tema, posto que o estudo deste trabalho também investigou a forma como a cultura ocidental vem rotulando o Oriente por meio de seus canais literários e midiáticos, sofrendo os efeitos de posturas orientalistas muitas vezes pejorativas. A pesquisa foi assim estruturada:

O primeiro capítulo se dedica à apresentação da obra, desde as discussões sobre sua origem e autoria, suas influências, seu legado, sua relevância na literatura e em outras artes, seus aspectos históricos, filosóficos, psicológicos e religiosos, além de sua importância para a interpretação e concepção do Oriente pelos povos ocidentais, especialmente em relação à cultura árabe.

O segundo capítulo aborda o tema da recepção literária de *As mil e uma noites* em solo europeu, a partir da França, além dos efeitos de como foram as diferentes traduções recepcionadas alhures e quais foram as consequências dessas adaptações dos tradutores na interpretação da cultura receptora ocidental sobre os povos orientais, especialmente os árabes.

O terceiro capítulo se destina aos comentários das principais traduções do texto, comparando-se a intenção e a produção dos tradutores mais reconhecidos desde Jean-Antoine Galland até Mamede Mustafa Jarouche, pioneiro na tradução direta do árabe para o português brasileiro, cuja premiada e acadêmica versão foi escolhida como substrato deste estudo por evitar ao máximo a inclusão de qualquer viés ou condicionamento do tradutor.

O quarto capítulo discute a posição e a realidade do sexo feminino na cultura árabe, traçando-se um paralelo entre os acontecimentos político-sócio-religiosos dos árabes (em especial, os muçulmanos) e os contos de Shehrazade, podendo-se notar que a mulher ocupa uma rígida posição de submissão, mas que pode ser revertida ante seus esforços e astúcia, quase sempre de forma velada, evitando-se que imposições e violências de todo o tipo continuem a ocorrer contra a gênero feminino.

O quinto capítulo é aquele em que o feminicídio é debatido sob uma perspectiva jurídica não limitada ao direito dos povos árabes – que se pode dizer, o direito muçulmano, a polêmica positividade nas escrituras muçulmanas de que o homem detém o direito de punir a mulher e como esse pensamento está assentado em *As mil e uma noites* em seu prólogo-moldura e em diversos contos que colocam a mulher como ser hierarquicamente abaixo dos homens.

O sexto capítulo trata do orientalismo aprofundando-se a investigação nas causas que o ensejam e permitem colocar a cultura árabe, sem prejuízo de outras culturas orientais, como objeto de estudo dos ocidentais. Essa relação entre investigador e investigado que fomenta a falácia da superioridade daquele sobre este, tornando o feminicídio praticado por mãos árabes algo que não causa espécie ante o atraso e a barbárie que lhes são atribuídos. Em *As mil e uma noites*, simulacro do contexto social em que fora produzido e síntese das inúmeras realidades que o constituíram ao passar dos séculos, é possível se perceber que o orientalismo que advogava Edward Said, ainda que não sob essa recente alcunha, é encontrado nas adaptações/traduições do texto.

Pesquisas desta natureza devem ser estimuladas, pois contribuem e enriquecem o acervo científico dentro das ciências humanas e áreas correlatas, além de provocar questionamentos sobre visões já enraizadas no ideário da população em geral. Atua também como uma forma de se combater preconceitos e julgamentos, xenofobia e misoginia, estabelecidos e fixados em seus *status quo*, sobre o que vem a ser efetivamente a cultura dos povos orientais e revelam resultados que não se encerram somente na seara da produção científica, mas também servem para discussões políticas, jurídicas e filosóficas de como tem sido a abordagem da imagem oriental, ou seja, o julgamento de costumes, conceitos, crenças e princípios orientais sob uma perspectiva ocidentalizada.

2. AS MIL E UMA NOITES E SUA IMPORTÂNCIA NA CONCEPÇÃO DO ORIENTE

A obra *As mil e uma noites* (“*Kitab alif laila u laila*”, em árabe)¹, com origens no século IX, é reconhecida como um dos expoentes da literatura mundial, principalmente no que se refere à literatura árabe. Os contos de Shehrazade tem encantado desde crianças até estudiosos de diversas áreas do conhecimento, incorporando-se de forma sinérgica e indissociável ao ideário coletivo daquilo que se pensa ser a cultura árabe e o Oriente Médio.

Sobre a destacada relevância do texto, Jorge Luis Borges² (1989) refere-se à obra “como um livro que define sua própria natureza em imagens complexas como em labirintos infinitos. Quase poderíamos dizer que nossa percepção do Oriente é construída pelas *Mil e uma noites*”. Aqueles que divergirem da afirmação, talvez por julgá-la demasiadamente exagerada, deverão ao menos concordar que esta compilação de contos está entalhada na imaginação da sociedade, como um signo da cultura árabe e como processo de pensá-la. Em *1001 livros para ler antes de morrer* (2006), Peter Boxall assegurou a presença das histórias de Shehrazade em sua honrosa lista, utilizando também o termo “1001” em seu título, corroborando de imediato a influência do livro na literatura e, conseqüentemente, na construção sociocultural da humanidade. O próprio título - *As mil e uma noites* - já é tema de uma série de investigações sobre sua elaboração, como se discutirá a seguir.

¹ . O título da obra apresenta variações decorrentes de predileções dos tradutores e também de aspectos culturais. Em árabe *Kitab alif laila u laila* (الف ليلة وليلة) significa “Livro das mil noites e uma noite”, Mamede Jarouche em sua versão, portanto, escolheu o título mais próximo da versão em árabe: *Livro das mil e uma noites*, enquanto outras versões elegeram *As mil e uma noites*, *Contos das mil e uma noites* entre outros semelhantes. Os ingleses, e.g., optaram pelo título “*The Arabian Nights*” (As noites árabes). O que se deve sempre lembrar é que, um livro de nome *Mil noites* (e variações) também circulou entre a cultura árabe e que, mesmo tendo influenciado o *Livro das mil e uma noites*, não se confunde com ele. Aqui, preferiu-se utilizar o núcleo *As mil e uma noites* quando a referência é pela obra em si, reservando-se *Livro das mil e uma noites* para a versão traduzida por Mamede Mustafa Jarouche, em todos os seus cinco volumes.

² Original: “*Borges refers to the Arabian Nights, a book that defines its own nature in complex images such as infinite labyrinths. We could almost say that our perception of the East is built up by the Arabian Nights*”.

Primeiro, veja-se o número utilizado. Um livro que também circulara no Oriente, intitulado *Mil noites*, com semelhanças e anterior à *As mil e uma noites*, empregou o número “1000” como quantificador, garantindo-se a ideia de pluralidade. Entretanto, é com a adição da unidade que se rompe com esse conceito de imensidão, alcançando-se um pensamento de infinitude. Portanto, “1001” é algo para além do abundante, seja em quantidade, seja no tempo, com vistas ao infinito e à eternidade. Sandra Aparecida Silva (2008) também afirma:

Os números desempenham papel fundamental nessa ideia de vastidão, pois sugerem as inumeráveis ou incontáveis noites. Dizer mil e uma noites é acrescentar mais uma ao infinito e tornar o próprio livro infinito, que virtualmente o é. (p.29)

A expressão “*bin bir*” (mil e um, em turco) pode ter interferido na cunhagem do título segundo Borges (2002), até porque há uma relação histórica entre a Turquia e os povos árabes. Outras hipóteses iriam desde temas supersticiosos (como números de mau agouro) até preferências dos próprios tradutores, no entanto, quaisquer que sejam as motivações da tradução e escolha do título, o número “1001” configura-se como uma espécie de advérbio de (muito) tempo.

Não faria sentido, seguindo-se os ditames da lógica formal, assumir que a adição de uma unidade - ou qualquer que fosse a quantia - ao que já seria infinito traria a ideia de infinitude; nada mudaria, um pleonismo esvaziado em si mesmo. Portanto, no tocante à dimensão temporal, o conceito de “mil noites” de forma alguma se compara ao de “mil e uma noites”. Ainda que o título da obra fosse *10.000 noites* ou mais, também não se atingiria o mesmo efeito. A unidade somada ao milhar porta a ideia de que além da totalidade, existe algo. E é esse inesgotável conteúdo que provoca uma atmosfera de mistério e fantasia.

Ainda no mérito sobre essa infinitude, Fishburn (1990, p.140) reafirma os dizeres de Borges sobre as possibilidades de repetições interpoladas de contos, o que permitiria um ciclo de narrativas que jamais se encerraria, enquanto Kilito (1992) aduz que a “infinidade em *As mil e uma noites* deveria ser entendida apenas simbolicamente”³. Por uma razão ou várias, fato é que a ideia de infinito surte pleno efeito na leitura de *As mil e uma noites*.

³ Original: “*the infinity of the 1001 Nights should be understood only symbolically*”.

Versões inglesas preferiram não enumerar ou contar essas noites, traduzindo a obra como “*The Arabian Nights*”⁴. É certo que o título assim ofertado perde parte do efeito que carrega, desde o campo simbólico até o cultural. Apenas dizer “As noites árabes” adjetiva a noite com atributos desta cultura, não se podendo inferir mais do que isso. Em se tratando das noites (*Laila*) não em seu conceito real, mas em seus contornos simbólicos, tem-se a ativação do imaginário, do fantástico, do mistério. Silva (2008, p.31) afirma que a noite “conota o mundo dos mistérios que é propício aos sonhos ou aos pesadelos, entre a luz e a sombra; ao irreal como realidade privilegiada; ao fabuloso, ao mágico e ao fantástico”.

A tradição árabe aconselha a noite para a leitura do Alcorão e contação de histórias, inclusive os contos de Shehrazade são narrados no período noturno. Quando o rei Shariar decide se vingar das mulheres (em verdade, do sexo feminino), determinou que desposaria uma mulher por dia e, após deitarem-se, daria ordem de execução da então rainha no dia subsequente. Há íntima conexão entre a exposição dos contos, sempre a serem resolvidos na noite seguinte, e a ideia do interminável. Não fosse o talento e a astúcia de Shehrazade, que alimentava a curiosidade do rei com seus contos a cada noite, ocorreria um feminicídio ainda maior no reino.

Confira-se que a noite, em seus mistérios, impõe-se ao dia durante toda a extensão do livro, assim como a mulher se impõe ao homem e ao próprio rei por seus encantos e talentos fantásticos. Na cultura árabe a distinção entre dia e noite abrange muitos significados, que vão desde aspectos religiosos até a interferência na própria escrita: o *abjad* (“alfabeto” árabe) é constituído de letras solares (aquelas que compõem o grupo da letra ش (shin), que inicia a palavra Sol “*shams*”) e letras lunares (grupo da letra ق (qaf), que inicia a palavra Lua “*qamar*”).

É certo que nas sociedades que habitam regiões desérticas onde há tamanho contraste entre o dia (escaldante) e a noite (gélida) o entardecer é uma preocupação de muito peso. Não se deve olvidar que a influência geográfica também é um componente na formação cultural dos povos, embora não a encerre nos termos do determinismo geográfico de Friedrich Ratzel⁵ (1844-1904). O belíssimo texto *A lenda do coração materno* de Ali Izz-Edim ibn

⁴ Desde o início do século XVIII, foram realizadas traduções indiretas para diferentes línguas europeias com base na versão francesa. A tradução inglesa *Arabian Nights' Entertainments: Consisting of One Thousand and One Stories* (1706-1721) foi publicada em 12 volumes em Londres (Pacheco da Costa, 2019).

⁵ Geógrafo alemão conhecido pela teoria do determinismo geográfico, qual seja, a tese de que o homem é produto do ambiente em que vive. Em sua teoria, defendia que os habitantes de regiões frias, como o Norte europeu eram mais desenvolvidos e inteligentes em decorrência da exigência imposta pelo meio para que criassem formas de sobreviverem e adaptarem às condições. Já os habitantes em regiões quentes, tenderiam à inércia e à preguiça.

Salim Hank Malba Tahan (1895-1974)⁶ presente em *Contos e lendas orientais* (2001) enfatiza a importância da noite da seguinte maneira:

-Repara, ó *Caled el-Markhan*, como vai a claridade pelo deserto e pelo céu. O dia, bem sei, está declinando. O Sol já levou para o oásis recurvo do horizonte a sua caravana infinita de luz. Dize-me: ainda se distingue um fio preto de um fio branco? O que achas, ó poeta?

Assad Bittar enrolou o seu belo rosário de corallinas, ergueu o rosto e, repuxando um dos panos da tenda, olhou para a linha sombria das tamareiras. Fez, a seguir, um gesto vago com a mão esquerda e informou:

-Asseguro-vos, ó preclaríssimo *cheique e-medhah!*, que não é mais possível, mesmo com o olhar de lince, dentro da réstia da luz que nos envolve, distinguir-se um fio preto de um fio branco!

Fez silêncio na tenda. A noite fria e veludosa caía triste, tristemente sobre o deserto. (...) O cheique do turbante verde (chefe dos contadores de histórias) não se fez de rogado ... e começou. (p. 53-54)

No excerto, o contador de histórias precisava da certificação incontestada de que a noite havia chegado para que começasse sua narrativa. O tema é levado com muita seriedade pela cultura árabe, informação importante para entender o título da obra com mais profundidade. Coroando a importância angular do período noturno no mundo árabe-muçulmano, a revelação do Alcorão a Maomé pelo anjo Gabriel se deu durante a noite, conhecida como a “Noite do destino” (“*Laila Al-Qadr*”). Fishburn (1990, p.140) enfatiza essa valorização da noite pelos árabes, precipuamente por essa passagem:

Em árabe, *Laylat al-Qadr*, 'noite de densidade', 'noite de majestade': uma noite no final de Ramadan, o mês de jejum, acredita-se ser uma noite sagrada em que o Alcorão desceu do céu através do anjo Gabriel. Nesta noite os portões dos céus se abrem, anjos descem para trazer saudações à humanidade e todas as orações são atendidas – acredita-se que até mesmo a água salgada se torne doce: 'Melhor é a Noite de Qadr do que mil meses'.

⁶ Ali Iezid Izz-Edim ibn Salim Hank Malba Tahan, muito mais conhecido apenas por Malba Tahan, é pseudônimo do professor, escritor e matemático brasileiro Júlio César de Melo e Sousa (1895-1974), que se destacou principalmente pela obra *O homem que calculava* (1938).

A referida noite tem importância ímpar para a religião islâmica, “superando mil meses” (Alcorão, 2002, p.479, Sura 97:3). Veja-se novamente a presença do número 1000, aqui bem definido como quantificador de grande monta, bastante utilizado em *As mil e uma noites*, o qual porta a ideia de que a “*Laila Al-Qadr*” é mais importante do que inúmeros meses.

Foi durante as noites que Shehrazade comprovara que a curiosidade do rei Shahriar era a garantia de sua vida para o dia seguinte, não mais que isso. Portanto, a repetição da estratégia era medida impositiva para sua sobrevivência e das demais mulheres do reino. Daí também a ideia de perpetuação, quanto mais noites, mais dias de vida. Seria um princípio de indução finita, até a consumação do último conto. Da união de dois termos tão fortemente enraizados em simbologia e carregados de significado, o número 1001 e a noite, para além de suas conotações geofísicas, o sucesso do título é uma realidade incontestável. Borges considerava o mais belo título de toda a literatura (Jarouche, 2015). Trata-se de um trabalho compilado para ser inexaurível. As razões para essa grandeza da obra remontam também a suas origens.

Laura Crellis (2014, p.18) enfatiza que “o processo de criação de *As mil e uma noites* envolve vozes anônimas de muitos homens e mulheres que pertenceram à diferentes culturas”⁷, vez que os contos reunidos na obra não são de um único autor. Ao pensar também que os primeiros contos são oriundos do século I, o que se tem é uma imensidão de fatores que edificaram a obra, quais sejam, a variação de região para região sobre um mesmo conto foi algo comum (regionalismo), a força do oralismo cultivado naquelas nações, as interferências e influências de cada voz que se ativou em contá-los, o decorrer do próprio tempo, divergências de manuscritos etc., todos enriquecendo a obra, desafiando até o melhor dos orientalistas e arabistas a sua plena compreensão.

A investigação das origens dos textos que compuseram *As mil e uma noites* deve necessariamente tratar da(s) cultura(s) em que essas histórias foram construídas e transmitidas. Muito se discute sobre a influência indiana, persa e egípcia durante a secular transmissão dos contos. Mamede Jarouche (2015) recorda ser a definição de diversos críticos de literatura a seguinte:

Livro elaborado por centenas de mãos, em dezenas de idiomas, em muitíssimos tempos e lugares, que pode ser produção de todos e por isso mesmo de ninguém, projetado no limbo da indeterminação absoluta que

⁷ Original: “*The creation process of the Arabian Nights involves the anonymous voices of a multitude of men and women who belong to different cultures*”.

permite dizer qualquer coisa sobre ele e pensado como um processo de constituição que de tão inesgotável se tornou uma espécie de função, tudo isso entremeado por uma “oralidade” meio analfabeta, mas (ou por isso mesmo) muito sábia que que excita e deslumbra. (p.11)

Essa diversidade de aspectos culturais que nutriram o texto desde suas origens é, sem sombra de dúvida, fator essencial para o engrandecimento da obra. Historicamente, o nomadismo dos povos árabes, bem como diversos outros eventos que permitiram a permuta de culturas é uma realidade que bem se ajusta à forma de composição do livro. No entanto, numa perspectiva psicológica, a obra é certamente direcionada à cultura árabe.

Não se espera que o livro *As mil e uma noites* provoque, de imediato, memórias ou referenciais da cultura indiana, por exemplo, em verdade o que se ativa na mente do receptor são imagens de desertos, belos palácios, camelos, dançarinas, *djins*⁸ etc. O livro, portanto, emana de um pluralismo cultural, mas tem sido (e ainda é) predominantemente entendido de forma adstrita ao universo árabe, mas é medida de justiça realçar a importância de outras culturas na composição de *As mil e uma noites*.

Uma das teorias que visam a explicar as origens do livro é a de que ele foi escrito na Índia, sendo pautada na atmosfera e paisagens descritas, além de semelhanças com os contos *Kalila e Dimna*, *Mahabharata* e *Ramayana* (Crelis, 2014, p.18). No entanto, é na antiga Pérsia (atual região do Irã) que as correntes literárias apontam em maior volume, Laura Crelis (2014) também menciona a posição de Cansino Assens⁹:

...o orientalista Joseph von Hammer-Purgstall apresentou a hipótese de que o livro foi originalmente criado na Pérsia. Ele observa que a literatura persa é uma adaptação à escala das criações indianas, e diz que as Mil e uma noites são feitas à escala humana. O livro persa *Hasar Afsanah*, agora perdido, foi considerado por muitos o antecedente direto das Mil e uma noites, mas é impossível verificar isso. Richard Burton, um dos mais importantes tradutores do texto para o inglês, compartilhavam da convicção de que a origem do livro é persa. (p.18-19).

⁸ Os *djins* são criaturas fantásticas extremamente poderosas, capazes de encantos e magias de todo tipo. Estão para além do bem e do mal, com convicções e juízos de valor próprios, realizando feitos para atender os humanos, no entanto, perfeitamente capazes de executá-los. São temerosos e recuam diante da evocação de Deus (Alá). Os *djins* maléficos são comumente chamados de *efrites/afrites/ifrits*.

⁹ Original: “Cansinos Assens says that the Orientalist Joseph von Hammer-Purgstall put forward the hypothesis that the book was originally created in Persia (1:132). He notes that Persian Literature is an adaptation to scale of Indian creations, and says that the Arabian Nights is made to human scale. The Persian book *Hasar Afsanah*, now lost, was considered by many the direct antecedente 19 of the Arabian Nights, but it is impossible to verify that. Richard Burton, one of the most important translators of the text into English, shared the conviction that the origin of the book is Persian”.

Salvador Peña Martín (2016, p.16) também defende as origens persas do livro, afirmando “a obra chamada “mil noites”, com o conteúdo que a gente conhece, foi feito no Iraque sim, mas na verdade foi uma tradução do persa, de uma obra chamada Hazār Afsāna, ou seja, Mil Histórias, cujo original se perdeu”. Martín também profere que este livro perdido originou uma versão árabe chamada “*Alf ħurāfa*”, (Mil ficções, em árabe).

Mamede Jarouche (2015) discute a hipótese da origem de *As mil e uma noites* ser derivada de uma matriz iraquiana, preocupando-se com a escassez material para conclusões acertadas:

Vê-se bem como a crítica das traças e do tempo foi caprichosa com a dita matriz iraquiana das *Mil [e uma] noites*: a única informação concreta que essas linhas fornecem é a da existência de uma coletânea com esse nome, o que chega a ser irônico com um livro sobre o qual foram lançadas tantas hipóteses, algumas absurdas, outras inverossímeis. (p. 13).

Mansour Challita (1999) menciona que o “núcleo do livro foi provavelmente um conjunto de histórias persas, “*Hazer Afsāna*” (Mil lendas), traduzido para o árabe no século VIII sob o título de “*Alf Laila*” (Mil noites)”.

Partindo-se da tese de que o livro encontre raízes na antiga Pérsia e que esta tenha recebido influência indiana, então, por transitividade, é correto dizer que a Índia, a Pérsia e outras culturas que se mesclaram a essas civilizações, também contribuíram para a elaboração de *As mil e uma noites*. O conto *Kalila e Dimna* (1251), de origem indiana para muitos estudiosos, o qual teria sido traduzido para o persa e, posteriormente, deste para o árabe, embasa a teoria da influência indiana sobre *As mil e uma noites*, devido suas semelhanças com contos como *O sábio Sinabad*. Celia de Souza (2018) afirma que:

Como comentado previamente, *Kalila e Dimna* não é uma obra genuinamente árabe, ela é uma versão em língua árabe obtida da tradução para o *pahlevi* (persa) de um compêndio de obras políticas em sânscrito, sendo a maior inspiração o fabulário *Panchatantra*, cujo título significa “Cinco Princípios” (p.182)

Jarouche chama atenção de que não há consenso se *Kalila e Dimna* é uma obra realmente indiana, posto que o próprio livro informa sua elaboração pelos reis asganidas (reis persas) e copiado pelos indianos (2015, p.17).

Ainda investigando a questão da semelhança entre os contos indianos e suas influências na literatura árabe, o apelo às divindades, magias, feitiços e demais feitos sobre-humanos são temas presentes em ambos os casos. Em *Fábulas e lendas da Índia* (1992), o conto *A história de Govind* (p.27) já inaugura a narrativa com os poderes divinos de *Sri Krishna*, que “...dizem, levantou a montanha inteira com o seu dedinho mínimo e conservou-a assim por sete dias completos para abrigar seus amigos e companheiros, o clã dos pastores de Nanda e todo seu gado”.

Em *As mil e uma noites*, vários são os contos em que gênios de proporções monumentais são invocados ou simplesmente aparecem realizando feitos como os que narram *A história de Govind*. Outra semelhança é o recurso dos animais como personagens; *Kalila e Dimna* são dois chacais (Souza, 2018. p. 182) que buscam dar conselhos sobre diversos assuntos, já no livro *As mil e uma noites* em diversos contos os animais também se comunicam, senão veja-se a título de exemplo, o conto *O gênio e o pescador*, onde quatro peixes coloridos se levantam de uma frigideira para falar e recitar.

No conto da 4ª noite, *O primeiro xeique* diz ao gênio que ameaçava o mercador: “...minha prima se aproveitou para aprender adivinhação e feitiçaria. Depois de ter aprendido, ela pegou meu filho e o enfeitiçou, transformando-o num bezerro” (p.63), onde se constata tanto a questão dos feitos mágicos, quanto animais como personagens humanas ou transformadas, assim como ostenta a cultura indiana (vide, e.v., a divindade hindu Ganesh). Portanto, ainda que verossímil a conexão entre as literaturas, isso não significa que a hipótese seja a mais aceita e coerente. A corrente das vias persas ainda se mostra mais pertinente do que a indiana.

Uma terceira hipótese, sugere a origem do texto como genuinamente árabe, na região da Síria (Crelis, 2014. p. 19). Nabia Abbott localizou dois fragmentos datados de 879 E.C na Síria, escritos em árabe, que apontam para essas origens árabes.

Abbott, quem traduziu os fragmentos, (1949, p.158) aduz “será lembrado que as linhas 10-11 enfatizam contos árabes sírios e beduínos, contudo não há no texto em si algo que necessariamente exclua histórias de outras localidades”, portanto, embora povos de outras regiões possam ter também participado, há forte evidência de que foi na Síria a origem do que hoje se tem em mãos como *As mil e uma noites*.

A matriz iraquiana, como ensina Jarouche (2015) encontra fundamentos na composição de *As mil e uma noites*, precipuamente pela existência do persa “*Hazar Afsana*” e do primeiro livro das *Mil noites*, ambos circulando no mundo árabe e muçulmano como fábulas e histórias para se contar à noite (2015, p.23), além dos manuscritos trazidos à luz por Nabia Abbott.

Buscando resolver o complexo tema do germinar do livro, outras diversas teorias foram lançadas, mas que certamente não se equiparam às aqui expostas. É o caso da daquela na qual o livro teria sido escrito por mãos judias, traçando-se um paralelo entre o *corpus* de *As mil e uma noites* e da *Bíblia*, mais precisamente no *Livro de Esther*, onde Shehrazade seria uma combinação de Esther e Judith (Crelis, 2014). Já Muhsin Mahdi (1984, p.26-28), apoiador da hipótese árabe, afirma que qualquer remissão a supostas “fontes” ou “originais” persas ou sânscritos não passa de mera especulação sem respaldo material algum.

Ilação do exposto, não há um consenso sobre a origem de *As mil e uma noites*, pelo contrário, acompanha a complexidade da obra também encontrar suas raízes. Em que pese o fator multicultural ser evidentemente irrefragável, talvez buscar o quão influente cada um dos grupos culturais é nesta cunhagem seja mais pertinente.

Como já dito, o nomadismo dos povos árabes também dificulta a questão, já que a cultura acompanha seu povo, emancipando-se das limitações geográficas. Portanto, totalmente possível que, no caso da hipótese de origem indiana, a cultura árabe estivesse presente, servindo o subcontinente indiano não muito mais que seu substrato. Inclusive a presença árabe em solo indiano trouxe muitos conhecimentos e avanços em diversas áreas, matemática (numerais indo-árabicos), literatura, astronomia, arquitetura, entre tantas outras. Giselle Costa de Sousa (2021) exemplifica a importação de elementos culturais indianos para os árabes com o pesquisador Abu Raiane Maomé ibne Amade Albirun (973-1048), ou simplesmente, Al-Biruni:

Durante esse período, Al-Biruni desenvolveu seu fascínio pela religião e pela cultura indiana, aproveitando seu tempo para se tornar especialista em sânscrito – a linguagem escrita da Índia – e em dialetos indianos. Entre 1020 e 1029, Al-Biruni esteve livre para viajar e realizou expedições que eram focadas na região noroeste da Índia, acompanhando as expedições militares de Mahmud para a Índia. Durante suas viagens à Índia, Al-Biruni estudou a cultura, a religião, o meio ambiente, a literatura e se pôs a par dos avanços científicos do país. Seus estudos estão documentados em seu livro *A História da Índia*. (p. 106)

Já quanto à relação com a Pérsia, Carmem Palazzo (2017, p.27) destaca a presença do califado Omíada e a Rota da Seda, a qual não serviu apenas como uma via de trocas comerciais, a permuta e mescla de culturas também ocorreram por essas veredas:

O período no qual os Omíadas estiveram à frente do califado, entre 661 e 750, foi de uma considerável expansão do Islã e de sua consolidação não apenas na Península Arábica mas também no norte da África e na Pérsia, com intensa atividade na importante rota comercial que mais tarde seria denominada Rota da Seda. (p.27)

Esse liame cultural entre árabes e persas é ainda mais notório quanto à semelhança entre seus alfabetos. O leigo tranquilamente confunde a escrita persa com a árabe, embora isso não ocorra quanto ao idioma falado. Novamente, *As mil e uma noites* parece surgir de uma profusão de sociedades e culturas que habitaram a região do Oriente Médio (matriz iraquiana).

Outro aspecto da obra que merece menção é que durante as narrativas de Shehrazade, vê-se que as personagens evocam o nome de Deus, suplicando por bênçãos, proteção e até mesmo sorte. Essas súplicas são comuns no mundo islâmico. A religião considera o poder da súplica como algo de extremo poder e mantenedora de sua ligação com Deus. Existem súplicas a serem feitas antes e depois da refeição, antes de adentrar o banheiro e após utilização, súplicas antes de dormir etc. Talvez a mais forte seja a própria invocação do nome de Deus: “*Bismillah Al-Rahan, Al-Rahim*”¹⁰ (em nome de Deus, o Misericordioso e Misericordioso).

O seguinte excerto do conto *O jovem de Bagdá e a criada de madame Zubayda* comprova a presença do Islã na obra (Jarouche, 2015, p.290): “Na noite passada, ó rei do tempo, eu estava na casa de pessoas que promoviam uma sessão de recitação do Alcorão. Haviam reunido doutores da lei religiosa e muitos moradores desta sua cidade”. A lei religiosa é, senão outra, o próprio islamismo.

Apenas dizer o nome de Alá é bastante para fazer até o mais terrível dos gênios ou efrites recuarem, sendo bastante evidente que em *As mil e uma noites* há influência de religiões e religiosidades, principalmente a muçulmana. O misticismo que também acompanha a obra, atrelado às percepções religiosas, consolida o sufismo como um dos ingredientes do livro. É necessário, contudo, dizer que os estudos islâmicos sobre a religião não são tão reducionistas

¹⁰ A súplica é evocada com frequência pelos muçulmanos, inclusive antes mesmo da narração de uma história, oral ou escrita.

ou simplistas. Existe uma filosofia do Islã (*falsafā*), uma teologia (*kalam*) e a mística (*sufyia*), sendo esta bastante utilizada na obra.

Miguel Attie Filho (2001), sobre a filosofia entre os árabes, também aduz sobre a permuta cultural:

A ideia de que o saber caminhou através dos grandes centros sendo incorporado pelas sequentes civilizações e culturas encontra menos dificuldades, para se compreender os caminhos da filosofia, do que a visão de uma suposta estagnação milenar do saber. O próprio Al-Fārāb entendia que esse movimento o antecedia em Bagdá. Explicou que o saber filosófico dos antigos teria se trasladado dos caldeus, na Mesopotâmia, para os egípcios, destes aos gregos, aos sírios cristãos e, até aquela época, aos árabes. Vivo, hoje, talvez acrescentasse as posteriores translações (p.45)

E foi nesse contexto - um amálgama de fatores no tempo e no espaço - que o livro *As mil e uma noites* foi sendo elaborado, melhor dizendo, compilado. A complexidade da obra é elevadíssima. Para uma compreensão razoável do texto, é necessária a reunião de conhecimentos históricos, sociológicos, psicológicos, religiosos, geográficos, filosóficos, teológicos, antropológicos, psicanalíticos e literários, sempre ciente de que os muitos séculos e muitas vozes castigam qualquer tentativa de sua uniformização plena e inequívoca.

A obra é maravilhosa e sinergicamente rica, sendo também sua exegese e hermenêutica inesgotáveis, há aí também a infinitude. Outro fator que dificulta ainda mais a pesquisa do tema, há um debate sobre até qual ponto a obra é fruto da oralidade.

Emílio Sarde Neto (2020, p. 45) ensina que a religião muçulmana surgiu em uma população de cultura árábica, que até o séc. VI AEC, viviam em barbárie (período *Yahilya*), com a maioria sem saber ler nem escrever, mas capazes de memorizar textos muito longos.

Consigne-se que essa memória prodigiosa é *conditio sine qua non* obras como *As mil e uma noites* chegaram até os dias atuais, já que o analfabetismo imperava. A oralidade sempre foi aspecto muito forte dos povos árabes.

Uma análise mais aprofundada da questão deve, mais uma vez, considerar o ambiente e a época em que os eventos ocorreram. O fenômeno conhecido como miragem é comum nas regiões desérticas, enganando pelos olhos. As miragens são eventos que dependem do Sol (novamente a primazia pela noite, período em que as miragens inexistem). Assim, os povos

árabes optaram pela oralidade por julgarem sê-la mais confiável e fidedigna, além de considerá-la como mais emotiva e marcante do que outras formas de se passar uma mensagem. A visão, por exemplo, é passível de ser enganada pela ilusão (Sarde Neto, 2020, p. 44).

A descrição oral também possibilitou que personagens fantásticos e imaginários comesçassem a se confundir com o real. É o caso dos gênios e efrites, tão comuns nos contos árabes. Aliás, a leitura do trecho abaixo, no conto *O gênio e a jovem sequestrada* (2015, p.45-46, versão de Jarouche), evidencia a dificuldade em se visualizar a cena:

Então o mar se fendeu, dele saindo uma coluna negra que não parava de crescer até que alcançou o topo do céu. Tamanho foi o medo dos dois irmãos que eles fugiram e subiram numa árvore gigante na qual se instalaram, ocultando-se entre as suas folhagens. Dali, espicharam o olhar para a colina negra que, flanando pela água, fazia o mar fender-se e avançava em direção àquele prado verdejante. Assim que botou os pés na terra, ambos puderam vê-lo bem: tratava-se de um *ifrit* preto, que carregava à cabeça um grande baú de vidro com quatro cadeados de aço. (...) dali retirou uma mulher (...) ato contínuo, depositou a cabeça no colo da jovem e estendeu as pernas, que chegaram até o mar.

O leitor percebe que existem contrassensos no excerto: como o gênio gigante que levava a dama no baú em sua cabeça, pode colocar a própria cabeça no colo da jovem? Se o mesmo encolheu, então por que as pernas alcançam o mar? Claro que, em se tratando de fantasias, despiciendas investigações sobre essas possibilidades. O que se quer dizer é que, com a mesma facilidade que isso foi descrito, não é tão facilmente visualizado.

A importância da oralidade e da escrita então, *in casu*, superam a da imagem. Tal inferência converge com o que se verifica costumeiramente na cultura árabe: a própria caligrafia é uma forma de arte, além de mosaicos, geometrias, músicas, etc. que são facilmente encontrados e fortemente estimulados, as imagens por quadros, figuras não o são, seja por imposições religiosas, seja por um pensamento culturalmente enraizado.

Claro que há versões que são ilustradas, no entanto, o que se discute é a importância dos meios de transmissão naquele tempo, naquela cultura. Werneck (2017, p.97), sobre o oralismo aduz que “antes que o primeiro manuscrito do *Livro das mil e uma noites* fosse caprichosamente desenhado por algum copista do Oriente, suas histórias foram divulgadas por narradores noturnos, encarregados de distrair soberanos insones”.

Mamede Jarouche adverte que a oralidade deve ser vista com parcimônia, sob pena de subtração da materialidade e desconsideração do conjunto de práticas letradas em idioma árabe que de fato o constituíram enquanto tal (2015, p. 11). A oralidade por certo antecedeu a escrita, não se negando que *As mil e uma noites* se origine da contação de histórias, no entanto, houve posituação de seu conteúdo, especialmente, como bem relembra Werneck (2017, p.99) “a partir do momento em que o Alcorão recebe a sanção da escrita, a língua árabe ganha incrível desenvolvimento.”, e continua:

Situado na zona de fronteira entre a linguagem oral e a escrita, o Livro das noites sofrerá, inapelavelmente, as marcas dessa circunstância. Se sua natureza oral é incontestável, e seu lado obscuro remete aos mitos arianos e à própria origem da arte de narrar, a face que mostrou aos ocidentais sempre foi escrita. Nesse lugar de indeterminação em que se situa – uma escritura que ainda ecoa como fala – podem-se ler/ouvir, de forma ainda bastante nítida, as vozes da mais remota arte da memória. Traços perceptíveis de técnicas de transmissão de um saber milenarmente constituído, mas que chegam de forma cada vez mais esmaecida (p.100)

É imperioso que se realce a importância do texto escrito pois, ainda que permita divergências entre os copistas e tradutores, há um núcleo ou substrato que é imutável. Esse denominador comum não consiste apenas no “prólogo-moldura”, a história da própria Shehrazade e o rei Shariar, mas também em temas e contos específicos que criam a identidade do livro. Não fosse assim, haveria demasiada elasticidade e permissividade dos contos aos narradores, um dos problemas que oralidade permite e enfrenta. A escrita de *As mil e uma noites* aparenta ter valorizado a oralidade, rebuscando-a e aperfeiçoando-a nas letras árabes.

E é dessa condição pétrea, a escrita, que Mamede Jarouche fez a tradução de diversos manuscritos direto do árabe para o português brasileiro, de forma que são dois os ramos de reelaboração da obra: o sírio e o egípcio, sendo aquele o que melhor preserva o arquétipo do livro (2015, p.28). Somente no ramo egípcio, em sua fase tardia, (século XVIII), que o título *Livro das mil e uma noites* passou a vigorar.

A obra é, portanto, extraordinariamente rica e complexa. Qualquer referência ao texto de *As mil e uma noites* obrigatoriamente apresenta algo de imenso, inalcançável e inesgotável. Incontáveis foram as mãos e vozes que a elaboraram, em regiões plúrimas, em diferentes momentos e culturas, durante séculos. Divergências de traduções, opiniões e histórias são inumeráveis. É ainda alvo de preconceitos e julgamentos ocidentais, numa perspectiva

orientalista. Diversos são os temas ventilados sobre o livro, que assumiu protagonismo da literatura oriental, escrevendo com tintas permanentes seu nome na história.

Todos os obstáculos foram vencidos, no entanto, jamais resolvidos. Fracassos reiterados sobre a detecção de sua origem, coleções de divergências de temas, desde o título até qual seria a matriz original do texto. Parece realmente haver de fato algo de inesgotável em toda a obra, sendo o livro o próprio mistério a ser resolvido. Hillesheim et al. (2009) profere:

É possível pensar a obra “Mil e uma noites” como um nômade: atravessa os tempos, os lugares, em versões diversas, mas também não se move, permanecendo presa ao meio, ao *intermezzo*, ao deserto. Nas narrativas de Scherazade, não há passado ou futuro, nem mesmo presente: há apenas o prazer de contar e ouvir histórias. (p.228)

As histórias de Shehrazade influenciaram fortemente diversas culturas. A literatura é um repertório vasto, sendo o livro *Os mil e um dias* (2001) um bom exemplo, seja na forma de transmissão dos contos, seja no conteúdo. A música e a dança também homenagearam a obra. O disco “*Arabian Nights*” (2000), coletânea de músicas árabes e a dança (principalmente a dança do ventre) comprovam o exposto. Na filmografia, dezenas de filmes e novelas, em diversas línguas já exploraram o tema, seja com ênfase no “prólogo-moldura”, seja nos contos (*Sinbad, o marujo; Aladim. Ali Babá* etc).

As mil e uma noites tornou-se sinônimo do próprio Oriente, compondo também o cânone literário do Ocidente, tamanha sua importância. Por essa razão, o conteúdo precioso de cada página deve ser devidamente analisado tomando-se em consideração todos os fatores expostos, principalmente buscando remover vieses de culturas mais distantes e vícios de julgamento, para que, assim, na raiz da eficácia e no topo do efeito, o leitor se aproxime ao máximo daqueles tempos remotos e daquelas culturas tão diversificadas.

3. RECEPÇÃO LITERÁRIA

Por primeiro, antes do aprofundamento do estudo da recepção literária de *As mil e uma noites* é importante discutir brevemente o conceito de “recepção literária”, comumente confundido com o da “estética da recepção”. O professor Gentil de Faria (2019, p.45) aduz que:

Recepção literária é uma modalidade tradicional de pesquisa criada pelos comparatistas franceses, ao passo que a estética da recepção surgiu na Alemanha, com o nome de *Razeptionenästhetik*¹¹, a partir dos anos 1960, como sendo uma fórmula nova de analisar o papel do leitor no entendimento da obra.

Regina Zilberman (2008, p.85) afirma que embora a recepção tenha sido objeto de consideração da teoria da literatura nas últimas décadas do século XX, suas procedências são milenares, desde Aristóteles e sua *Poética*. É que nesta obra, Aristóteles reconhece que a representação de ações humanas gera um efeito sobre o público e, de fato, a recepção literária preocupa-se em estudar os efeitos que o texto provoca nos leitores.

Hans Robert Jauss (1921-1977) é considerado um dos patriarcas daquilo que se chamou “estética da recepção”, tendo como marco inaugural a palestra *O que é e com que fim se estuda a história da literatura*, em 1967, na Universidade de Constança, Alemanha. Publicou, ainda, em 1969, uma conferência sob o título *A história da literatura como provocação à teoria literária*¹² (Silva, 2014, p.1). Uma de suas preocupações era com o declínio da disciplina de história da literatura:

A história da literatura vem, em nossa época, se fazendo cada vez mais mal-afamada – e, aliás, não de forma imerecida. Nos últimos 150 anos, a história dessa venerável disciplina tem inequivocamente trilhado o caminho da decadência constante (...)

Nos cursos oferecidos nas universidades, a história da literatura está visivelmente desaparecendo. (Jauss, 1994, p. 5-6).

¹¹ Literalmente, “estética da recepção”, em alemão.

¹² A obra original data de 1967, intitulada *Literaturgeschichte als Provokation der Literaturwissenschaft*, traduzida por Sérgio Tellaroli em 1994.

Jauss advogava não somente pela importância da história da literatura, mas também pela hermenêutica dos leitores e como a própria história está adstrita à forma de se escrevê-la, lê-la e propagá-la. Não há uma desvinculação entre o “Ser Leitor” e o texto apreciado. Wolfgang Iser (1916-2007) também deve ser lembrado como um dos mais importantes estudiosos nessa metodologia de análise literária (Faria, 2019, p.52). Nesse sentido, Borges Dias (2017, p.142):

Iser nos faz refletir sobre a posição do crítico literário, ele (o crítico) é um leitor como qualquer outro que busca apreender, por meio da consciência estabelecida, a obra como um todo articulado, logo, ele não deve constranger e nem fazer premeditação de mais perfeito ou pior, cabe a ele elucidar, para que o leitor possa formar a avaliação correta para si próprio. É por meio da leitura que os textos se tornam reais, ao estabelecer a definição na leitura, reconhecemos um mundo que, embora não exista e nos seja estranho, podemos compreender.

Os estudos de Jauss e Iser vertem para a ideia de que o leitor ocupa um papel ativo no processo de leitura, havendo um tratamento **biunívoco**, posto que o texto gera efeitos no público e a hermenêutica – e até mesmo exegese – dos leitores ressignificam a obra, atribuindo-lhe valores históricos distintos no tempo-espço.

As mil e uma noites, cuja origem data do século IX, quando considerada em ambas as relações acima, certamente esteve (e ainda está) submetida a uma miríade de perspectivas e, conseqüentemente, coleciona diversos significados e valorações por parte do público, corroborando o entendimento de Jauss e Iser acerca do binômio obra-leitor.

Os contos narrados pelos orientais àquele tempo tinham como objetivo o entretenimento, enquanto a reunião das histórias, no *corpus* conhecido atualmente como *As mil e uma noites* compõem o altar máximo da literatura mundial. Se, *a priori*, tratavam-se de contos despretensiosos, com escopo de divertimento, *a posteriori*, consolidaram-se não apenas como um dos ícones literários de prestígio, mas também como substrato de tantos outros textos.

Bem clara a alteração de valoração e importância do texto ao longo dos séculos, em diferentes locais e diversas culturas que o recepcionaram. A riqueza e excelência do livro foi sendo paulatinamente alavancada ao compasso em que se davam suas leituras e investigações

em diferentes contextos. Assim, é a estética da recepção mais sensível em sua variabilidade do que a recepção literária, a qual está mais fortemente atrelada à pretensão do autor.

Jorge Luís Borges (1899-1986), quando discorre ser *As mil e uma noites* a porta de entrada para se definir a percepção do Oriente (1989, p. 232-241) acerta, sem exagerar, sobre a relevância do texto. A recepção do livro pode ser traduzida como a recepção da própria cultura oriental, principalmente a árabe.

As civilizações de ambos os hemisférios reconhecem a importância de *As mil e uma noites* desde a entrada da obra em suas culturas. Como dito, o valor atribuído ao texto varia de acordo com o momento histórico-social analisado. No entanto, pode-se afirmar que o livro fora elogiado desde sua recepção com algumas considerações que devem ser destacadas, já que o entendimento bastante consolidado da obra tem como ponto de partida o designio das versões as quais tiveram acesso, ou seja, o viés que por forese¹³ também influenciou o público receptor.

Diversos países que compõem o Ocidente foram condicionados às primeiras traduções do livro, por não haver suporte para a tradução direta do árabe ou por ainda se encontrarem em estágios de amadurecimento social bastante germinais quando comparados aos Estados mais sólidos da Europa. A França desempenhou papel essencial nessa difusão cultural e, dessa forma, outros países acessaram os contos das arábias por meio desse “passaporte cultural francês”.

Na Polônia, por exemplo, Magdalena Kubarek (2020, p. 216) aduz que “muitos escritores poloneses viajaram para o Oriente Médio ou para o Império Otomano, ou se dedicaram ao estudo de *As mil e uma noites* em francês, como fonte de inspiração”¹⁴. A eleição da língua francesa decorre de que foi na França, capital cultural da Europa, epicentro das traduções de *As mil e uma noites*, desde Antoine Galland (1646-1715).

De mais a mais, é de ampla sabença que os franceses ocupam lugar de destaque na irradiação de cultura, arte, literatura, ciência, dentre tantas outras áreas do conhecimento humano. Mas, *in casu*, existe um questionamento que merece investigação: por que houve uma aceitação tão imediata da publicação de *As mil e uma noites* na França? Maria Inês Coimbra Guedes (2002, p. 131) enfatiza:

¹³ Forese é a associação entre indivíduos de espécies diferentes, na qual um transporta outro, sem que haja qualquer prejuízo.

¹⁴Original: “Many Polish writers either travelled to the Middle East or the Ottoman Empire or dedicated themselves to studying *One Thousand and One Nights* in French, treating it as a source of inspiration.”

As mil e uma noites, versão de Antoine Galland, obteve enorme sucesso de público e influenciou o imaginário e a literatura ocidentais desde sua publicação no início do século XVIII. O arabista francês, autor da primeira tradução dos contos árabes oriundos da tradição oral, é o autor de uma “reescrita” adaptada ao gosto clássico e perfeitamente de acordo com a produção literária e a episteme de sua época.

Ocorre que a recepção tão positiva da tradução de Galland muito se fundamenta em acontecimentos paralelos que ocorriam na França de então. Reynolds (2006, p.279-280) explica que nascia ali um novo gênero, os “*contes de fées*” (contos de fadas), celebrados e divulgados em reuniões nos salões, especialmente pelas mulheres. Inclusive, é importante ressaltar que muitas vezes esses contos eram narrados, no prólogo-moldura, por mulheres da sociedade francesa.

Nesse mesmo contexto, Galland se destacava como tradutor e arabista. Uma magnífica coincidência do destino? Difícil de se considerar que essa superposição de eventos decorra da probabilística dos acasos. No mérito, convém se apreciar os dizeres de François-Marie Arouet, conhecido por seu nome de plume, Voltaire (1694-1778), o qual ensina que “o acaso não existe; nós nomeamos os efeitos que vemos de causas que desconhecemos”¹⁵. De qualquer sorte, fato é que o trabalho de Galland ter ocorrido em paralelo ao brindar dos contos de fadas foi incisivamente importante.

Em que pese os *contes de fées* ostentarem aspectos de esoterismo, magias e descrições de encanto, belezas e maravilhas, *As mil e uma noites* talvez tenha encontrado o mais oportuno momento de sua existência para ser divulgada e apresentada ao Ocidente. O texto reunia todos os aspectos que eram desejados pela sociedade francesa daquele momento: a mulher no protagonismo narrativo, as descrições de belos palácios, castelos, princesas, reis, seres mágicos e místicos como os *djins*, tudo isso somando-se ao inesgotável conteúdo que perpetua a fantasia na mente do receptor.

É quando o potencial encontra a melhor oportunidade: (I) havia na França um estudioso interessado e capaz de traduzir a obra (aqui, despidiendas as discussões sobre a qualidade da tradução), Antoine Galland; (II) o texto era um repertório quase que infinito para os anseios

¹⁵ Original: “*Le hasard n'est rien; il n'est point de hasard. Nous avons nommé ainsi l'effet que nous voyons d'une cause que nous ne voyons pas*”, em *Lettres de Memmius à Cicéron* (1771), III.

daquele momento e do gênero dos contos de fada; (III) a França, como já dito, é um centro de propagação de cultura; em suma, os ingredientes para o sucesso estavam bem assegurados.

O resultado foi a excelente recepção da obra, culminando com traduções em diversas línguas da versão de Galland, sendo que por quase um século nenhuma outra tradução direta do árabe foi realizada. (Reynolds, 2006, p. 280). Corolário, pode-se inferir que a recepção literária de *As mil e uma noites* no Ocidente não apenas nasce na França, mas, num primeiro momento, fundamenta-se essencialmente nela. Os alemães e os italianos, *e.v.*, receberam uma obra milenar como *As mil e uma noites* através da versão do tradutor Galland. Isso significa que, sejam os olhos alemães ou italianos, as lentes dessa leitura são francesas.

Reconhecida a importância de Antoine Galland, o pioneiro das traduções no Ocidente também foi alvo de críticas e preconceitos. Duvidou-se até mesmo da honra do orientalista francês, cogitando-se a possibilidade de que o texto não seria uma invenção sua. Eva Sallis (1999 p.6) aduz que o livro:

...foi recebido na ausência de tal compreensão, e a cultura de sua origem foi submetida a extremos de preconceito e ignorância; na verdade, durante grande parte dos primeiros cem anos de sua popularidade, preconceito e ignorância encorajaram muitos a acreditar que Galland inventou os contos.¹⁶

Os mesmos preconceitos e ignorância que desacreditaram o arabista Antoine Galland também arrombaram os portões da moralidade no que se refere ao respeito intercultural e à diversidade étnica. Trouxeram a lume os aromas orientalistas que serão oportunamente ventilados mais adiante. A cultura oriental, precipuamente a árabe, foi entendida como inferior, primitiva, violenta, enganadora, atrasada, ignorante dentre muitos outros pareceres pejorativos, ainda que com Galland houvesse uma adaptação ao decoro de sua época, “*une belle infidèle*”.

Uma das questões que merece especial destaque na recepção de *As mil e uma noites* decorre justamente de seu prólogo-moldura, no qual se verifica uma violência contra o gênero feminino por parte de um califa violento e vingativo.

¹⁶ Original: “*The Nights was received in the absence of any such understanding, and the culture of its origin was subjected to extremes of prejudice and ignorance; indeed, for much of the first one hundred years of its popularity, prejudice and ignorance encouraged many to believe that Galland had invented the tales.*”

Mamede Mustafa Jarouche, em entrevista realizada em 26 de maio de 2021¹⁷, observa que em *As mil e uma noites*, o erotismo é um dos ingredientes do livro, contrastando fortemente com as imposições islâmicas que também se apresentam durante todo o texto. A mensagem que se depreende desse paradoxo intrigante é que, a mulher, ainda que sob as regras da religião muçulmana, não pode ser verdadeiramente “dominada”, sua submissão real só poderá ser atingida pela morte. Daí o feminicídio determinado por Shariar.

O crime ordenado pelo califa não passou despercebido pelos leitores, no entanto, foi bem ignorado. Muito disso porque se via a cultura árabe como inferior e permissiva a esse tipo de violência. De um povo considerado agressivo, nenhuma atrocidade causaria espanto, pelo contrário, estaria sob uma “normalidade” esperada. Com o advento de maiores e melhores preocupações quanto à segurança e dignidade da mulher, o tema tem ganhado destaque e posicionamentos mais efetivos. Gomes (2016) cita a recepção de *As mil e uma noites* na paródia *Vozes do deserto* (2004), de Nélida Piñon:

No romance *Vozes do deserto*, há uma completa omissão dos participantes do reino. Cabe apenas às vítimas lutarem para se salvar do trágico destino aceito pelas normas sociais. Por narrar diversas mortes de mulheres, além da rainha, essa obra nos remete a essa ideia de crime coletivo, de corporação, por ser imposto pelo governante do reino, o próprio Califa (p. 5930)

Na releitura de Piñon, por meio de brincadeiras aborda-se o machismo, e sua “Sherahzade” ganha mais autonomia, posto que na obra original, a então rainha está aprisionada no palácio durante todo o deslinde dos contos e, em *Vozes do deserto*, a protagonista parte em busca de um lugar seu, fora das fronteiras enclausurantes do palácio, dispondo-se concomitantemente de mais tempo para si, e não para o califa (personificando o sexo masculino).

A perspectiva de submissão feminina, de uma cultura que assinala e patrocina a morte de suas mulheres foi propagada rapidamente, vez que acompanhou o sucesso de *As mil e uma noites* pelas razões já descritas. Uma centelha do condicionamento orientalista aos moldes de Edward Said (1935-2003) já se iniciara a partir do momento em que se deu publicidade aos

¹⁷ Veja: <https://www.youtube.com/watch?v=cF1pRU05xYo>

povos ocidentais sobre o conteúdo da obra, não havendo qualquer contextualização sobre os aspectos culturais e suas modificações durante os séculos.

Diluído na euforia e no sucesso dos contos de Shehrazade, o feminicídio perdeu força e foi, ainda que inconscientemente, aceito pela sociedade daquele momento, já que não houve reprimendas nesse sentido, e justificada pelo crime ter sido cometido por mãos árabes – menos “evoluídos”. Incabível seria o mesmo aceite e permissividade se, *coeteris paribus*, os árabes fossem substituídos por franceses, ingleses ou alemães.

Insta salientar que ao se referir aos árabes incorre-se numa generalização de diversos povos e culturas que semearam os frutos dos contos de Shehrazade. Só que, como abordado no capítulo anterior, não se revela ser a obra um estandarte de qualquer outra cultura, senão a árabe. O centro geométrico dessa discussão, aquele que sustenta o equilíbrio e a coerência da tese, é exatamente o fato de que a recepção de *As mil e uma noites* é a própria recepção do Oriente e, por transitividade, é a recepção da cultura árabe. Partindo-se dessa premissa, veja-se o quão importante é a versão a ser lida e a imensa responsabilidade dos corajosos tradutores que se arriscaram em realizá-la.

Quando o leitor se atenta ao feminicídio de Shariar, principalmente nos dias atuais, e reflete sobre os abusos cometidos, o leitor-analista pode, ainda que sobre uma obra construída ao longo dos séculos, ressignificar seu conteúdo e, por conseguinte, combater preconceitos. Pode, por exemplo, apreciar os contos de forma individualizada, sem ter que evocar ao crime contra as mulheres, ou ainda ler o texto tendo em mente que a atrocidade cometida contra as mulheres não é exclusiva da cultura árabe.

A submissão da mulher é tema tabu em todas as sociedades. Impedir-se a discussão do mérito é uma coisa, como o que ocorre em países extremamente restritivos como a Coreia do Norte, cuja nação é estrangulada pelo governo, outra coisa é dizer que o problema não existe. A própria *Bíblia*, quando reputa à Eva a culpa do pecado e a faz ser, simbolicamente ou não, as costelas de Adão, coloca o sexo feminino como subalterno e secundário. Isso é, além de uma ingenuidade muito grande se pensado na literalidade da passagem, é a maior hipocrisia que se pode constatar. Portanto, não é apenas a cultura árabe que deve ser alvo da misoginia.

Corroborar os dizeres acima a extraordinária obra de Craig Thompson, intitulada “*Habibi*”¹⁸ (2012), na qual se percebe a visão ocidental sobre a cultura árabe em diversos

¹⁸ Em árabe, “meu querido”

aspectos, incluindo-se a questão da mulher e sua função social. Na quinta da página da obra, a garota vendida em casamento pelos pais a um escriba, conta que seu marido ganhava a vida como copista de obras como “o sagrado Corão e os ahadith¹⁹, *As mil e uma noites* e obras de grandes poetas”.

Ou seja, não há como falar da cultura árabe sem mencionar o livro *As mil e uma noites* ou, minimamente, algum de seus personagens. Nota-se ainda que, com tais dizeres, os contos de Shehrazade, mesmo não se nivelando à importância do Alcorão para os árabes-muçulmanos (até porque é a pedra-angular de suas vidas) ocupa o mesmo *plateau* quanto à influência e à difusão, já que nenhum escriba arriscaria traduzir e copiar textos que não ostentem sucesso garantido.

Por evidente que a riqueza do livro é imensurável e, inevitavelmente, diversos temas e fatores foram bem recepcionados, incorporados e transformados em um sem-número de países em produções artísticas. Abu Jweid (2021, p.3) aduz que diversos escritores foram influenciados pelo livro *As mil e uma noites*, como Edgar Allan Poe (1809-1849) e seu *Milésimo segundo conto de Shehrazade* (1845) e o novelista Benjamim Buchholz, em *As cento e uma noites*²⁰ (2011), nos Estados Unidos da América. Ainda de língua inglesa, Jweid também relembra David Foster em seu *Filhos do boato*²¹ (2009), na Austrália. A *magnum opum* de Voltaire, *Cândido, ou o Otimismo* (1759) faz diversas referências ao conto de *Sinbad, o marujo* (Jweid, 2021, p.3) e com técnicas narrativas orientais que revelam a influência da obra sobre o iluminista francês. Na Espanha, o dramaturgo Calderon de la Barca na peça *A vida é um sonho* (1635), e o argentino Jorge Luís Borges, em suas muitas alusões à *As mil e uma noites* constituem exemplos sólidos de que o texto não encontra fronteiras no espaço-tempo para suas influências.

No Brasil, Malba Tahan²², em seus numerosos trabalhos dos quais pode-se destacar *O homem que calculava* (1938) e *O Céu de Alá* (1927) também faz uso de contos e enredos evidentemente influenciados pela obra. Os desdobramentos da recepção de *As mil e uma noites* são incontáveis em todo o planeta e pode-se afirmar que ocorrem desde sua origem, vez que os contos eram replicados e não fossem de qualidade minimamente satisfatória não sobreviveriam por séculos.

¹⁹ Os *hadiths* são os registros das comunicações do profeta Muhammad (Maomé), do Islão.

²⁰ Título original: “*One Hundred and One Nights: A Novel*” (2011). Sem tradução para o português.

²¹ Título original: “*Sons of the Rumour*” (2009). Sem tradução para o português.

²² Pseudônimo do professor e matemático brasileiro Júlio César de Mello e Souza (1895-1974).

Como aludido, o livro carrega uma espécie de rotulação da cultura árabe, a qual pode apresentar valores bem distintos de outras sociedades. Veja-se que a diferença cultural aqui de forma alguma se confunde ou enseja a discriminação. O que se quer enfatizar é que existem aspectos que para uma cultura são aceitos ou tolerados os quais podem ser ofensivos e defesos para outro.

É o caso da recepção literária de *As mil e uma noites* na China. O tradicionalismo dos chineses é bastante conhecido, sendo veementemente defesas diversas manifestações culturais, religiosas e políticas em território chinês. O erotismo constante em diversos contos, por exemplo, certamente seria matéria de exame na sociedade do grande “Dragão Vermelho”. Wen-chin Ouyiang (2009) observa que a obra chegou até a China em 1870 por meio das adaptações europeias, especialmente a de Richard Francis Burton (1821-1890), assumindo o título de “*Tiang Fang Ye Tan*”²³ e foi considerada fortemente como uma compilação de contos para o público infantil. Ouyiang discute ainda que os chineses se apropriaram do orientalismo trazido sobre a percepção da cultura árabe, esquecendo-se que eles próprios são alvos deste orientalismo europeu.

No prenúncio da Invasão Japonesa da Manchúria, durante a resistência contra a ocupação nipônica em 1930, novas versões de *As mil e uma noites* passaram a ser traduzidas direto do árabe sob o nome de “*Yi Qian Lin Yi Ye*” (Ouyiang, 2009, p.8). Mas, ainda que com a redução do distanciamento entre o leitor e o texto original, os elementos culturais divergentes continuaram a ser tema de apreciação.

A filosofia e as religiões chinesas, assim como as japonesas e tantas outras orientais, não reconhecem uma figura única, onipresente, onipotente e onisciente como o Deus das crenças monoteístas ocidentais. Como se discutiu no primeiro capítulo, a religião muçulmana percola os contos, sendo Alá evocado até mesmo pelos *djins*, criaturas mágicas também sem correspondência na cultura receptora.

Embora a população chinesa em geral já esteja mais habituada ao conceito de Deus único e suas prerrogativas nas religiões monoteístas, os *djins* foram inicialmente traduzidos como criaturas semelhantes às fadas (精靈—“*jing ling*”), sendo que o único denominador comum entre ambos é a magia, já que os gênios são seres colossais, de moralidade por vezes obtusa e de proporções agigantadas, algo muito diverso da delicadeza das fadas. Uma

²³ Em mandarim clássico *Tiang Fang* pode ser entendido como “Arábia(s)” e *Ye Tan* como “conversas noturnas” (Ouyiang, 2009, p.6).

“domesticação” do conceito de *djins* implica em trazer e incorporar o conceito alienígena àquela cultura, tornando-o relativa e minimamente compreensível. No entanto, ao se comparar os gênios com fadas, puramente pela magia, corre-se o risco de entalhar a ideia no público de que os *djins* são seres benfeitores e realizadores de desejos, o que como dito não é verdade. Há então severa distorção da obra original.

Em relação à erotização e ao sexo, seja nas versões “*Tiang Fang Ye Tan*” ou “*Yi Qian Lin Yi Ye*”, foram completamente suprimidas. Veja-se que o filtro cultural é tão severo que os chineses também tiveram acesso ao original árabe, como o fez Mamede Jarouche traduzindo os textos para o português brasileiro, no entanto, ainda assim removeram completamente os atos sexuais e até a mesmo a sensualidade da obra.

A recepção de uma obra literária também está condicionada às razões multifatoriais que compõem a cultura do receptor, portanto, existe uma função direta e com razão também direta de proporcionalidade entre a recepção do livro e consequente boa aceitação. Na Europa, viu-se que as adaptações foram necessárias aos decoros da época, enquanto na China, as modificações respeitaram imposições mais enraizadas e incisivas; enquanto a sensualidade, o sexo e demais atos de estilo na Europa não eram “recomendáveis”, na China eram de fato proibidos.

De qualquer forma, *As mil e uma noites* é um sucesso global e também considerada um clássico na China, assim como se revela essencial no cânone da literatura de tantas outras nações e colecionando vitórias sobre os séculos. E muito desse sucesso decorre da inesgotabilidade do livro e também do processo de leitura, do qual se pode interpretar tantos significados diferentes quantas vezes for apreciada uma obra. Roman Ingarden (1979) defende que um texto literário jamais será totalmente compreendido, posto que o leitor possui valores que são modificados pela experiência da própria leitura, em paralelo com os eventos que ocorrem durante a leitura, reformulando seu entendimento. O ato de ler, então, caminha em dois vetores distintos: um para frente, através da reformulação do que já se leu; outro para trás, reinterpretando o que já foi lido²⁴.

²⁴ Em verdade, um tratamento vetorial poderia ser aplicado no sentido de que o leitor (a) e o texto (b) são alocados como um par-ordenado (a,b) que poderiam transitar juntos, para frente e para trás no mesmo vetor, numa abstração grosseira. O par-ordenado se justifica pela indissociabilidade entre o leitor e a obra, no mérito de sua hermenêutica. Para reformular, até pela tautologia do termo, parte-se da premissa de algo já pronto (interpretado); já reinterpretar o que já foi lido oferece a substância que promove a reformulação de conceitos que podem vir a superar o mérito revisto e atingir outros assuntos. Contudo, é possível reformular sem reinterpretar, por meio de postulados e conjecturas já emanadas do texto, bem como é possível reinterpretar sem que o novo significado efetivamente modifique convicção a ponto de reformulá-la. Corolário, é intensidade do vetor mais considerável do que sua direção.

Ilação do exposto, *As mil e uma noites* passa por reinvenções, ressignificações e adaptações de forma atomizada, já que é incontável a quantidade de versões produzidas, cada qual com seus vieses e preocupações. Essa plasticidade também atua em favor da perpetuação da obra, vez que além da alteração de elementos que possam ofender à moral de determinada cultura, a escolha de alguns contos em prejuízo de outros é algo bem comum.

A edição de 1960, *As mil e uma noites: coletânea de novelas orientais*, com tradução de Jacob Penteadó e ilustrações de Gaetano Proietti e Giovanni di Stefano, por exemplo, elege alguns dos principais contos, como *Ali Babá e os quarenta ladrões*, primando pela possibilidade de extrair-se dos textos belíssimas ilustrações.

Essas mesmas releituras que divulgam e espalham *As mil e uma noites* são facilmente encontradas na indústria cinematográfica. Os conhecidíssimos contos de Aladim e Sinbad, pulverizados pela Disney e Dreamworks são exemplos de como o lado comercial soube tirar proveito do livro e, ao mesmo tempo, ajudou-o a ser apresentado em diversas línguas e locais, precipuamente ao público não-leitor ou interessado nas letras. Filmes menos conhecidos também ostentam sua importância, como os vários títulos *As mil e uma noites* (1974) de Pier Paolo Pasolini e Ninetto Davoli ou a versão dirigida por John Rawlins (1942). Há ainda aqueles em que a obra é o substrato, como *A espada de Damasco* (1943) de Nathan Juran, *O ladrão de Bagdá* (1940), dirigido por Michael Powell, Ludwig Berger e Tim Whelan. Sem contar com as comédias do gênero pastelão, como *Simbad, o marujo Trapalhão: a “oitava” e última viagem* (1975), dirigido por Josip Bogoslaw Tanko, e o italiano *Superfantagenio*²⁵ (1986) de Bruno Corbucci.

A série turca “*Binbir Gece*”²⁶, novela que conta com três temporadas é conhecida no Brasil como *Mil e uma noites* é considerada um sucesso em diversos países. O disco “*Arabian Nights*”²⁷, compilado no ano 2000, lançado ante o sucesso da novela brasileira *O Clone*, fez também muitas vendas e exemplifica a vasta coleção de discos que se baseiam no título para trazer coletâneas de músicas árabes – e, novamente, a obra é sinônimo absoluta do povo árabe.

A dança do ventre²⁸ é assumida de forma pejorativa como uma das simbologias da obra. Primeiro, porque há um olhar julgador acerca das dançarinas, que são interpretadas como

²⁵ O título também é conhecido como “Alladin”, interpretado pelo ator, comediante, compositor, nadador olímpico, aviador e advogado italiano Carlo Pedersoli (1929-2016), conhecido por seu nome artístico “Bud Spencer”.

²⁶ Literalmente, “mil e uma noites”, em turco.

²⁷ O disco foi lançado pela gravadora musical brasileira *Som Livre*.

²⁸ Do árabe, “*raqs al-sharqi*” - dança-do-leste. Foram os franceses quem traduziram para dança do ventre e assim a divulgaram.

odaliscas, sobre um pano de fundo sensual. É uma tolice que cada vez mais se desmancha, no entanto, comumente mantida sob a ignorância daqueles que se acomodam em não querer a investigação, mas sim a manutenção do preconceito. Em verdade, infere-se que a dança presente na obra é mesmo a dança do ventre, sem qualquer comprovação, até porque a aludida dança possui definição amplíssima e complexa, não se restringindo à acepção ocidental. Toma-se a espécie (dança do ventre) como gênero (danças árabes tribais primitivas). Terceiro, que a dança possui origens bastante controversas, sendo muito difícil alguma garantia de seus moldes, tais como se concebe desde as primeiras traduções e naquele tempo. De qualquer sorte, a dança, seja do ventre ou não, está presente na obra e se encontra atrelada aos espetáculos que carregam seu nome.

O capítulo anterior discutiu que a expressão “mil e um(a)” ganhou fôlego e passou a ser empregada como uma espécie de advérbio em decorrência da pulverização do livro, de tal forma que se pode afirmar que ao se ler ou ouvir “mil e um(a)”, ainda que o assunto seja completamente desconectado da obra, haverá provocação no ideário do receptor em se lembrar de *As mil e uma noites* ou qualquer dos seus contos. Os contos de Shehrazade já estão cristalizados no inconsciente coletivo da humanidade.

A obra, que encontrou na França de Galland o momento mais oportuno para sua recepção no Ocidente e, como se viu, de forma indireta, até mesmo para regiões sino-japonesas, influenciou e incorporou a cultura global em temas que superam os limites da literatura. Essa propagação eficaz, por sinonímia, rotulou a cultura árabe em diversos aspectos, dentre eles, aqueles que consubstanciam o orientalismo e visões preconceituosas e imperialistas acerca da cultura árabe-muçulmana.

Ainda sob a incidência das visões eurocêntricas, fato é que *As mil e uma noites* superou qualquer óbice de sua divulgação, adaptando-se e entremeando-se nas culturas que a receberam, o que só foi possível por meio das traduções - muitas bastante destoantes do texto original. De uma ou outra forma, as traduções contribuíram para o conhecimento e sucesso do livro, sendo o feminicídio um dos temas fixos nas diferentes versões, razão que promove a discussão específica das traduções no capítulo a seguir.

4. AS TRADUÇÕES DE *AS MIL E UMA NOITES*

O livro *As mil e uma noites* foi e continua sendo traduzido em diversas línguas ao longo dos seus vários séculos. No Ocidente, as traduções ocorrem depois do século XIX desde a versão do arabista francês Antoine Galland (1646-1715). Tradutores oriundos de diversas culturas se ocuparam em trabalhar com o texto, cada qual inserindo suas próprias percepções acerca dos contos de Shehrazade. À vista disso, tornou-se possível a elaboração de adaptações de *As mil e uma noites* bastante distintas entre si e da original. Essa variedade de traduções – que não deixa de ser, em maior ou menor grau, um ponto de vista de quem traduz - contribui para tornar ainda mais complexa a compreensão do texto.

Discutiu-se nos capítulos anteriores que a composição do livro ao longo do tempo é fruto de um conjunto diverso de culturas e nações. A própria origem da obra é tema controverso. Essa profusão de vozes importa à elaboração do texto por duas razões principais: a primeira é a contribuição individual de quem narrou o conto, em sua imaginação e perspectivas próprias; a segunda, que serve de substrato à primeira, é a cultura em que se insere o contador das histórias.

Por essa razão, a título de exemplo, a versão do ramo sírio é bastante diferente do egípcio, haja vista que embora exista uma matriz comum e norteadora dos contos, além de personagens e eventos cênicos imprescindíveis, as variações ocorrem sejam em razão de a história ser contada por narradores diferentes, sejam porque as culturas desses narradores são distintas. Há ainda que se ponderar a evolução cultural dos povos ao longo dos séculos, a qual permite reinterpretações e ressignificações do texto dentro da mesma cultura.

As mil e uma noites consiste numa obra de conteúdo inesgotável, com vistas ao infinito. Melhor dizendo, um livro finito, mas ilimitado. É finito porque se conhece o término da história, o que ocorre com Shehrazade, Shariar e seu reino, no entanto, é ilimitado porque não há barreira que não possa superar esses contos milenares, novas interpretações, novas versões, tal como uma chama ardente que, com a mesma energia, plasma diversas formas aos olhos do observador - sendo sempre o mesmo fogo.

Isso posto, traduzir *As mil e uma noites* é traduzir um legado cultural riquíssimo e complexo e, pelas razões já expostas no mérito da recepção literária, todo esse conjunto consolidou-se como sinônimo da cultura árabe. Portanto, os tradutores que se dedicaram à *As mil e uma noites*, principalmente os pioneiros em seus respectivos contextos, influenciaram

fortemente o seu público leitor acerca da percepção e concepção do mundo árabe.

As mil e uma noites há muito tempo se emancipou de ser uma joia da literatura árabe e oriental para atingir o mais elevado patamar da literatura mundial. E isso só foi possível graças às traduções. José Saramago (1922-2010) afirma que “os autores escrevem suas respectivas literaturas nacionais, mas a literatura mundial é obra dos tradutores” (Fitz, 2016). A língua árabe apresenta características bastante singulares e que podem ser ser difíceis obstáculos para o tradutor conseguir a correspondência e a equivalência do conteúdo entre o texto original e o traduzido. Maria Emília Chanut (2012. p.47) ensina sobre a diferença entre correspondência e equivalência:

A correspondência é um conceito utilizado na análise contrastiva para descrever as frases e as estruturas que correspondem na língua de partida e na língua de chegada. Quanto à equivalência, ela se refere, sobretudo, ao “grau” de equivalência em que uma palavra, uma frase, ou mesmo um texto da cultura de partida pode ser considerado na língua e na cultura receptora. A equivalência tem traços do discurso ou da palavra e depende da tradução.

No tópico sobre a recepção literária discutiu-se a tradução do livro para o mandarim, o que se revela ser um exemplo que bem serve à dificuldade de correspondência e equivalência da língua árabe. Não havia no ideário chinês uma figura correspondente aos *djins*, forçando o tradutor a aproximá-los das fadas e tornando bastante destoante o que o público compreendeu sobre os *djins* e como eles verdadeiramente se apresentam no livro. Não há equivalência dos vocábulos, bem como os trechos não são correspondentes.

Essas dificuldades em traduzir também são matrizes das adaptações de *As mil e uma noites*, já que para contornar uma ideia por demais abstrata ao público receptor, o tradutor precisa criar soluções as quais, com parcimônia, equilibre a compreensão do leitor sem ofender a concepção original. Só que essas divergências quase que “impostas” pela disparidade das línguas ensejam a criação de adaptações justamente porque a solução da questão, per se, demanda uma adaptação. O objetivo mais nobre do ofício de tradutor é aquele de conseguir tangenciar a perfeição, todavia inatingível, do texto original, trazendo da melhor e mais completa forma ao leitor o conteúdo em sua integralidade. No entanto, ainda que o trabalho do tradutor vise a obter a mais fidedigna reprodução do texto original numa língua diversa, nem

sempre esse é o objetivo de quem traduz ou de quem o contrata. É que razões econômicas, mercadológicas, sociais, históricas dentre tantas outras podem interferir no processo de tradução. Veja-se que na China a obra é vista quase que exclusivamente como um compilado de contos infantis em razão da severa política chinesa de controle de conteúdo, mantendo seus tradutores com vedações expressas sob o que se pode ou não fazer.

Antes de se adentrar o mérito das traduções de *As mil e uma noites* há ainda que se salientar que a literatura árabe e a ocidental não compartilham de uma mesma periodização ou sistemática de movimentos literários, como afirma Oliveira (2013):

...não há uma correspondência direta da literatura árabe com a ocidental, no que tange ao que entendemos como gêneros literários e seus períodos, ou seja, não teremos na literatura arábica um período barroco, romântico e etc. Até o século VII a poesia era o gênero dominante naquela região.

O excerto aponta o século VII como aquele que rompe com a hegemonia da poesia, um gênero que convida à recitação e oralismo bastante presentes na cultura árabe daquele momento. Ainda sob essa influência da contação de histórias e poesias, no século IX, o livro *As mil e uma noites* começa a ganhar seus contornos. Nesse momento, o islamismo já exercia influência na literatura árabe, sendo incluído nos contos de Shehrazade.

Portanto, os manuscritos que chegaram às mãos dos tradutores eram, em síntese, uma reunião de contos (os quais nem sempre sequer mencionavam a personagem Shehrazade) de origens distintas, desde o século IX, mas com datação por vezes discordante. O que se pode haver de consenso é que se tratam de um produto direto do oralismo dos contadores de histórias, da letra dos copistas, já com influência islâmica introduzida no texto. Nesse sentido, Werneck (2019, p.74) aduz:

Nas Mil e Uma Noites do Oriente, nunca saberemos se o apelo ao manuscrito desaparecido é apenas uma encenação retórica, pois é também num livro perdido que vamos encontrar ou, para dizer melhor, perder para sempre o seu passado mais profundo. A história desse livro tem sido o da impossibilidade de reconstituí-lo. Nunca tomou uma forma definitiva, nunca constituiu uma versão canônica, mesmo após sua impressão. Os manuscritos não coincidem, assim como as sucessivas edições e traduções. Trata-se de um livro eternamente inacabado, cujo destino é o de ser, também, eternamente reescrito.

Em que pese não haver um modelo canônico de *As mil e uma noites*, há que se considerar que existem elementos e características que se constituem como um denominador comum daquilo que se identifica como a obra. Por exemplo, o prólogo-moldura com Shehrazade sendo a narradora dos contos, a história do gênio e o mercador, a pendência dos contos a serem continuados na noite seguinte e a participação dos *djins* estão sempre presentes nas versões do livro.

Esse conjunto de fatores que alicerçam os contos de Shehrazade foram conhecidos no Ocidente pela “revelação” dos tradutores. Uma análise comparativa das diferentes versões produzidas, especialmente na França, Inglaterra e Alemanha evidenciam esse denominador comum, ainda que bastante destoantes tenham sido os objetivos de cada tradutor/autor. São os franceses quem oferecem a “chave” para abertura do fantástico e do maravilhoso do mundo árabe. O Ocidente irá conhecer uma obra milenar oriental primeiramente pela perspectiva dos europeus e, nesse sentido, natural que as nações mais desenvolvidas da Europa sejam aquelas que encabeçaram tal projeto. Uma competição entre os tradutores seria inevitável, sendo que em alguns casos havia como pano de fundo disputas históricas, vide Inglaterra e França.

Na França, epicentro da divulgação de *As mil e uma noites* no Ocidente, destacou-se a inaugural tradução de Antoine Galland, a qual encontrou terreno próspero em paralelo aos contos de fadas que eram contados nos salões franceses. Ingleses rapidamente começaram a traduzir as noites de Shehrazade de forma direta e indireta, bem como a Alemanha, “terra dos pensadores e poetas”²⁹ não deixaria de contribuir com suas versões. Portanto, fundamental e imprescindível discutir-se as traduções de *As mil e uma noites* a começar pela contribuição de Antoine Galland.

²⁹ Original: “*Das Land der Denker und Richter*”.

4.1. A PIONEIRA VERSÃO DE ANTOINE GALLAND

Jean-Antoine Galland³⁰ (1646-1715), arabista francês, foi o primeiro tradutor dos contos oriundos da tradição oral do Oriente conhecidos como *As mil e uma noites*. Maria Inês Guedes (2002, p. 132) afirma:

Os doze volumes da edição original das "*Mille et une nuits, Contes arabes, traduits en français par M. Galland*" foram publicados ao longo de 14 anos segundo a seguinte cronologia: os volumes I e II foram publicados no começo de 1704; os volumes III e IV, em fins de 1704; os de número V e VI, em 1705; VII, em 1706; VIII, em 1709; IX e X, em 1712 e, finalmente, os de número XI e XII, em 1717.

A versão de Galland atendeu ao decoro e etiqueta social de sua época, principalmente da sociedade francesa. Sua tradução ocorreu em paralelo ao crescente apreço, em especial das mulheres, pelos contos de fadas. A recepção da obra não poderia ter melhor momento para ocorrer, já que reunia todos os ingredientes do sucesso: a magia, a infinitude, o exótico, o protagonismo feminino – todos constantes nos contos de Shehrazade.

Para ajustar passagens bastante ofensivas à sociedade europeia existentes na obra, Galland sublimou eventos e descrições dos livros, além de adaptar o texto aos moldes da época. Uma "*belle infidèle*". Pacheco da Costa (2019, p.154) afirma:

Segundo a concepção cristã da "natureza feminina" como volúvel, a metáfora das *belles infidèles* (belas infiéis) foi utilizada na França dos séculos XVII e XVIII para definir uma prática tradutória na qual a idealidade ao texto deveria ser sacrificada em prol de sua adaptação às convenções letradas da instituição literária. A tradução não era, assim, considerada como uma prática autônoma, como passaram a fazê-lo os filólogos alemães do início do século XIX, mas como uma das modalidades da imitação, junto à adaptação, à emulação e à paródia, por exemplo.

³⁰ Antoine Galland nasceu em Rollot, França, em 1646 e faleceu na capital francesa em 1715. Destacou-se como arabista, orientalista, tradutor e numismata. Estudioso de línguas orientais, seu trabalho mais conhecido é a tradução de *As mil e uma noites* ("*Les mille et une nuits*").

O sucesso da versão de Galland não lhe poupou de ataques severos à sua reputação. Alvo de muitas críticas contundentes, o arabista foi questionado sobre a qualidade de sua tradução. Seu trabalho teria alterado tão substancialmente o texto original que não poderia ser considerado sequer uma tradução, mas uma adaptação à la Galland. Werneck (2019, p.75) acrescenta:

Na guerra entre tradutores, Antoine Galland talvez tenha sido o mais apedrejado. Entre os ataques que lhe foram desferidos, os mais insistentes acusam-no de ter feito uma adaptação, e não uma tradução, e de ter limpadado o texto do conteúdo erótico e dos poemas intercalados nas histórias

Jorge Luis Borges (1899 – 1986) embora reconheça as claras alterações do tradutor francês, não deixa de afirmar que a importância da versão de Galland é insuperável: “palavra por palavra, a versão de Galland é a pior escrita de todas, a mais enganosa e a mais fraca, mas foi a melhor leitura”³¹ (1996, p. 398).

É tema incontroverso que a versão do francês serviu como base para diversas traduções indiretas provocou e estimulou a busca por novas traduções diretas do texto, sendo uma dessas motivações a própria polêmica e o descrédito de seu trabalho por alguns críticos. Georges May (1986, p.10) chama a atenção para o fato de que os ingleses preferem as versões indiretas do livro de Galland do que as inglesas produzidas do árabe, como a de Edward Lane (1839-1841) e Richard Burton (1885-1888):

O sinal mais eloquente do prestígio contínuo do texto de Galland talvez seja o de que apesar dessas traduções, são as versões inglesas do texto francês, e não as do texto árabe, que deveriam ser, quase até a nossa época, o principal veículo pelo qual as "Mil e uma noites" continuaram a ser difundidas em países de língua inglesa.

Foi também com Antoine Galland que o *corpus* da obra foi reestruturado. Originalmente, contos como “Aladim” e “Ali Babá e os quarenta ladrões” não constam nos

³¹ Original: “Palabra por palabra, la versión de Galland es la peor escrita de todas, la más embustera y más débil, pero fue la mejor leída”.

manuscritos da obra. Foi Galland quem os incluiu nos contos publicados sob o título *As mil e uma noites*. Tanto a história de Aladim, quanto a de Ali Babá são muito conhecidas mundialmente, e todo esse sucesso está atrelado à divulgação do livro traduzido pelo orientalista francês. Ambos os contos foram apensados à obra original e desfrutaram dos mesmos desdobramentos dos contos legitimados como “canônicos”. Maria Inês Guedes (2002, p.133) ressalta que a introdução dos contos alienígenas ao texto veio da tradição oral e incluídos por Galland:

...o texto de Galland introduz no corpo dos contos árabes, traduzidos de manuscritos arábicos do século XII, alguns elementos definitivos: primeiro, são os contos que recolheu diretamente da boca do monge maronita Hanna, entre 1709 e 1713, incorporados pela primeira vez ao conjunto dos "Contos" pelos tradutores que lhe sucederam: o de Aladim, o de Ali Babá, o do príncipe Ahmed e a fada, Pari Banu entre outros.

Guedes (2002, p.138) também relembra os dizeres de Jean Gaumier sobre o impacto e a influência que os contos, incluindo-se os acrescentados por Antoine Galland:

Segundo Jean Gaumier, o inconsciente coletivo da sociedade francesa da época será profundamente marcado pelo Oriente de Galland: não mais o da sabedoria, mas um reino das delícias dos sentidos. Os hábitos e costumes, assim como o caráter maravilhoso da narrativa, absolutamente extraordinários para o próprio ouvinte das ruas de Bagdá, são levados a sério pelo leitor, que, a partir de então, atribui ao país das Mil e uma noites, qualidades fabulosas.

A adaptação de Antoine Galland pode ser definida como pedra angular de todas as traduções ocidentais. Não fosse sua existência, fortuitamente em ambiente tão favorável ao seu sucesso e divulgação, o Ocidente poderia não ter tido acesso tão eficaz e sedutor acerca dos maravilhosos contos de Shehrazade e, por conseguinte, do mundo árabe.

Se viesada no mérito da tradução, essas ocorreram senão por imposição social de uma França e Europa puritanas as quais poderiam ter engavetado a obra sob julgamento de ter sido considerada ofensiva e imoral. O ajuste do tradutor francês no texto, uma espécie de “filtro moral” serviu para, ao arrepio da originalidade, apresentar o texto ao mundo ocidental, provocar a curiosidade e o interesse do público sobre aquele livro inesgotável e encantador, de

uma cultura exótica, em meio à natural ansiedade humana ao receber uma boa-nova. Sua influência é tão grande que Jean Gaumier (1965, p. 15) aduz:

...o inconsciente coletivo da sociedade francesa da época será profundamente marcado pelo Oriente de Galland: não mais o da sabedoria, mas um reino das delícias dos sentidos. Os hábitos e costumes, assim como o caráter maravilhoso da narrativa, absolutamente extraordinários para o próprio ouvinte das ruas de Bagdá, são levados a sério pelo leitor, que, a partir de então, atribui ao país das Mil e uma noites, qualidades fabulosas.

Venia maxima, mas a afirmação de Gaumier embora corretíssima, é incompleta. Não apenas o inconsciente coletivo da sociedade francesa da época foi marcado pelo Oriente de Galland, mas todo o ideário coletivo do Ocidente - nos termos de Carl Gustav Jung (1875-1961) - foi afetado pela obra. Há ainda que se ponderar que regiões do Oriente também são marcadas pela influência do francês como, por exemplo, a China e o Japão, já que a versão de Galland como discutido no capítulo II foi também a fonte das traduções na terra do Dragão Vermelho e do Sol Nascente.

Malba Tahan (2001, p.16), em sua apresentação de *As mil e uma noites* traduzida por Alberto Diniz diretamente do texto de Galland resume brilhantemente o trabalho do arabista francês:

O orientalista francês Antoine Galland, tendo tomado conhecimento em sua viagem a Constantinopla dos contos das *Mil e uma noites*, fez deste livro uma tradução que se tornou obra clássica da Literatura francesa. Como agiu Galland para tornar sua tradução interessante e viva?

- a-) Aproveitou, apenas, uma quarta parte dos contos originais. A sua escolha foi recair sobre as lendas mais curiosas e de enredo mais palpitante.
- b-) Teve o cuidado de abolir todas as cenas que pudessem ferir os princípios morais cristãos.
- c-) Suprimiu do enredo dos contos todos os versos, poemas e citações poéticas.
- d-) Procurou fazer uma tradução que fosse isenta de expressões chulas e pouco edificantes.

A obra de Galland alcançou, na Europa, com êxito extraordinário, sendo traduzida para vários idiomas. Foi Galland quem teve a glória de tornar o livro das *Mil e uma noites* conhecido no Ocidente.

Comparando-se a versão de Galland com a do professor Mamede Jarouche, que traduziu a obra direto do árabe para o português brasileiro é possível, com bastante facilidade, perceber as omissões cometidas pelo tradutor francês. O famoso conto *O mercador e o gênio* permite comprovar a remoção de Galland dos versos e poesias árabes. Abaixo segue um trecho do conto na versão de Jarouche (2015, p.58) quando a criatura mágica ameaça matar o mercador, este que acidentalmente matara o filho do gênio:

O mercador chorou, lamentou por seus familiares, esposa e filhos. Enquanto a espada estava erguida, o mercador chorou até molhar as roupas e disse: “Não há poderio nem força senão em Deus altíssimo e poderoso”, e recitou os seguintes versos:

“O tempo é composto de dois dias, um seguro, outro ameaçador, e a vida é composta de duas partes uma pura, outra turva.

Pergunte a quem urdiu as idas e vindas do tempo: será que o tempo só maltrata a quem tem importância?

Acaso não se vê que a ventania, ao formar as tempestades, não atinge senão as árvores de altas copas?

De tantas plantas verdes e secas existentes sobre a terra, somente se apedrejam aquelas que têm frutas; nos céus existem incontáveis estrelas, mas em eclipse só entram o Sol e a Lua.

Pois é, você pensa bem dos dias quando tudo vai bem, e não teme as reviravoltas que o destino reserva; nas noites você passa bem, e com elas se ilude, mas no sossego da noite é que sucede a torpeza.

Quando o mercador encerrou o choro e os versos, o gênio disse: “Por Deus que é imperioso matá-lo, mesmo que chore sangue, assim como você matou meu filho”.

O mesmo trecho na versão de Galland traduzida para o português por Alberto Diniz (2001, p.50) é assim apresentado:

...o mercador, mergulhado em lágrimas, protestando sua inocência, corava se lembrando da mulher e dos filhos, e dizia as coisas mais comoventes da terra. O gênio levantando o alfanje, teve a paciência de aguardar que o infeliz acabasse de se lamentar, sem, todavia, apiedar-se.

Depreende-se da comparação dos excertos que a versão de Galland é muito mais sucinta do que o texto original. Em que pese haver exaustivos momentos nos contos de Shehrazade em que cada personagem, evento ou lugar são descritos excessivamente (até porque a personagem queria sobreviver e, para tal, deveria alongar ao máximo suas narrativas), há uma severa remoção de elementos na tradução do orientalista francês.

Primeiro, o mais notável é completa remoção da poesia, como descrito no item “c” das observações de Malba Tahan. Segundo, o nome de Deus e citações religiosas também foram subtraídos, evitando-se temáticas eventualmente problemáticas no que se refere à moral da religião cristã, consoante o expresso no item “b”. Já quanto ao pudor, a título de exemplo, convém apreciar os trechos que doravante serão articulados. A versão de Jarouche (2015, p.45-46) sobre quando Shariar avista a traição de sua esposa com os escravos:

Quanto à senhora, ela gritou: “ó Massud! ó Massud!”, e eis que um escravo negro pulou ligeiro de cima de uma árvore ao chão; encaminhou-se até ela e disse: “O que você tem, sua arrombada?” Eu sou Saduddin Massud! “. Então a mulher riu e se deitou de costas, e o escravo se lançou sobre ela e nela se satisfez, bem como os outros escravos nas escravas.

A mesma passagem é assim descrita na versão de Galland (2001, p.31):

A sultana, por sua vez, não ficou muito tempo sem amante; batendo palmas, gritou: “Massud, Massud! ” E imediatamente, outro negro desceu do alto de uma árvore e precipitou-se para ela. O pudor não me permite contar tudo o que se passou entre as mulheres e os negros; além do mais, trata-se de um pormenor dispensável.

O narrador que justifica a ocultação da cena de sexo serve como verdadeiro porta voz de Antoine Galland à sociedade europeia em respeitar as convenções sociais e religiosas de então. Quando diz “o pudor não me permite contar tudo o que se passou entre as mulheres e os negros; além do mais, trata-se de um pormenor dispensável.”³², vê-se que a Galland introduz

³² Original: “*La pudeur ne permet pas de raconter tout ce qui si passa entre ces femmes et ces noirs, et c’est un détail qu’il n’est pas besoin de faire*”. (Galland, Antoine. *Les mille et une nuits, Contes arabes I*. Paris: Garnier-Flammarion. 1965 p.27)

claramente sua própria voz no texto. É um recado de agrado e satisfação para com a sociedade e que ativa a imaginação feminina da aristocracia francesa.

Os itens “b” e “d” das observações de Malba Tahan estão presentes nesses excertos. Galland claramente evitou expressões chulas e descrições que ofenderiam a moralidade da cultura em que se inseria. Portanto, é inegável que Antoine Galland produziu uma adaptação de *As mil e uma noites* de duplo-efeito, quais sejam, o sucesso inconcusso que obteve, marcando com tintas permanentes seu nome na história e contribuindo para a divulgação da obra e do mundo árabe e, noutro giro, receber diversos ataques à sua honra e reputação pessoal e profissional, por ter “destruído” a originalidade do texto e, praticamente, criado uma história própria.

Gentil de Faria (2019, p.147) ensina que em tempos não muito distantes as adaptações sofriam com o injusto preconceito dos críticos. Eram tachadas de “traições”, “mutilações”, “reduções”, “distorções”, e até de “um crime”, o que ocorreu exatamente com o Antoine Galland e sua *belle infidèle*, a qual por mais que seja alvo de muitas críticas é responsável direta pelo sucesso, divulgação e manutenção de *As mil e uma noites*. Até porque como diz o professor Gentil: “a ausência de uma tradução relevante pode afetar o destino de uma obra” (2019, p.148). Reconhecida a importância da tradução/adaptação pioneira, é medida de justiça que outras versões também de acentuado impacto sejam discutidas a seguir.

4.2. OUTRAS TRADUÇÕES DE *AS MIL E UMA NOITES* NA EUROPA

Outros tradutores destacados também se aventuraram na árdua tarefa de produzir uma versão de *As mil e uma noites*, cada qual com propostas bastante diferentes e com vistas a superar a versão de Galland.

Edward Lane (1801-1876) produziu a primeira versão inglesa de *As mil e uma noites*, num trabalho repleto de puritanismo e censura - o que levou Borges a considerar a versão de Lane como prosaica e insípida (Paiva Padrão, 2008, p.104). Rebuscada e monótona, não superou a de Galland nem mesmo em terras inglesas. A tradução de Lane também é bastante infeliz ao decidir romper com a divisão da coletânea árabe em noites, reorganizando todo o texto em trinta capítulos, ao seu bel entendimento. (Pacheco da Costa, 2019, p.155-156).

Esse excesso de zelo e pudores presentes das edições de Lane e Galland provocou movimentos reativos e que visavam a destituir essa cortina de moralidade que acobertava a obra original. É importante salientar que embora Lane e Galland tenham removido as passagens mais agressivas e explícitas da obra, há uma diferença muito nítida entre ambos: Galland se dedicou a escrever uma versão de beleza literária e convincente, já Lane se preocupou com o academicismo e filologia do texto.

Outro nome dos mais importantes na produção de versões mais explícitas dos contos de Shehrazade é a do inglês Capitão *Sir* Richard Francis Burton (1821-1890), que se opunha fortemente àquela erudita proposta por Lane. Pacheco da Costa (2019, p. 156) assegura:

Essa edição recebeu um suplemento, publicado em cinco volumes em Londres e intitulado *Supplemental Nights to the book Thousand Nights and a Night, with notes anthropological and explanatory* (1886-1888). Ela também se apresenta como uma correção da tradução de Lane, reintroduzindo e, até mesmo, exacerbando os termos obscenos explicitamente censurados por ele.

Havia em Burton um exibicionismo que jamais passaria despercebido aos olhos de um psicanalista que venha a acessar seu trabalho. Uma vaidade intelectual que precisava ser reafirmada para desafiar a Academia de sua época. Para tal, Burton manteve os temas cortados por Galland e Lane, traduzindo-os inclusive com evidente e constatado exagero. Said (2007, p.268) relata:

Como viajante, Burton foi um verdadeiro aventureiro; como erudito, podia enfrentar qualquer orientalista acadêmico da Europa; como caráter, tinha plena consciência da necessidade do combate entre ele próprio e os professores uniformizados que controlavam a Europa e o conhecimento europeu com um anonimato tão preciso e tanta firmeza científica. Tudo o que Burton escreveu atesta essa combatividade, raramente com um desprezo mais franco pelos seus oponentes do que no prefácio à sua tradução das Mil e uma noites. Ele parece ter experimentado um tipo especial de prazer infantil em demonstrar que conhecia mais que qualquer erudito profissional, que havia assimilado mais detalhes, que podia tratar o material com mais inteligência, tato e frescor.

A versão de Burton, embora a inglesa mais referencial dentro da própria Inglaterra, também não reuniu condições para superar o legado de Antoine Galland. Outro inglês, John Payne (1842-1916) traduziu a obra recuperando o mérito literário da versão de Galland produzindo volumosa adaptação, também sem grandes efeitos como a francesa.

Enno Littmann (1875-1958), orientalista alemão, ofereceu uma versão das noites bastante literal, mantendo as passagens eróticas e substituindo conceitos orientais por alemães (Borges, 2012, p.104):

Embora não se envolva na vadiagem indulgente de Burton, sua tradução é inteiramente franca. As obscenidades mais inefáveis não lhe fazem hesitar; ele as traduz para seu plácido alemão, raramente para o latim. Ele não omite uma palavra, nem mesmo aquelas que registram – 1000 vezes – a passagem de uma noite para outra. Ele negligencia ou recusa todas as cores locais: foram necessárias instruções expressas do editor para fazê-lo manter o nome de Alá e não o substituir por Deus³³.

A tradução de Littmann é lúcida, enfatiza cada vocábulo e apresenta uma constante e permanente preocupação em trazer ao leitor explicações que sejam cruciais, de forma sucinta, objetiva e lacônica acerca da cultura árabe e sua transposição para o receptor ocidental. Se o alemão primava pela literalidade e precisão da escrita, o francês Joseph-Charles Mardrus (1868-1945) se preocupava com a cena a ser transmitida e idealizada, e não pelos vocábulos e literalidades do texto, com excessiva liberdade a ponto de introduzir detalhes, textos, interlúdios, perspectivas orientalistas levando Borges a dizer que “é a sua infidelidade, sua infidelidade feliz e criativa que deve importar para nós”³⁴.

Além das mencionadas, diversas outras traduções menos conhecidas de *As mil e uma noites* foram realizadas, o que encorpa ainda mais o complexo universo dos contos de Shehrazade. Não obstante tantos fatores que influenciam na obra, há ainda que se mencionar aquele travado entre os egos de cada tradutor, cada qual buscando se destacar e superar os

³³ Original: “Thought it does not engage in Burton’s indulgent loitering, his translation is entirely frank. The most ineffable obscenities do not give him pause; he renders them into his placid German, only rarely into Latin. He omits not a single word, not even those that register – 1000 times – the passage from one night to the next. He neglects or refuses all local color: express instructions from the publisher were necessary to make him retain the name of Allah and not substitute it with God.”

³⁴ Original: “It is his infidelity, his happy and creative infidelity, that must matter to us.”

outros colegas de profissão. Fatores que interferem na elaboração do texto e, corolário, em como poderá o leitor interpretar a obra. A título de exemplo, um leitor bastante sensível aos temas explícitos e sensuais certamente sentirá incômodo ao ler a versão de Burton. Já aquele mais exigente à fidelidade da tradução quanto ao texto, não aceitará bem o trabalho de Mardrus por sua intromissão e infidelidade.

Até que o acesso à obra por diferentes versões seja devidamente oferecido, o público fica condicionado à intenção do tradutor pioneiro e sua perspectiva do texto, o que pode ser bastante perigoso, vide o que ocorreu com *As mil e uma noites* na China, reduzida estritamente aos contos infantis. No Brasil, o livro *As mil e uma noites* também foi traduzido seja de forma direta ou indireta, o que doravante passa a ser tema de discussão.

4.3. AS TRADUÇÕES DE *AS MIL E UMA NOITES* NO BRASIL

Carlos Jansen (1829-1889) destacou-se na tradução para a língua portuguesa de livros voltados ao público infantil e juvenil. Em *Contos seletos das mil e uma noites* (1882) com prefácio de Machado de Assis, Jansen seleciona os contos mais interessantes em seu entendimento, além de reescrever em ordem direta e substituindo a primeira pela terceira pessoa (Lima e Sousa, 2015, p.108), o que torna o conteúdo mais acessível ao público infanto-juvenil.

O tradutor alemão nascido em Colônia, Alemanha, e radicado no Brasil teve-se a lançar adaptações de obras literárias de ineditismo no Brasil. No caso de *As mil e uma noites* também se atentou a remover os conteúdos impróprios e que oferecessem qualquer ataque ao pudor social de então (Lima e Sousa, 2015, p. 108).

Dentre as diversas outras versões produzidas no Brasil, Alberto Diniz (2001) fez famosa e bastante fidedigna tradução da edição de Galland, com prefácio de Malba Tahan, sendo uma versão bastante poética e livre de aspectos censuráveis. Já outras versões como *As mil e uma noites* de Jacob Penteadó (1960) não economizam em ilustrações bastante erotizadas e sensuais dos contos de Shehrazade.

No entanto, a primeira tradução direta do árabe para o português brasileiro foi realizada pelo professor Mamede Mustafa Jarouche, composta por cinco volumes, abrangendo os ramos sírio e egípcio, além de contos inseridos como *Aladim* e *Ali Babá*. O trabalho de Jarouche, sempre de minuciosa e criteriosa investigação científica, oferta uma qualidade incontestável. Mamede já recebeu dois prêmios “Jabuti de Tradução”, em 2006 (*As mil e uma noites*) e 2010 (*O leão e o chacal mergulhador*).

Para traduzir a obra, Jarouche se debruçou por longo período sobre os manuscritos originais e extensa literatura acadêmica. É essa segurança conferida pelas análises de Mamede que torna a eleição de sua versão a mais apropriada para os estudos do orientalismo e do feminicídio, além da maior proximidade existente na tradução direta do que na indireta.

Cenas de nudez, violência, palavras de baixo calão, traições dentre outros temas polêmicos foram mantidos na tradução de Jarouche revelando como, por exemplo, a mulher é considerada superior ao homem na arte da enganação e da sensualidade, sendo naturalmente direcionada à desconfiança gratuita, traições e dissimulações de diversos aspectos. Essa concepção do sexo feminino extraída da obra, além do feminicídio, torna imperiosa a análise da mulher no mundo oriental, em especial na cultura árabe, o que se passa discutir no próximo capítulo.

5. A MULHER NO MUNDO ÁRABE

O livro *As mil e uma noites* destaca o sexo feminino desde o seu prólogo-moldura, no qual Shehrazade é a protagonista responsável por todos os contos que serão apresentados ao leitor. Quando o rei Shariar decide, a título de vingança pela traição de sua rainha, deitar-se e executar uma mulher a cada amanhecer, o sexo feminino novamente se revela como causa da existência da obra. E quem consegue acabar com o feminicídio de Shariar é também uma mulher, Shehrazade.

O livro nasce em decorrência da conduta das mulheres e finda pela inteligência e sagacidade delas, o que se deve salientar, haja vista que o texto oferece subjetivamente uma compreensão do sexo feminino bastante generalizante e preconceituosa. Essa hermenêutica consiste em sugerir que as mulheres conseguem enganar os homens com facilidade, arquitetando estratégias para conhecer outros indivíduos – como fizeram as esposas de Shazenã e Shariar, ou ainda convencer e dissuadir o homem, fazendo com que a convicção masculina passe a ser senão as vontades femininas – como conseguiu Shehrazade.

A submissão das mulheres em *As mil e uma noites* retrata o que realmente acontece nas regiões que direta ou indiretamente estiveram envolvidas na elaboração e compilação do texto. A região da antiga Pérsia, a Índia quando da invasão árabe e as regiões do Oriente Médio são de fato bastante patriarcais. Pelas razões já discutidas, é a cultura árabe a que reconhecidamente mais representa o livro, portanto é sobre a mulher inserida nesta cultura a que o estudo deve se dedicar e priorizar.

A religião muçulmana marca constante presença nos contos de Shehrazade e, por mais irônico que possa parecer, o islamismo (e toda a tradição abraâmica) ensina certas normas que realmente colocam a mulher em papel secundário, submisso e quase que como um objeto de posse dos homens. O tema é bem evidente e realçado no âmbito muçulmano, valendo-se da sura 4:34 do Alcorão (2012, p.83-84), *in verbis*:

Os homens têm autoridade sobre as mulheres porque Deus os fez superiores a elas e por que gastam de suas posses para sustentá-las. As boas esposas são obedientes e guardam sua virtude na ausência de seu marido conforme Deus estabeleceu. Aquelas de quem temeis a rebelião, exortai-as, bani-as de vossa cama e batei nelas. Se vos obedecerem, não mais a molesteis.

Nos termos prescritos pela religião muçulmana, essa sura outorga o direito ao homem de bater em sua(s) mulher(es) naqueles casos em que as mulheres não os obedecerem. A sura é polêmica e diversas interpretações recentes visam a atenuar seu conteúdo. Só que a tradução é exatamente como essa aqui exibida, feita pelo insigne Mansour Challita³⁶ (1919-2013). O teor da sura é bastante preocupante. Primeiro, porque esmaga qualquer discussão e possibilidade de existir entre os gêneros qualquer igualdade e equidade. Segundo, não só existe a evidente assimetria, mas a mulher deve ainda ser obediente e desprovida de qualquer voz na sociedade islâmica.

À vista disso, a mulher é mera extensão da vontade do homem, desde que ouvido o ensinamento da sura 4:34. Ou seja, pelas veredas indicadas pelo Alcorão, Shariar exagerou apenas no ato de matar (posto que a recomendação é o espancamento) sua esposa e as mulheres do reino, vez que o poder punitivo que detinha recebia o crivo da própria religião em castigar as mulheres “não obedientes” ao seu bel entendimento; não só por ser rei, mas simplesmente por ser homem. Esse absurdo professado e instituído na lei islâmica vigora nos dias atuais com a mesma força, especialmente em países de posturas mais radicais como a Arábia Saudita.

Para se ter breve noção da rigidez de nações como a saudita, Mamede Jarouche (1963-), em entrevista concedida em 2013 à FLIP- *Festa Literária Internacional de Paraty*, afirmou que a Arábia Saudita é um país muito desagradável e que, entre a morte e viver naquele país, é preferível morrer.

Agravando ainda mais a situação feminina nas regiões árabes existe o fato de que a religião se confunde com o próprio direito. René David (1993, p. 411) ensina que, no mérito sobre as fontes do direito muçulmano, em primeiro lugar está o Corão que, como se viu mais acima, apresenta conteúdos que são severamente reprováveis.

Caso emblemático que representa milhares de vozes anônimas e que sofreram e ainda sofrem em silêncio é o de Mukhtar Mai (1972-) nascida em Meerwala, Paquistão. Em 2002, seu irmão mais novo foi visto conversando com uma moça da tribo rival, considerada “superior” à de Mukhtar. Tal ato é inconcebível na cultura muçulmana tribal que ali ainda impera. O conselho deliberativo da tribo antagonista decidiu que quem deveria pagar pelo erro do irmão era Mukhtar, que foi “sentenciada” pela voz êmula ao estupro coletivo por quatro homens. Além

³⁶ Mansour Challita foi um destacado tradutor, jornalista, letrólogo filósofo, escritor e diplomata libanês. Seus principais trabalhos foram as traduções do Alcorão e dos livros de Gibran Khalil Gibran.

do crime brutal, o que mais causa espécie é o aceite da tribo de Mai e o Estado, hipócrita, nada fazer. Em *Desonrada* (2008) a própria vítima narra o ocorrido:

Eu estou ali, realmente, mas não sou mais eu. Esse corpo paralisado, essas pernas que bambolem já não me pertencem. Eu vou desmaiar, cair no chão, mas nem tenho tempo. Sou arrastada à força como uma cabra que vai ser abatida. Meus braços foram agarrados por braços de homens, que puxam minhas roupas, meu xale e meus cabelos. Eu grito:

“Em nome do Corão, me deixem! Em nome de Deus, me deixem!”

Passo então da noite externa a uma noite interna, em algum lugar fechado onde só a luz da Lua, entrando por uma minúscula janela, me permite ver os quatro homens. Quatro paredes e uma porta, diante da qual se delineia uma silhueta armada. Nenhuma saída. Nenhuma oração possível.

Foi ali que eles me violaram, na terra batida de um estábulo vazio. Quatro homens. Não sei quanto tempo durou essa tortura infame. Uma hora ou uma noite. Eu, Mukhtar Bibi, filha primogênita do meu pai, Ghulam Farid, perdi consciência de mim mesma, mas jamais esquecerei o rosto daqueles animais. Para eles, uma mulher não passa de um objeto de posse, honra ou vingança. (p.18-19)

Mukhtar Mai foi brutalmente estuprada por quatro homens abjetos da tribo que havia aprisionado seu irmão mais novo. O excerto revela que nem mesmo a evocação do Alcorão ou de Alá, capaz de barrar até mesmo os mais ferozes *djins* dos contos de Shehrazade, foram suficientes para interromper o crime execrável de estupro coletivo.

A mulher é tratada como verdadeiro objeto ou moeda de troca nessas culturas tribais. Mas não se pode olvidar que a religião presente nessas regiões é o islamismo. Após o estupro, que seria a “punição resolutiva” do mérito, a tribo dos agressores continuou a recusar a liberação de seu irmão. O caso foi à autoridade policial local – que nenhuma importância lhe deu. Em verdade, cobraram elevado valor a título de fiança do sequestrado. É de se espantar que a polícia tenha cobrado para fazer seu serviço e, pior ainda, exigiram valor para libertar uma vítima sequestrada! Mukhtar não desistiu de sua sede de Justiça, levando o caso ao Tribunal competente paquistanês. A mesma hipocrisia constatada pela polícia local também se deu no judiciário. Mai também procurou acionar a ONU – Organização das Nações Unidas reportando o ocorrido.

Num primeiro momento, a ONU vetou a comunicação pública de Mukhtar em virtude da presença do Chefe de Estado do Paquistão na reunião em que ela exporia o hediondo

acontecimento. Pressões do governo paquistanês em calar Mukhtar foram inúmeras, inclusive seus direitos de locomoção foram reduzidos pelo Estado, temeroso pela visibilidade de sua omissão em casos como esse. (Mukhtar, 2008, p.8). No entanto, com a repercussão do crime, a Corte Antiterrorismo de Dera Ghazi Khan, Paquistão, muito felizmente, sentenciou a pena de morte aos agressores. A ONU finalmente interveio e auxiliou Mukhtar Mai.

As mulheres vitimadas por Shariar, embora produtos de uma ficção, representam a verdade de milhões de mulheres como essa que são diariamente submetidas às atrocidades de todo tipo. Imperioso dizer que os ingredientes de uma ficção são oriundos senão da própria realidade a que alcançam os autores.

Corolário, tem-se que desde o século IX, momento convencionado como o início da compilação de *As mil e uma noites* a realidade das mulheres árabes não mudou muito. Ainda no mérito da violência sofrida pelo gênero feminino, em 2020, um pai denunciou sua filha, Khatera, ao Talibã, grupo terrorista de ideais muçulmanos, por ter conseguido um emprego na polícia do Afeganistão (Moreira, 2020). O resultado foi que Khatera teve seus olhos arrancados pelos membros do grupo extremista.

O próprio pai é quem denunciou a filha ao Talibã, anuindo com a retirada dos olhos de Khatera para que ela “aprendesse” que mulheres não devem trabalhar fora de casa, muito menos na polícia afegã. O nível de fanatismo, essa cegueira pela fé, supera o ridículo e o hediondo. Vê-se que a ideologia desses grupos islâmicos está enraizada nas convicções de muitos muçulmanos (como o genitor de Khatera), servindo-se de substrato para o ideário coletivo de milhões que aderem ao Islão.

Figura 1 – Khatera tem seus olhos arrancados pelo Talibã. Fonte: extra.globo³⁷



³⁷ Veja: <https://extra.globo.com/noticias/page-not-found/pai-denuncia-ao-taliba-afega-tem-os-olhos-arrancados-por-conseguir-emprego-24738559.html>

O Talibã também atentou contra a vencedora do Prêmio Nobel da Paz, Malala Yousafzai (1997-), paquistanesa ativista em prol do acesso à educação pelas mulheres. Com 15 anos de idade, recebeu três tiros na cabeça ao voltar da escola por um militante do grupo radical.

Em 14 de abril de 2014. O grupo extremista sunita “*Boko Haram*”³⁸ sequestrou 276 alunas de um dormitório escolar em Chibok, Nigéria. A justificativa seria que as garotas seriam maculadas pela “imoral” cultura ocidental que adentrara a Nigéria. Para o grupo radical, apenas a religião islâmica detém a verdade e maneira correta para a vida.

Essa mescla de interesses religiosos, políticos, étnicos, militares e econômicos, aliado à discriminação entre os sexos, torna o Oriente Médio e regiões islâmicas extremamente sufocantes ao grito da mulher. Aïcha El Hajjami (2008) aduz que os reflexos dessa assimetria entre homens e mulheres decorre da hermenêutica dos primeiros juristas islâmicos, pressionados pelos homens a interpretar o Alcorão em favor deles:

Se é verdade que a questão de igualdade entre os sexos confronta o referencial islâmico e coloca o mundo muçulmano no tribunal das nações em função das leis de desigualdade que regem as relações sociais entre os sexos, principalmente na esfera privada, não é menos verdade que a condição de inferioridade e de precariedade nas quais estão confinadas a maior parte das mulheres nas sociedades árabe-muçulmanas são oriundas principalmente da hegemonia de uma mentalidade (de um sistema) patriarcal que instrumentaliza sua leitura da religião para legitimar as situações de dominação, de violência e de exclusão em relação às mulheres. É uma leitura baseada numa interpretação restritiva e rígida dos textos corânicos. Assim, muitas regras jurídicas, ditas islâmicas ou qualificadas como *chari'a*, são construções dos primeiros juristas muçulmanos que, na verdade, realizaram um imenso trabalho de interpretação e de racionalização para adaptar as prescrições corânicas às realidades sociais de sua época. No entanto, muitas vezes, as normas que eles estabeleceram nos domínios familiares refletiam as resistências masculinas às mudanças inauguradas pelas recomendações corânicas. O mesmo ocorreu com os usos e costumes reinantes nas sociedades árabe-muçulmanas frequentemente apresentadas como se fizessem parte das recomendações islâmicas.

Só que, independentemente da hermenêutica e exegese dos primeiros juristas, o que afirma o islamismo é que a palavra do Alcorão foi escrita tão pura e somente pelos ensinamentos do próprio Alá. Ou seja, o conteúdo do texto é intocável por mãos humanas. Portanto, a

³⁸ “*Boko Haram*” pode ser traduzido como “proibição à educação do Ocidente”.

argumentação de que as mulheres ainda hoje sofrem por culpa da interpretação dos homens é extremamente frágil. Como se viu, a própria sura 4:34 é incisiva e literal em autorizar o espancamento das mulheres subversivas, arredias e discordantes da fé islâmica.

A interpretação radical do Alcorão promove conflitos e guerras não apenas em relação às mulheres, mas simplesmente contra tudo e todos que discordarem e se desviarem de sequer uma letra de seu texto sagrado. Veja-se excerto do estatuto³⁹ do *Hamas*⁴⁰:

Em nome de Alá, o Misericordioso, o Piedoso,

Israel existirá e continuará existindo até que o Islã o faça desaparecer, como fez desaparecer a todos aqueles que existiram anteriormente a ele. (Segundo as palavras do mártir, Iman Hasan al-Banna, com a graça de Alá).

Art. 1º: o Movimento de Resistência Islâmica é o caminho. É do Islã que derivam suas ideias, conceitos e percepções a respeito do universo, da vida, e do homem, e todas as suas ações levam em conta o seu julgamento.

Art. 8º: Alá é a finalidade, o Profeta o modelo a ser seguido, o Alcorão a Constituição, a Jihad é o caminho e a morte por Alá é a sublime aspiração...

Depreende-se do fragmento acima que a ideologia do *Hamas* é positivada como extremamente intolerante e beligerante. É com essa mesma fixação irrefreável que não apenas outros grupos radicais interpretam o Corão, mas grande parte da própria comunidade islâmica. No caso da submissão feminina esse mesmo vigor irredutível da fé muçulmana age de forma interina, tornando a situação praticamente impossível de ser modificada. A mulher muçulmana não tem a quem recorrer, exceto em casos raríssimos com a de Mukhtar Mai e Malala Yousafzai, que lograram êxito em buscar ajuda fora do âmbito muçulmano de suas realidades.

Uma das teses defendidas para justificação dessa imposição masculina, além do que prescreve o Alcorão, é a de que o homem deve proteger e cuidar de sua(s) mulher(es) e, para tal, deve mantê-la em casa ou em locais de pouca participação social. Quando a mulher andar pelas ruas, deverá cobrir-se a fim de que se proteja da cobiça dos olhos alheios. Essa cobertura por meio de vestimentas é proporcional à rigidez de cada cultura. O véu conhecido como

³⁹ O estatuto pode ser lido na íntegra no seguinte site: <https://www.poder360.com.br/internacional/leia-a-integra-do-estatuto-do-hamas/>

⁴⁰ “*Hamas*” pode ser traduzido como “bravura, proteção”. Trata-se do Movimento de Resistência Islâmica que atua predominantemente na região palestina em constantes guerras contra Israel.

“*shayla*”, por exemplo, permite à mulher que deixe à mostra seu rosto e parte do pescoço, sendo o mais flexível e exposto de todos os véus. Noutro giro, a “*burqa*” é aquele no qual nada da mulher poderá ser visto, permitindo-se que apenas um tecido de renda fique sobre a pequena janela dos olhos da indumentária. O mais comum e conhecido dos véus utilizado pelas mulheres muçulmanas é o *hijab*, que permite o rosto ser visto, no entanto, o pescoço deverá permanecer coberto.

Essa vedação do islamismo à mostra do corpo feminino tem sido tema de diversos debates que visam a demover sua utilização. Ocorre que, como já dito, há um enraizamento cultural que deve ser considerado, de forma que muitas mulheres muçulmanas são inteiramente a favor do uso dessas vestes, principalmente por se sentirem mais protegidas. Importante frisar que detrás dessa intenção de ajuda às mulheres islâmicas no mérito de suas vestimentas pode existir o viés orientalista, posto que se objetiva trazer a mulher do Islão ao comportamento ocidentalizado moderno.

Amar Abdalalim Halabieh Alrai (2022, p.28) chama atenção para o orientalismo nesse sentido:

O debate entravado sobre o uso do véu se dá devido a forma que a mulher muçulmana se expõe perante a sociedade num espaço público. Para muitos, o *hijab* não é compreendido, e o seu uso não seria condizente com a realidade moderna. Contudo, há uma contradição por parte da sociedade. Se por um lado as freiras usando o hábito religioso são sinônimos de mulheres crentes e tementes à Deus, por outro lado, muçulmanas que usam o *hijab* são vistas como oprimidas, submissas ao homem e vítimas da misoginia.

É importante ter em mente é que a generalização deve ser sempre evitada. A realidade das mulheres é um tema que merece atenção mundial. Infelizmente, em todos os países e culturas existem diferenças entre os gêneros, as quais necessitam de urgência para serem combatidas.

Não se nega que na sociedade islâmica atrocidades inimagináveis ocorram com as mulheres. Igualmente, não se nega que a mulher é de fato colocada em papel secundário na sociedade muçulmana. No entanto, a bem dizer, isso ocorre em maior ou menor grau, em todas as culturas. É importante lembrar-se de que o celibato instituído pela Igreja Católica Apostólica Romana porta, dentre outras motivações, a intenção de evitar o casamento com os membros da

Igreja e, por conseguinte, evitar a divisão de bens. A mesma Igreja que promoveu a queima de mulheres tidas como “bruxas” e que segue um texto sagrado que coloca a mulher, Eva, como a razão de todos os pecados da humanidade e um apêndice (costela) do homem, Adão.

A violência contra a mulher é, infelizmente, uma realidade global. Historicamente, verifica-se uma série de episódios em que as mulheres foram violentadas, sendo que ainda hoje, dias em que o enfrentamento dessa questão é cada vez mais buscado e valorizado, as mulheres continuam sendo alvo de preconceitos, atitudes e crimes brutais. A título de exemplificação, veja-se o caso do assassinato bestial de Hipatia de Alexandria (370-415). Hipatia era uma intelectual de renome nos campos da filosofia e da ciência, considerada a primeira mulher matemática da história. Nesse sentido, ponderações como a de Loraine Oliveira (2016) são importantes:

Na história da matemática também se encontram pouquíssimas mulheres. Mas há que se indagar se estas mulheres foram realmente poucas, ou se foram apagadas com o tempo, pelas versões mais difundidas da história, que até bem pouco tempo eram escritas por homens. Ou seja, faziam parte do arcabouço ideológico que sustentava o poder falocrático. Dito isso, Hipatia é uma das primeiras mulheres matemáticas da qual se conhecem alguns detalhes. (p.11)

Por ter sido considerada subversiva aos ditames religiosos cristãos de sua época, mulher de poder, inteligência, sabedoria e raríssima beleza, foi alvo de um assassinato hediondo. Cristãos zelotes agarraram-na, despiram-na e começaram a esfolá-la viva, não poupando nem mesmo seus ossos. Em seguida, esquartejaram-na e atearam fogo nos pedaços de seu corpo (Pickover, 2009). Em *As mil e uma noites* diversos são os contos que reiteram que a mulher é um ser subalterno e sem poderes senão os da persuasão e estratégia. A título de prova dessa concepção, o quarto volume da tradução de Mamede Jarouche (2015, p. 163-165) traz o conto *A beduína, seu marido e seu amante*, no qual o amante começa a exigir da mulher, sem qualquer justificativa aparente, que copulassem em frente do marido:

Certo dia, esse amante veio até ela e disse: “Por Deus que somente ficarei com você se deitarmos juntos e nos satisfazermos com o seu marido olhando” (...) Após alguns momentos de reflexão sobre o assunto, sobre como proceder, a mulher se levantou, escavou no centro da tenda um buraco do tamanho de um homem e ali escondeu o amante. Nas proximidades da tenda havia uma árvore. Quando o marido dela retornou do pasto, ela lhe disse: “Fulano, suba em cima

da árvore e nos traga um pouquinho de sicômoro para comermos”. O marido respondeu: “Tudo bem”, e trepou na árvore. A mulher piscou para o amante, que subiu em cima dela. Vendo-a, o marido disse: “O que é isso, sua puta?” O homem está montando em você na minha frente, comigo olhando!”, e desceu rapidamente da árvore, e enquanto ele descia o amante se satisfazia na mulher, tornando a entrar no buraco no centro da tenda, que foi coberto por ela com um tapete. Quando o marido desceu não encontrou ninguém.

A beduína disse ao marido, já no chão, que ele havia enlouquecido ao acusá-la de traição. Para provar que a contestação do marido era senão fruto de sua loucura, a mulher subiu na árvore e, do topo, acusou-o da mesma coisa: “Homem, tenha vergonha pela sua honra! Por que está agindo assim, deitado e com um homem fazendo em cima de você? ” (p.164). Por evidente que o marido disse que quem estava louca era sua mulher e que não havia homem algum sobre ele. Após discutirem, concluíram que o local seria encantado e que ambos foram vítimas dessa magia.

Após todo o ocorrido, a mulher continuou traindo, enganou o marido e satisfazia seu amante. Essa história foi contada por Shehrazade nas noites 655 e 656 segundo o ramo egípcio. O conto merece considerações mais aprofundadas. Primeiro, não se pode deixar de notar que a beduína é tão culpada quanto o seu amante. No entanto, mesmo nessa relação ilegítima, a figura feminina é submissa e atende às ordens do homem com o qual engana seu marido. Em *As mil e uma noites* a vitória da inteligência sobre a força comumente independe de juízos morais.

Segundo, encontrou solução com efeito duplo: assegurar o amante consigo e a manutenção de seu casamento. O conto não explica nem contextualiza qualquer motivação para a beduína enganar seu marido. A história começa de súbito com a traição feminina, sugerindo que seria algo bastante comum. O terceiro volume da versão de Jarouche (2015, p.254-256) traz na 900ª noite o conto *A mulher o ladrão*. Nessa história, Shehrazade narra que certa vez um ladrão invadiu uma casa onde habitava uma inteligente mulher e seu marido. O bandido adentrou a residência durante o sono do casal. Por não encontrar nada a furtar, decidiu acordar o marido para que lhe apontasse onde estariam suas riquezas. Com a negativa do homem, o malfeitor começou a espancá-lo. Vendo a cena de violência, a mulher decidiu agir:

Acaso as reservas não estão enterradas naquele cômodo? e, voltando-se para o ladrão, rogou-lhe que batesse mais no marido, a fim de que este lhe entregasse o dinheiro cuja inexistência ele mentirosamente jurara; o ladrão

enfiou o homem no cômodo e o surrou com mais força ainda, a fim de que lhe entregasse o dinheiro ali escondido; tão logo, ambos entraram no cômodo, a mulher trancou porta, que era bem resistente e disse: “Ai de você, ignorante! Agora está pego! Vou gritar para que a guarda noturna venha prendê-lo! Está liquidado, seu demônio!”

O ladrão suplicou para que o libertasse. A mulher, no entanto, disse para o marido espancá-lo e torturá-lo até o dia seguinte. Despertando-se do desmaio após a surra que levava, o bandido ainda foi ameaçado pela mulher, que o obrigou a pagar todas as dívidas e despesas que o casal possuía, o estudo do filho, dentre outras exigências. A sagaz mulher deixou o marido vigiando o bandido aprisionado e foi exigir a quantia da esposa do criminoso - que ao saber do ocorrido pagou imediatamente. Em suma, o ladrão deixou de ser o agressor para se tornar vítima, vez que foi espancado até quase morrer e ainda teve de pagar quantia em dinheiro para o casal.

Nessa história, em que pese a mulher ter agido em defesa do marido e de si mesma, novamente foi sua estratégia a responsável por punir o bandido e, ainda mais, forçá-lo a “indenizar” o casal. A inteligência da mulher foi superior à dos dois homens. Já na 204ª noite do segundo volume (2015, p.79-80), narrada pelo ramo sírio da versão do professor Mamede, conta-se a história de Nuruddin Ali e a bela Anisuljalis.

Anisuljalis era uma escrava e havia sido comprada por um vizir que desejava presentear o califa. A beleza e as habilidades artísticas da dama a faziam a mais exponencialmente bonita e desejada das mulheres. Antes de presentear o califa, o vizir deixou Anisuljalis por quinze dias no palácio para que se preparasse física e psicologicamente para ser dada como agrado. Para grande azar do vizir, seu próprio filho, Nuruddin Ali, conhecido por ser um conquistador de mulheres, acabou por desvirginar Anisuljalis em uma cena que coloca a mulher quase que como um ser movido exclusivamente por pulsões sexuais:

Em seguida ela se levantou, ainda exibindo vestígios de banho, foi até a porta do aposento, olhou para Nuruddin Ali e viu um jovem que parecia a lua cheia na noite em que se completa; seu olhar foi seguido de um suspiro. O rapaz olhou inopinadamente também a viu e seu olhar foi igualmente seguido de um suspiro – o transtorno de ambos caiu na rede do amor pelo outro. O jovem voltou-se para as duas meninas e gritou com elas, que ficaram atemorizadas e fugiram, pondo-se a observar de longe o que ele ia fazer: avançou até a porta do aposento, abriu-a, entrou e perguntou para a jovem: “Você é quem meu pai comprou para mim?”. Ela respondeu: “Sim, por Deus, meu senhor, sou eu”. Nesse momento, o jovem avançou até ela – estava completamente embriagado -, pegou-a pelas

pernas e ergueu-as até sua cintura, enquanto ela lhe enlaçava o pescoço com as mãos e o recebia com beijos intensos e lascivos. Imediatamente ele rasgou pela cintura as roupas que ela trajava e a deflorou.

Nota-se que sem nenhuma preliminar ou flerte a dama se entrega ao rapaz e permite a cópula. Em que pese o exagero da cena⁴¹, a personagem acaba tendo reduzido seu valor moral quando permite um estranho, ainda que pelo ardor da paixão, a desvirgine com facilidade impressionante. Portanto, até o momento já é possível concluir que a mulher é considerada como ardilosa, estrategista, inteligente, traiçoeira, sub-reptícia, movida por seus desejos ardentes que impossibilitam qualquer crédito e confiança em sua palavra.

Esse teor sexista que o livro se esforça em extrair da mulher tem seu expoente mais notório o conto *O carregador e as três jovens de Bagdá* (2015, p.118), que pode ser lido no primeiro volume do *Livro das mil e uma noites* traduzindo por Jarouche. Nesse conto, um carregador após acompanhar uma dama em suas muitas compras na cidade de Bagdá dirigiu-se até a casa dela para deixar suas mercadorias. Ali chegando percebeu que outras duas mulheres residiam na casa. Eram ao todo três irmãs sem nenhum homem que também ali habitasse.

Ao receber seu dinheiro, o carregador ficou impressionado com o banquete que estavam preparando e que havia um lugar vazio à mesa. As mulheres decidiram que ele poderia ficar e participar do jantar. Durante o farto banquete as mulheres serviram álcool⁴² ao carregador. Após muitas taças de vinho, todos os quatro participantes do jantar estavam embriagados. Quando uma das anfitriãs decide se despir e pular numa piscina. O que se segue é que, nua, começou a provocar o carregador como se verifica na 31ª noite dos contos de Shehrazade (Jarouche, 2015, v.1, p.118):

⁴¹ O livro *As mil e uma noites* é um cardápio de exageros e hipérboles. Descrições de personagens e lugares são tão enfeitadas e prolixas que podem levar o leitor ao cansaço ou desinteresse. A cultura árabe é bastante recheada de longas e floreadas frases desde o cotidiano, como por exemplo, quando se diz: “*Sabah al-Kheir!*” (algo como “manhã na prosperidade”), não raro que a resposta seja “*Sabah al-Kheir u Iasmim u Nur u Q’ua!*” (que pode ser traduzida como “uma manhã na prosperidade, na luz, na força e no perfume de Jasmim”). Não seria diferente na escrita, quando a própria Anisuljalis é considerada tão bela que sua luz dá inveja ao Sol. As cenas de sexo são caprichosamente relatadas sem preocupações com qualquer pudor, havendo também o exagero como uma de suas substâncias de composição. A jovem Anisuljalis se entregou a Nuruddin (“aquele que tem a luz da fê”) em ato contínuo da primeira troca de olhar, com o agravante de que ela havia saído do banho e havia pessoas nas proximidades. Certamente a ideia central do conto era mostrar a lascívia que acompanha naturalmente o sexo feminino.

⁴² Do árabe “*Al-Khul*” (substância da enganação), o consumo de bebidas alcóolicas é severamente proibido no islamismo.

Disse a anfitriã: “Meu senhor, meu querido, o que é isso? ” – enquanto colocava mão na vagina – “o que é isso?”. O carregador respondeu: “Seu útero”. Ela disse: “Nossa! Não tem vergonha? ”, e lhe deu pancadas no cangote. Ele disse: “Sua greta! ”, e então foi a outra que gritou, beliscou e disse: “Ih, que coisa feia! ”. Ele disse: “Sua boceta”, e aí foi a terceira que lhe esmurrou o peito, derrubando-o e disse: “Xi, tenha vergonha!”. Ele disse: “Seu clitóris”, e a que estava nua aplicou-lhe uns tapas e disse: “Não!”. Ele disse: “Sua vagina, sua chavasca, sua xereca, enquanto ela dizia: “Não, não”. E, assim, toda vez que ele sugeria algum nome, uma das garotas o esmurrava e dizia: “Qual é o nome disto?”. Uma esmurrava, outra estapeava e a terceira beliscava, até que enfim ele disse: “Tá legal, camarada, qual é o nome?”. Ela disse: “O nome é manjerição das pontes”.

Após esse comportamento bastante ridículo, a história continua com as outras duas irmãs repetindo a conduta da primeira, com a ressalva de que nomearam seus órgãos genitais com outros apelidos. O carregador se animou se despiu, pulou na piscina e fez brincadeiras com seu sexo. Dessa cena que parece anunciar uma orgia, é a mulher quem atrai (convida ao banquete), engana (oferecendo álcool) e provoca (com a nudez) o homem. Essa concepção não é adstrita ao entendimento islâmico. Os textos bíblicos trazem a história das filhas de Ló, que embebedaram o próprio pai e dele engravidaram (Gênesis, XIX, 31-38):

31. Disse a primogênita à menor: Nosso pai é velho, e na terra não há homem que venha unir-se conosco como é o costume de toda a terra.

32. Vinde, façamos que nosso pai beba vinho, e vamos deitar-nos com ele, para que possamos conservar a linhagem de nosso pai.

33. Aquela noite, pois, deram de beber vinho a seu pai e, entrando a primogênita, deitou-se com ele; ele não sentiu, nem quando ela se deitou, nem quando se levantou.

34. No dia seguinte disse a primogênita à menor: Eis que ontem à noite me deitei com meu pai. Demos-lhe de beber vinho esta noite também; entra e deita-te com ele, para que possamos conservar a linhagem de nosso pai.

35. Tornaram, pois, aquela noite a dar de beber vinho a seu pai e, levantando-se a menor, deitou-se com ele; ele não sentiu, nem quando ela se deitou, nem quando se levantou.

36. Assim as duas filhas de Ló conceberam de seu pai.

37. A primogênita deu à luz um filho, e chamou-lhe Moabe: este é o pai dos moabitas, até o dia de hoje.

38. A menor também deu à luz um filho, e chamou-lhe Ben-Ami: este é o pai dos filhos de Amom, até o dia de hoje

Depreende-se dos escritos bíblicos que em verdade o que ocorreu entre Ló e suas filhas foi o que hodiernamente se diz incesto, com a qualificadora de uso de drogas (álcool). E quem deu causa novamente foi a mulher. Existe um denominador comum compartilhado por incontáveis culturas ao longo da história que é a falácia da superioridade do homem. O que ocorre em *As mil e uma noites*, nesse sentido, é apenas mais um relato dessa longuíssima lista de publicações que discriminam e diminuem as mulheres.

A obra também pode ser analisada com um viés de protesto das mulheres em relação aos homens, já que a vitória feminina é inconcussa. Shehrazade venceu o irrefreável Shariar, assim como em diversos contos o cérebro da mulher se sobrepôs ao braço do homem.

Nem mesmo os poderosos *ifrīts* (efrites), demônios cujos poderes são inferiores apenas aos de Alá, conseguem impedir uma mulher daquilo a que se propõe fazer. Quando Shariar e seu irmão, Shazenã, partem do castelo desgostosos pela traição de suas rainhas, encontram um desses seres gigantescos e amedrontadores.

O *ifrit* guardava uma mulher em um baú que levava sobre sua cabeça. Quando a destrancou, o demônio exigiu que a mulher cantasse para que pudesse dormir, obedecendo prontamente a prisioneira. A mulher, percebendo ser observada pelos reis irmãos intimou-os para que copulassem com ela, sob pena de fazer despertar a besta colossal que os assassinaria num piscar de olhos. Após o sexo, disse a moça aos irmãos (Jarouche, 2015, v.1, p.47-48):

Quando terminaram e saíram de cima dela, a jovem disse: “Deem-me seus anéis”, e puxou, do meio de suas roupas, um pequeno saco. Abrindo-o, sacudi seu conteúdo no chão, e dele saíram noventa e oito anéis de diferentes cores e modelos. Ela perguntou: “Por acaso vocês sabem o que são estes anéis?” Responderam: “Não”. Ela disse: “Todos os donos desses anéis me possuíram, e de cada um eu tomei o anel. E como vocês também me possuíram, deem-me seus anéis; assim, cem homens terão me descoberto bem no meio dos cornos desse *ifrit* nojento e chifrudo, que me prendeu nesse baú, me trancou com quatro cadeados, e me fez morar no meio desse mar agitado e de ondas revoltas, pretendendo que eu fosse, ao mesmo tempo, uma mulher liberta e vigiada. Mas ele não sabe que o destino não pode ser evitado nem nada pode impedi-lo, nem que, quando a mulher deseja alguma coisa, ninguém pode impedi-la”.

Reis, ladrões, amantes, maridos, *ifrīts* e homens em geral não estão à altura da sagacidade do sexo feminino que, com sua inteligência pode alcançar tudo aquilo que deseja. Essa é a mensagem que o livro *As mil e uma noites* carrega sobre a mulher inserido em sua

cultura, predominantemente árabe. A mulher é ainda considerada como pouco confiável, volátil em seus desejos e fidelidade, persuasiva e manipuladora. Essa visão presente na ficção acompanha aquilo que se pensa na sociedade árabe e muçulmana, sem prejuízo de tantas outras culturas que também detêm o preconceito e distinção de gênero ainda bem enraizados em seus princípios e valores.

A famosa pergunta de Sigmund Freud: “O que quer uma mulher? ” intrigou até mesmo o célebre médico psicanalista em virtude da complexidade de sua resposta. Só que ao menos uma resposta é acertada, a de que a mulher deseja ter seus direitos plenamente atingidos em equidade e igualdade, livres de ameaças e violências de todos os tipos e da mão político-religiosa que ainda estrangula a voz do sexo feminino. Um dos crimes mais graves contra a mulher é o feminicídio, que será investigado logo a seguir.

6. FEMINICÍDIO

Os contos de Shehrazade revelam que a violência é um dos ingredientes de *As mil e uma noites*, apresentando-se em suas mais variadas formas, desde torturas, agressões verbais, ameaças, coerções e encarceramentos até os assassinatos mais brutais. O próprio livro decorre de uma cadeia sucessória de delitos promovidos pelas autoridades Shariar e Shazenã, tornando o crime algo indissociável à própria obra e, para mais, um fator contribuinte para sua existência e manutenção. O sangue derramado das personagens provoca observações mais pormenorizadas no que se refere às motivações que ensejaram a conduta criminosas. E a resposta pode impressionar, vez que situações completamente surrealistas e absurdas, com nexo de causalidade⁴³ algum justificam atentados que superam a mais imaginativa lógica pueril, senão veja-se:

Viajou por três dias; no quarto, como fizesse muito calor e aquele caminho inóspito e desértico fervesse, e tendo avistado um oásis adiante, correu até lá a fim de se refrescar em suas sombras. Dirigiu-se para o pé de uma nogueira a cujo lado havia uma fonte de água corrente e ali se sentou, antes amarrando a montaria e pegando seu alforje, do qual retirou o farnel: bolinhos e um pouco de tâmaras. Pôs-se a comer as tâmaras, jogando os caroços à direita e à esquerda, até que se saciou. Em seguida, levantou-se fez abluções e rezou. Quando terminou os últimos gestos da prece, antes que ele se desse conta, aproximara-se um velho gênio cujos pés estavam na terra e cuja cabeça tocava as nuvens, empunhando uma espada desembainhada. O gênio se achegou, parou diante dele e disse: “Levante-se para que o mate com esta espada, do mesmo modo que você matou meu filho!”, e deu uns gritos com ele. Ao ver o gênio e ouvir-lhes as palavras, o mercador ficou atemorizado e, invadido pelo pânico, disse: “E por qual crime vai me matar, meu senhor?”. O gênio respondeu: “Pelo crime de ter matado meu filho”. Perguntou o mercador: “Por Deus que eu não matei seu filho! Quando e como isso se deu?”. O gênio respondeu: “Não foi você que estava sentado, e que tirou tâmaras da mochila, pondo-se a comê-las e a jogar os caroços à direita e à esquerda?”. O mercador respondeu: “Sim, fiz isso”. O gênio disse: “Foi assim que você matou o meu filho, pois, quando começou a jogar os caroços à direita e à esquerda, meu filho começara logo antes a caminhar por aqui, e então um caroço o atingiu e matou”. (...) “É imperioso que eu o mate, assim como você matou meu filho. A morte se paga com a morte”. (p.57)

⁴³ É um conceito do Direito Penal entendido como a relação de causalidade entre o crime ou conduta delituosa, seja por ação ou omissão, e as consequências mediatas e imediatas do evento. A observação do nexo de causalidade é necessária para que haja possibilidade de estudar se de fato houve crime, a pena e sua dosimetria.

Depreende-se do texto que o gênio decidiu, a título de vingança, tirar a vida de forma dolosa do viajor que acidentalmente matara seu filho. A fantasia não encontra limites sobre como um carço poderia matar o filho de uma tão imponente criatura, supondo-se como corolário, ser a prole também de poderes sobre-humanos. O que interessa no excerto é que nitidamente a vingança é assumida como uma justiça à la Talião⁴⁴. Contudo, nem sempre as sanções seguem uma obtusa proporcionalidade ou retaliação em relação ao crime ou contravenção cometidos, vez que medidas exageradas estão comumente presentes no texto, como a infidelidade ser punida por meio da morte.

A deslealdade das rainhas de Shazenã e de seu ainda mais colérico irmão Shariar foi penitenciada senão pela extinção de suas vidas, ferindo os preceitos de correspondência de Talião. Em que pese a traição ser arrolada como crime em diversos países, inclusive até 2005 no Brasil⁴⁵, a pena de morte no caso em comento é certamente desproporcional e pune de forma abusiva o infrator. Não é apenas em livros como *As mil e uma noites* – que personifica o próprio Oriente no ideário coletivo – que o adultério é levado às consequências capitais. O livro de João (8:3-11) reporta o seguinte:

1. Porém Jesus foi para o Monte das Oliveiras;
2. E pela manhã cedo voltou para o templo, e todo o povo vinha ter com ele, e assentando-se, os ensinava.
3. E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério.
4. E pondo-a no meio, disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato, adulterando.
5. E na Lei nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes?

Investigando-se a Lei Mosaica tem-se que em Levítico (20:10) é expressa a ordem de morte: “O homem que adulterar com a mulher de outro, sim, aquele que adulterar com a mulher do seu próximo, certamente será morto, tanto o adúltero, como a adúltera”. O silêncio no livro de João sobre o que ocorreu com o homem adúltero pego em flagrante com a mulher condenada

⁴⁴Trata-se de uma lei, também chamada pena de Talião, conhecida por seu radicalismo e reciprocidade entre a infração ou crime cometido e sua punição. Encontra-se fundamentada em leis como o Código de Hamurabi e livros bíblicos e é popularmente lembrada pelos dizeres “olho por olho; dente por dente”.

⁴⁵O Código Penal brasileiro em seu artigo 240 previa que aquele que cometesse adultério teria como detenção o período de 15 (quinze) dias até 6 (seis) meses, incorrendo na mesma pena o corréu. A revogação do artigo deu-se em virtude da Lei 11.106 de 2005, que descriminalizou o adultério no Brasil.

levanta questionamentos se de fato havia isonomia entre homens e mulheres quanto ao castigo. Consideradas as proximidades milenares entre os povos semitas, inclusos os árabes, não causa espanto que haja similaridades quanto à forma de pensar o adultério. No capítulo 4 deste estudo, traçou-se um paralelo quanto às reprimendas sofridas pela mulher no islamismo, judaísmo e cristianismo, sendo que em todas elas o apedrejamento é prática prevista. Em *As mil e uma noites*, no entanto, Shariar avançou e supergeneralizou a penalidade sofrida por sua rainha em desfavor de todas as mulheres do reino.

O capítulo anterior deste trabalho trouxe a história de Mukhtar Mai, estuprada coletiva e brutalmente para pagar pelos atos de seu irmão. Mai nasceu no Paquistão, país sob influência massiva do islamismo, religião que igualmente está permeada em *As mil e uma noites*. À vista disso, é correto afirmar que mulher ocupa papel secundário e submisso no texto, seja por determinação cultural, religiosa ou por reiteradas práticas que emudeceram a sua voz ao longo da história e em qualquer lugar. A romancista brasileira Conceição Evaristo em sua obra *Ponciá Vicêncio* (2017) narra como, além de todas as humilhações e sofrimentos de todo tipo que suportava – e ainda suporta – o negro no Brasil, a mulher negra ainda tinha de administrar surras e espancamentos recebidos de maridos alucinados, revoltados e embriagados, provando que a violência contra o sexo feminino é uma constante histórica de todas as geografias.

A mulher coleciona sofrimentos de todos os tipos e, muitas vezes, em anonimato. É um denominador comum entre os indivíduos do sexo feminino e a literatura é um dos expoentes em representá-las. Fosse o papel de adúltero invertido, a rainha não teria os mesmos poderes de decisão como os outorgados pela religião e o próprio povo a Shariar. O assassinato das rainhas inominadas no texto, aqui referidas como esposas de Shazenã e Shariar, decorrem de forte apelo emocional. O fator decisivo foi a perda de confiança, a frustração do amor, a enganação e a ideia de substituição de suas pessoas por outros homens. Neste momento, pode-se afirmar que o crime não esteve inicialmente atrelado ao sexo da vítima, mas à condição de esposa. Veja-se o momento quando Shazenã, preparando-se para viajar e visitar seu irmão, descobriu a traição de sua esposa na versão de Jarouche de *As mil e uma noites* (2015, v.1. p.40):

Ao vê-los naquele estado, o mundo se escureceu todo em seus olhos e, balançando a cabeça por alguns instantes pensou: “Isso eu nem sequer viajei; estou ainda nos arredores da cidade. Como será então que eu de fato tiver viajado até meu irmão lá na Índia? O que ocorrerá então depois disso? Pois é, não é mesmo possível confiar nas mulheres! ”. (...) E como a cólera crescesse ainda mais, desembainhou a espada, golpeou os dois, o cozinheiro e a mulher

– e, arrastando ambos pelas pernas, atirou-os do alto do palácio ao fundo da vala que o cercava.

O leitor poderá questionar os dizeres de Shazenã ao afirmar que realmente não é possível confiar nas mulheres e, portanto, conectando a intenção do seu crime com uma visão machista ou de generalização do sexo oposto. Contudo, é importante observar que o rei mata ambos os amantes, o cozinheiro e a mulher, sem distinção e não lança, ainda que de modo enviesado em suas convicções acerca das demais mulheres, sua fúria sobre elas e não dispõe de seus poderes soberanos para persegui-las ou castigá-las pelo ato de apenas uma. Portanto, o caso em lume encontra tipificação no ordenamento jurídico brasileiro como crime passionai, ou seja, movido por um descontrole emocional muito grande e que, por isso, envolve quase sempre relações afetivas muito próximas entre o agente agressor e a vítima. Caso os adúlteros fossem os reis irmãos e as rainhas os tivessem matado, o crime igualmente estaria enquadrado como passionai, independentemente de gênero.

No mesmo volume da versão de Jarouche (2015), Shariar, após flagrar a traição da esposa e suas criadas com os serviçais de seu reino, ordenou posteriormente que seu vizir matasse sua mulher e cuidou para que ele mesmo matasse todas as criadas (p.49). Ato contínuo, decidiu desposar uma mulher a cada noite e executá-la ao nascer do Sol. O caso de Shariar é mais complexo e se encontra fundamentado tanto pelo fator emocional quanto por um posicionamento incisivo contra as mulheres. Diferentemente da postura de seu irmão, a extrapolação de Shariar enquadra-se no chamado feminicídio.

Para investigações mais aprofundadas sobre os crimes cometidos pelos reis e outras personagens de *As mil e uma noites* imprescinde-se de conhecer, ainda que superficialmente, as prescrições legais brasileiras sobre o delito de matar alguém. O Código Penal brasileiro é taxativo em sua dicção acerca do homicídio, positivado no artigo 121 e que, para melhor entender-se sua hermenêutica junto aos contos de Shehrazade, segue transcrito abaixo:

Art. 121. CP. Matar alguém:

Pena - reclusão, de seis a vinte anos.

Homicídio qualificado:

§ 2º Se o homicídio é cometido:

Pena - reclusão, de doze a trinta anos.

Feminicídio (Incluído pela Lei nº 13.104, de 2015)

VI - contra a mulher por razões da condição de sexo feminino: (Incluído pela Lei nº 13.104, de 2015) (Vide Lei 14.717, de 2023)

.§ 2º-A - Considera-se que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve: (Incluído pela Lei nº 13.104, de 2015)

I - violência doméstica e familiar; (Incluído pela Lei nº 13.104, de 2015)

II - menosprezo ou discriminação à condição de mulher. (Incluído pela Lei nº 13.104, de 2015). (Grifei).

O texto legal condena o agente agressor à pena de reclusão de até 30 (trinta) anos a depender do homicídio cometido. O castigo previsto é o mais incisivo da legislação brasileira, excetuando-se situações especialíssimas nas quais a pena de morte vigora no Brasil⁴⁶, revelando a preocupação com a preservação, proteção e manutenção da vida. Desde o ano de 2015, por força da Lei 13.104⁴⁷, a redação do artigo 121 do Código Penal foi alterada para incluir o feminicídio no rol dos homicídios qualificados e na lista dos crimes hediondos⁴⁸.

Partindo-se da vigência do Código Penal brasileiro – Decreto-Lei nº 2.828 de 7 de dezembro de 1940 - até a efetiva positivação do crime de feminicídio em seu artigo 121, tem-se um intervalo de setenta e cinco anos até que alguma providência mais contundente fosse promovida. Isso evidencia que o zelo pela vida da mulher é tema recente, ainda que conquistas tenham sido colecionadas ao longo da história brasileira, ao suor e sangue de muitas batalhas, com especial destaque para o Código Eleitoral de 1932, que autorizava o voto facultativo das mulheres, bem como poderem ser votadas/elegíveis. A Constituição de 1934 incorporou a dicção do Código Eleitoral e somente em 1965 o voto feminino tornou-se obrigatório – equiparando-se efetivamente ao voto dos homens.

O Brasil tem se destacado no combate à violência contra as mulheres com a criação de leis que acompanham a preocupação do legislador do atualizado artigo 121 do Código Penal. A Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006, denominada “Lei Maria da Penha”, consiste na proteção da mulher contra a violência doméstica e familiar. A referida lei leva o nome da ativista e farmacêutica Maria da Penha Maia Fernandes (1945-), natural do Ceará, que se levantou contra

⁴⁶ A pena de morte no Brasil é vedada, excetuando-se os casos de guerra declarada.

⁴⁷ A Lei 13.104 de 9 de março de 2015 foi assinada durante o governo Dilma Rousseff, constituindo-se como marco de relevância no combate contra os abusos e violências sofridas pelas mulheres.

⁴⁸ A previsão legal do feminicídio nos crimes hediondos está no artigo 1º, I, da Lei 8.072 de 25 de julho de 1990, sancionada pelo então Presidente da República Fernando Collor de Mello.

as agressões reiteradas que sofria do seu marido colombiano, Marco Antonio Heredia Viveros, que inclusive tentara matá-la com um tiro de espingarda, deixando-a paraplégica. Mais tarde, o agressor tentaria novamente assassiná-la por eletrocussão. Os esforços de Maria da Penha lhe renderam diversos prêmios e a indicação ao Prêmio Nobel da Paz em 2016. Maior segurança, seja de foro psicológico ou jurídico, foi ofertada às mulheres com o advento de leis como essa.

As discussões jurídicas que ventilam a previsão legal da proteção à mulher vertem para medidas punitivo-pedagógicas que sejam realmente eficazes. O agressor deve estar ciente de que sua ação será severamente punida (*nulla poena, sine lege*⁴⁹), constituindo-se como exemplo inibitório de repetições suas e de terceiros. Para tal, é imprescindível a invocação da *ultima ratio*⁵⁰ do Direito, o Direito Penal, aquele capaz de atacar a vida do cidadão em penas privativas de seus direitos fundamentais, como a liberdade e, a depender do ordenamento jurídico local, com a própria vida.

O Direito Penal deve servir à sociedade como um eficiente mecanismo de controle social, ou seja, oferecer garantias de seguranças fáticas e jurídicas. Portanto, quando acionado, uma punição deve ser bastante para garantir o bem-estar social, ainda que essa venha a tolher os direitos do condenado, desde uma indenização até a pena de morte. Paulo César Busato (2013. p.3) realça essa ideia:

Há necessidade de reagir empregando o castigo, se é que queremos sobreviver como grupo dentro de uma ordem social. O caos e a própria destruição do sistema seriam as consequências inevitáveis de não recorrer a essa medida. Num sentido mais amplo, o Direito Penal assim observado se traduz em um mecanismo de preservação da ordem social.

Não só no Brasil, mas em outros ordenamentos jurídicos a preocupação com a proteção das mulheres tem se fortalecido. A título de exemplo, na Itália, o “Plano de ação extraordinário contra a violência sexual e de gênero”⁵¹, previsto no artigo 5º da Lei 119 de 15 de outubro de 2013⁵², tem como alguns de seus objetivos:

⁴⁹ Brocardo jurídico que pode ser traduzido como “não há crime, nem pena, sem prévia lei”.

⁵⁰ Diz-se que Direito Penal é a “última razão” ou “última instância” do Direito, vez que as penalidades nele previstas são aquelas mais contundentes e restritivas de direitos. É, assim, a última medida a ser tomada para que a sociedade mantenha sua coesão e bem-estar social.

⁵¹ Original: “Piano d'azione straordinario contro la violenza sessuale e di genere”.

⁵² Original: “Legge 15 ottobre 2013, n. 119”

a-) prevenir o fenômeno da violência contra as mulheres através de informação e sensibilização da coletividade, reforçando a conscientização dos homens e rapazes no processo de eliminação da violência contra as mulheres e na solução dos conflitos nas relações interpessoais⁵³.

b-) sensibilizar os operadores do setor da mídia para a realização de uma comunicação e informação, incluindo a comercial, respeitosa da representação de gêneros, em particular, da figura feminina também por meio da adoção dos códigos de auto-regulamentação por parte dos próprios operadores⁵⁴.

Vê-se que a postura italiana é bastante profilática e atua na conscientização da população, no entanto, uma positivação legal como a realizada pelo ordenamento jurídico brasileiro ainda não foi concretizada. O artigo 572 do Código Penal italiano não adotou até a presente data a postura do Diploma Legal equivalente no Brasil, já que ainda não especifica a questão do gênero feminino nos termos do crime de feminicídio:

Quem, excetuando-se os casos indicados no artigo precedente, maltratar uma pessoa da família ou coabitante, ou pessoa sujeita a sua autoridade ou seu dependente por motivos de educação, instrução, cuidados, supervisão ou custódia, ou para o exercício de uma profissão ou arte, é punido por reclusão de dois a seis anos.⁵⁵

A elaboração do corpo jurídico de uma nação é sempre complexa, vez que é composta de fatores culturais que estão sujeitos às alterações que a própria experiência social impõe. O Direito é dinâmico e acompanha a evolução da sociedade que o instituiu, suas permutas e câmbios culturais além de absorver novas demandas ainda não previamente discutidas e buscar solucioná-las com as balizas norteadoras já existentes. Portanto, a diferença entre os ordenamentos jurídicos é diretamente proporcional à mentalidade do legislador de cada nação, este que por sua vez é uma amostra outorgada pela própria eleição ou direito hereditário para a

⁵³Original: “prevenire il fenomeno della violenza contro le donne attraverso l'informazione e la sensibilizzazione della collettività, rafforzando la consapevolezza degli uomini e dei ragazzi nel processo di eliminazione della violenza contro le donne e nella soluzione dei conflitti nei rapporti interpersonali. ”

⁵⁴Original: “sensibilizzare gli operatori dei settori dei media per la realizzazione di una comunicazione e informazione, anche commerciale, rispettosa della rappresentazione di genere e, in particolare, della figura femminile anche attraverso l'adozione di codici di autoregolamentazione da parte degli operatori medesimi”

⁵⁵Original: “Chiunque, fuori dei casi indicati nell'articolo precedente, maltratta una persona della famiglia o comunque convivente, o una persona sottoposta alla sua autorità o a lui affidata per ragioni di educazione, istruzione, cura, vigilanza o custodia, o per l'esercizio di una professione o di un'arte, è punito con la reclusione da due a sei anni”

representatividade de seu povo e da forma como cada Estado administra e zela pela condição feminina varia certamente.

Países que compartilham culturas bastante similares em muitos aspectos, Itália e Brasil, com uma grande reciprocidade migratória, já apresentam diferenças na forma de combate à violência contra a mulher, observando-se as suas próprias realidades e necessidades. A divergência é ainda maior quando o abismo cultural está presente entre povos de costumes e hábitos radicalmente diferentes, como os povos do Oriente Médio, Índia comparados ao mundo ocidental, por exemplo. A Lei das nações islâmicas é fundamentalmente o próprio livro sagrado (Corão) e todas as derivações de fontes de direito acessórias devem estar de acordo com os ensinamentos de Alá.

No caso de *As mil e uma noites*, como já discutido neste trabalho, a cultura predominante é indubitavelmente a árabe e, por conseguinte, o Islão é a linha mestra das condutas das personagens da obra, inclusive dos próprios efrites (gênios maléficos monstruosos). A força imperativa da religião não poupa nem as feras mais bestiais de recuarem ante o nome de Alá. Assim, em havendo previsão no texto sagrado dos muçulmanos para punição de suas mulheres de forma brutal, então a prática é vista e interpretada senão como correta, ao arrepio da dignidade humana e aos olhos alienígenas àquela realidade.

Isso posto, quando Shariar decide executar sua esposa, as criadas e todas as demais mulheres do reino, seus atos não são apenas legitimados pelo seu poder de líder absolutista, mas também pelas escrituras sagradas. O capítulo anterior deste estudo aponta a polêmica Sura 4:34 em que há explícito mandato divino autorizando e determinando que o homem puna a mulher por meio de espancamento se assim entender devido. Na tradução de Mansour Challita do Alcorão (2012, p.83-84), *in verbis*:

Os homens têm autoridade sobre as mulheres porque Deus os fez superiores a elas e por que gastam de suas posses para sustentá-las. As boas esposas são obedientes e guardam sua virtude na ausência de seu marido conforme Deus estabeleceu. Aquelas de quem temeis a rebelião, exortai-as, bani-as de vossa cama e batei nelas. Se vos obedecerem, não mais a molesteis.

Os atos de Shariar em acoimar sua esposa encontra abrigo no próprio ordenamento jurídico-religioso dessas teocracias que ainda se perpetuam em países muçulmanos. O exagero do rei, aí sim valendo-se de seus poderes temporais, seria em determinar a morte da mulher. No

entanto, veja-se que a obra possui uma matriz iraquiana como origem, portanto, fortemente influenciada pela cultura de países extremamente radicais, como Irã, Iraque e Arábia Saudita. No Irã, a punição do adultério é a mais irremediável, ainda hoje o crime é punido com a sentença de morte sem possibilidade de qualquer perdão ou conversão de pena. Sob essa perspectiva, Shariar cometeu a justiça mais perfeita em matar sua esposa e as criadas, envolvidas na traição conjunta.

Atendo-se à interpretação dos crimes de Shazenã e Shariar de acordo com a interpretação do Código Penal brasileiro, ambos responderiam pelo que determina o artigo 121 do aludido Diploma. Ocorre que certamente Shariar cometeu atrocidades que superam a de seu irmão. Shazenã cometeu, em relação ao cozinheiro um crime passional, homicídio, atenuado pelo exposto no §1º, I, vez que estava sob o domínio de violenta emoção, assim como o fez com sua esposa (femicídio, posto que embora a vítima seja mulher, a causa do crime independe do gênero, do contrário, ter-se-ia consumado o feminicídio). O ordenamento jurídico brasileiro, inclusive atenuaria em até um terço a pena de Shazenã que flagrou o sexo entre os amantes.

Entretanto, a tipificação do crime de Shazenã pode ser estudada por diferentes sistemáticas. Menezes (2015) ensina que o crime de feminicídio por ser classificado da seguinte forma:

O crime de feminicídio pode ser classificado de diferentes formas: o feminicídio íntimo é caracterizado quando a vítima tem ou teve relação afetiva com o agressor, sendo este companheiro, marido, namorado, e não somente relacionado à união matrimonial; o feminicídio não íntimo acontece quando a vítima não possui qualquer relação afetiva, familiar e de convivência com o agressor, o crime ocorre por homens no qual a vítima possui alguma relação de confiança, seja na vida familiar, social e/ou no meio organizacional, podendo ser ainda, um indivíduo totalmente desconhecido; e o feminicídio por conexão que é caracterizado quando a mulher é assassinada por cruzar o caminho de um homem que tenta matar outra mulher (p.44)

O crime de Shazenã poderia ser, aplicando-se a classificação supra, um feminicídio íntimo, enquanto Shariar poderia ter cometido um feminicídio íntimo com sua rainha e um feminicídio não íntimo em relação às criadas. Frisando-se que essa classificação opera com as modalidades do feminicídio, o qual per se já é uma modalidade do femicídio. Já Meneghel e Portella (2017, p. 3079) apresentam definição mais ampla acerca do feminicídio, considerando-se as motivações originárias do crime:

O femicídio compreende um vasto conjunto de situações e não apenas as ocorridas no ambiente doméstico ou familiar. (...) A morte das mulheres representa então a etapa final de um *continuum* de terror que inclui estupro, tortura, mutilação, escravidão sexual (particularmente na prostituição), incesto e abuso sexual fora da família, violência física e emocional, assédio sexual, mutilação genital, cirurgias ginecológicas desnecessárias, heterossexualidade compulsória, esterilização e/ou maternidade forçada, cirurgias psíquicas, experimentação abusiva de medicamentos, negação de proteínas às mulheres em algumas culturas, cirurgias cosméticas e outras mutilações em nome do embelezamento. Para as autoras sempre que essas formas de terrorismo resultarem em morte tem-se um femicídio. Descrito desta forma, o femicídio seria parte de mecanismos socioculturais amplos, que ultrapassam em muito o âmbito estrito das relações entre homens e mulheres.

O crime de femicídio e feminicídio estão fortemente relacionados, já que imprescindem que a vítima seja do sexo feminino. *Ictu oculi*, o femicídio está mais para descrever e analisar o resultado. Se a vítima é do gênero feminino, então a informação é bastante para a configuração do femicídio. Em contrapartida, o feminicídio está enraizado nas motivações do agente criminoso. A vítima mulher foi morta por ser uma mulher? Se sim, então o feminicídio é reconhecido. Ilação do exposto, já que a vítima é mulher no feminicídio, preenchido também está o requisito para um crime ser definido como femicídio. É que o feminicídio é uma modalidade especializada do femicídio. Enquanto este está para gênero, aquele está para espécie.

Corolário, todo feminicídio é um femicídio, mas a recíproca nem sempre é verdadeira, não havendo uma relação biunívoca entre esses crimes. Nos casos dos reis irmãos, todos praticaram femicídio, sendo apenas Shariar aquele que praticou especificamente o feminicídio, sem qualquer soslaio de dúvidas. Por imposição do princípio da especificidade e especialidade, diz-se feminicídio para o crime de Shariar que, embora tenha cometido *a priori* um femicídio, este crime é absorvido por aquele. Mamede Jarouche traduziu a cena em que Shariar ordena a seu vizir execução da rainha em sua versão de *As mil e uma noites* (2015), primeiro volume, da seguinte forma:

Ele subiu ao palácio e deu a seu vizir-mor – pai das já mencionadas jovens Dinarzad e Shehrazade – a seguinte ordem: “Pegue a minha mulher e mate-a”, e entrando no aposento dela, amarrou-a e entregou-a ao vizir, que saiu, levando-a consigo e a matou. Depois, Sahriyar desembainhou a espada e, entrando nos aposentos do palácio, matou todas as criadas, trocando-as por outras. E tomou a resolução de não se manter casado senão uma única noite: ao amanhecer, mataria a mulher a fim de manter-se a salvo de sua perversidade

e perfídia; disse: “Não existe sobre a face da Terra uma única mulher liberta”.
(p.49)

Se no feminicídio o crime decorre das razões pessoais do agente agressor, então nele existe dolo, menosprezo, revolta, fúria, desdém, aversão ou qualquer outro sentimento em relação ao sexo feminino, incomodando-o de tal forma que o faça buscar sua eliminação. Diferentemente do caso de Shazenã, Shariar passa a matar as mulheres pela natureza de seu gênero, veja-se que aduz o rei “não existe sobre a face da Terra uma única mulher liberta” em evidente generalização sobre o gênero. A esposa de uma noite do rei já teria como garantida a sua execução, ou seja, já casaria condenada à morte. Trata-se do crime de feminicídio de forma incontestável.

Contudo, existe a possibilidade do femicídio puro no caso do assassinato da rainha e das criadas. Ao dizer “Pegue minha mulher e mate-a”, o rei Shariar poderia ter tomado tal decisão movido pelos mesmos sentimentos que levou seu irmão a matar sua cunhada. Suponha não ter sido a mulher, mas sim um filho, cometendo alguma outra traição equivalente, *e.g.*, tentar matar o próprio pai para assumir o reinado, se assim fosse, a frase seria “Pegue meu filho e mate-o”, o que tornaria mais fácil a visualização do homicídio ter se dado por uma questão de foro íntimo e independente de gênero.

No entanto, a atenuante que poderia servir a Shazenã por estar movido por forte emoção não contemplaria Shariar segundo o ordenamento jurídico brasileiro. Ocorre que após ter constatado a traição de sua esposa em conjunto com suas criadas, o rei deixou o palácio com seu irmão, aceitando a desventura como seu destino e de todos os homens. Retornara apenas após perceber no conto *O mercador e o gênio* que até mesmo os seres mais fantásticos e poderosos eram presas fáceis da astúcia feminina. Foi com o regresso do rei ao seu palácio que a onda de crimes se iniciou, afastando a forte emoção do flagrante. Em verdade, a natureza do ato de Shariar é verdadeira vingança da traição de sua rainha para com todo o sexo feminino. Enquadrado, assim, no §2º, II, 121, Código Penal - o menosprezo ou discriminação à condição de mulher.

Schermann e Silva (2021) relatam que no Brasil o número de feminicídios aumentou em 7,3% entre 2018 e 2019, ressaltando como essa realidade ainda acompanha o ideário coletivo de a mulher ser considerada o “sexo frágil” ou “inferior/submisso”. O texto de *As mil e uma noites* remonta ao século IX, produzido nas regiões do Oriente Médio e adjacências, constituindo-se como evidência de que a violência contra a mulher é uma realidade infelizmente

atemporal e que independe de qual cultura está inserida. Ainda no século XXI, não apenas no Oriente, mas em todo o globo, a violência contra a mulher perdura.

Quando o feminicídio é constatado no mundo árabe, de praxe, é interpretado como algo comum ou “natural” daquela cultura, em decorrência dos vieses orientalistas e de ações de grupos terroristas e extremistas que reiteram esse posicionamento em função de suas atrocidades. Perceba-se que várias cenas de conteúdo agressivo de *As mil e uma noites* foram maquiadas, removidas ou alteradas nas traduções iniciais, atendendo-se aos pudores europeus. As passagens de sexo, por exemplo, foram suprimidas ou ditas de forma indireta, simbólica, eufemística. O feminicídio, no entanto, mantido de forma a não incomodar o decoro de então.

Isso porque o Oriente Médio e áreas sob influência islâmica que atingem regiões como o Paquistão, noroeste da Índia, Indonésia, além de presença significativa de muçulmanos na Europa e América não raro são palco de atentados terroristas, posturas de intolerância absoluta e uma assimetria de direitos entre homens e mulheres bastante notória. Samuel Paty, 47 anos, professor francês de ensino fundamental foi decapitado em Conflans-Saint-Honorine em 2020 por um estudante muçulmano que se revoltou pela exibição e charges e caricaturas durante uma aula sobre liberdade de expressão onde constavam a imagem de Maomé – o que é veementemente defeso no Islão⁵⁶.

A antropóloga e economista mexicana Paola Schietekat foi estuprada no Qatar em 2022, durante as organizações da Copa do Mundo e foi condenada a sete anos de prisão e cem chibatadas, já que o agressor mentiu e disse que eram namorados. Paola, conseguiu fugir do Qatar com ajuda da Comissão de Direitos Humanos e o criminoso foi absolvido⁵⁷.

São eventos como esses, somados aos atos cometidos por grupos como *Hamas*, *Boko Haram*, *Hezbollah*, *Al-Qaeda*, Talibã, Estado Islâmico dentre outras intitulações terroristas que levam e corroboram a ideia quase que fixa de que os muçulmanos – quase sempre tidos como sinônimo de árabe – são seres abjetos em decorrência da generalização e tantos casos hediondos ocorridos por civis, terroristas e o próprio Estado. O orientalismo é uma realidade desde as primeiras traduções de *As mil e uma noites* e parece que dificilmente consegue ser combatido,

⁵⁶Veja: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/10/17/quem-era-samuel-paty-o-professor-decapitado-na-franca-ao-ensinar-a-liberdade-de-expressao.ghtml>

⁵⁷Veja: <https://midianinja.org/news/mexicana-e-condenada-a-100-chibatadas-apos-denunciar-abuso-sexual-no-catar/>

precipuamente em decorrência de acontecimentos promovidos por um conjunto de pessoas, escória do pior tipo, que rotulam todas as demais que compartilham de alguma identidade nacional, étnica ou religiosa. Por isso, é necessário que o próximo tema de estudo seja o próprio orientalismo – já constatado desde as traduções dos contos de Shehrazade.

7. ORIENTALISMO EM *AS MIL E UMA NOITES*

Os contos de Shehrazade expressam o pensamento dos povos orientais de diferentes épocas e regiões do Oriente Médio, Índia e suas adjacências. As superstições e os costumes fortemente atrelados à feitiçaria e ao mistério, os ambientes áridos e quentes dos desertos contrastando com a opulência e o conforto de palácios imponentes, criaturas mágicas que vão desde animais que são capazes de se comunicarem na língua dos homens até os poderosos gênios, os *djins*, seres de personalidade ambígua e imprevisível, mas que quando retratados como puramente maléficos e destruidores são referidos como *ifrits* (efrites), constituem-se como uma amostra da cultura oriental, com especial destaque para as atribuições e as características dos árabes, detentores de uma rotulação mais reiteradamente conhecida no ideário global quando o assunto é a autoria do texto.

Esses aspectos do livro confrontaram o racionalismo e a lógica europeus produzindo e provocando efeitos que invariavelmente contribuíram para o sucesso irrefreável de *As mil e uma noites*. Primeiro, os estudiosos encontraram um material riquíssimo para suas análises e publicações, cada qual com sua interpretação e perspectiva, os arabistas e os orientalistas serviram-se de um sofisticado e generoso leque de opções para pesquisas que acenderam o interesse de diversas áreas do conhecimento humano. Os tradutores digladiaram entre si pelo destaque da melhor versão do texto em línguas ocidentais, um verdadeiro entrave egóico e uma disputa caprichosa pela fama de ter o nome registrado nos anais da história como o tradutor mais destacado de uma obra cujo sucesso já era certo. Finalmente, o público leitor pôde encontrar no texto uma oportunidade de irromper com os já bem ventilados conceitos dos livros europeus e fórmulas já mais conhecidas de seus autores.

Os contos de fada, gênero àquele tempo com alçadas de sucesso, encampou a obra milenar *As mil e uma noites*, primeiramente pela versão do arabista francês Jean-Antoine Galland (1646-1715). Portanto, a novidade cultural que se instalara na Europa de então foi carregada pelo já crescente interesse da população pelos contos fantásticos e maravilhosos. Essas discussões sobre a obra que ocorriam na Academia e fora dela, desde os salões de leitura até as conversas do cotidiano assentaram cada vez mais o sucesso dos contos de Shehrazade, permitindo sua irradiação em termos globais. O impulso para a divulgação de *As mil e uma noites* teve origem na Europa, em decorrência da influência de nações como França, Inglaterra e Alemanha e seus centros culturais, científicos e artísticos, que eram

norteadores e referenciais em termos de mundo. Em pouco mais de um século a Europa conseguiu elevar o patamar do texto e divulgá-lo de forma nunca alcançada pelas comunidades orientais nos aproximadamente doze séculos de sua existência.

Claro que existem diferenças abismais entre as culturas ocidentais e orientais, algumas delas até mesmo quase insolúveis ante os enraizamentos milenares das populações em suas crenças, costumes, religiões, geografias etc. A divulgação da obra pelos povos do Oriente não acompanhou o escopo europeu, aquele de esmiuçada análise artística e científica, desbastando-se o que foi considerado desnecessário e afrontoso aos decoros de então, a de tornar o livro, sem prejuízo do reconhecimento de seu valor literário, um degrau para o sucesso pessoal e profissional do tradutor, além de promover o abrilhantar de uma ou outra escola de tradução. Os povos orientais ativeram-se em positivar os contos que foram bastante conhecidos pela tradição oral, havendo o ramo sírio e o egípcio como sustentáculos de *As mil e uma noites* e um dos substratos para os tradutores que, como discutiu-se no terceiro capítulo deste estudo, nem sempre respeitaram à literalidade da tradução e, para além disso, ousaram a inventar e locupletar a obra com contos que lhe eram estranhos (*Aladim e a lâmpada maravilhosa*, por exemplo).

Se por um lado a alteração do original impede a possibilidade da leitura mais aproximada do texto e da real cultura ali inserida, noutro giro não há como negar que a inserção de histórias e demais alterações tenham contribuído para a repercussão positiva de *As mil e uma noites*. A importância foi tamanha e tão aprofundada que o livro se emancipou do orbe literário e adentrou até mesmo o mais abscondito escaninho da psicologia humana coletiva e, também por isso, individual. As adaptações e releituras de *Aladim e a lâmpada maravilhosa*, e.v., são reconhecidas internacionalmente e exibidas até mesmo em países de fortíssima censura. No caso particular do Brasil, o fenômeno das noites árabes também foi incorporado pela língua tal como quando um indivíduo que não tenha crença alguma em Deus ou religiões evoca a expressão “Minha Nossa!” - “Nossa!” ou “Ave Mãe!” - “Ave Maria!” para dizer sobre seu espanto - mesmo não sendo católico apostólico romano. É o caso de referir-se aos políticos como “os quarentas ladrões de Ali Babá” como ácida crítica à aludida classe que comumente ocupa os governos em geral ou ainda de aduzir, para justificar a impossibilidade de o indivíduo fazer alguma coisa ou concluir uma tarefa, que a pessoa é um ser humano e não “o gênio da lâmpada”.

As divergências entre as culturas serviram de base para que as comparações ganhassem espaço nas discussões científicas e coloquiais sobre o tema do Oriente, que já causava fascínio pelos seus motivos exóticos e fantásticos, mas que por suas discrepâncias com os desígnios

morais e sociais europeus começaram a entalhar no pensamento ocidental a ideia de superioridade. A pedra angular da celeuma sobre o universo ocidental é indubitavelmente os contos de *As mil e uma noites*. Christiane Damien (2010, p.76) destaca que a literatura europeia do século XVIII era ainda bastante pautada em ideias racionalistas, mas que o gosto pelo Oriente originário do final do século precedente perdurou e escritores como Montesquieu em seu *Cartas Persas* (1721) e Voltaire em *Zadig* (1747) foram influenciados pelo Oriente e entusiastas de sua cultura.

Damien acrescenta que esse novo mundo tão fascinante e distanciado do padrão conhecido “anunciava costumes e pensamentos diferentes daqueles cultivados na França, promovendo discussões sobre a sabedoria oriental e incitando a consciência da ‘relatividade universal’: o conjunto de práticas sociais europeias” (2010, p.77). Essa estranheza é comumente causa de abertura dos vieses preconceituosos dos quais os orientais têm sido alvos, com especial atenção aos povos árabes. Esses julgamentos estão perpetuados de forma ostensiva ou velados sobre aquilo que se pensa e como se pensa o Oriente numa perspectiva ocidental. Fato é que mesmo com todas as ponderações por mais agravadas que tenham sido, por pudores resguardados e barreiras ético-morais bastante resistentes, *As mil e uma noites* foi e é uma obra que conquistou e encantou os leitores, seja pela construção em cadeia e com vistas de inesgotabilidade ou pelo próprio belo numa hermenêutica à la Schopenhauer (1788-1860) que, em seu *Metafísica do belo* (2003, p.25) expõe:

É manifesto, contudo, que a alegria com o *belo* é de gênero inteiramente diferente. Ela se baseia sempre no mero *conhecimento*, exclusivo e puro, sem que os objetos do conhecimento tenham alguma relação com nossos fins pessoais, isto é, com nossa *vontade*; portanto, sem que nossa satisfação esteja vinculada ao *interesse pessoal*. Por conseguinte, a alegria completamente *desinteressada*.

Depreende-se do pensamento schopenhaueriano que o belo pode existir independentemente de sua função ou serventia em relação ao apreciador. Por exemplo, uma verdade matemática é uma estrutura abstrata que prescinde de qualquer julgamento de valor ou opiniões de quem a enxerga. É de ampla sabença entre os matemáticos que uma das mais belas

equações produzidas é a Identidade de Euler⁵⁸, conceituada pelo brilhante matemático suíço Leonhard Euler (1707-1783) e que, para muitos membros das sociedades matemáticas sua beleza encontra a metafísica de Schopenhauer, por ser extraordinariamente interessante e admirável desde o simples ato de seu conhecimento. A leitura de *As mil e uma noites*, integral ou parcial, já emana belezas que carecem de qualquer necessidade de sua correspondência com o foro íntimo do receptor ou de um contexto social a que se encaixe e surta efeitos.

Portanto, a partir do instante em que os conceitos internalizados pelo leitor ao longo de sua vida, produtos de suas vivências, costumes, do binário ética-moral e contexto social assumem papel ativo na valoração de uma obra há, em verdade, uma comparação do que é externo com o parâmetro validado como correto, qual seja, o seu próprio. A régua das medidas de *As mil e uma noites* foi a europeia. A cultura alienígena e estranhíssima àquela sociedade passou pela análise de incontáveis juízes ocultos, como a população em geral, e ostensivos, como dos pesquisadores e tradutores. O texto milenar passou a ser tema de debates em centros de pesquisa de máxima erudição e em conversas às mesas com linguagens das mais tacanhas possíveis. Mamede Mustafa Jarouche compara os efeitos dos contos de Shehrazade àquele tempo com os de uma novela de sucesso nos dias atuais, ou seja, sempre em pauta⁵⁹.

Não há que se negar que a obra tenha passado em diversos momentos pela análise crítica, inclusive, é justamente dela que sua importância foi reconhecida nos degraus elevados em que se encontra. Isso é uma coisa; outra coisa é a emissão de julgamentos que partem de públicos despreparados para o crivo dos pareceres e de, a partir do conteúdo textual, atacar e supergeneralizar toda uma cultura. Esses juízos podem ser perigosos, posto que reiterados, criam um amálgama entre fatos, falácias e erros de hermenêutica. Veja-se que conceitos construídos de forma equivocada aglutinam-se e consolidam-se como verdades não mais questionadas, possuidoras de autoridade dogmática e transmitidas por uma repetição em cadeia mântica. No Brasil, talvez nada irrite mais um árabe do que ser chamado de turco. Epítetos lançados sem consciência daquilo que se diz, no caso, tomando uma cultura por outra, ignorando-se o embate beligerante entre essas as nações como a Revolta Árabe (1916-1918) contra o Império Turco-Otomano.

⁵⁸ A Identidade de Euler diz que um número constante (número de Euler “e”), elevado ao produto de um número imaginário por π , somado a unidade, resulta em zero ($e^{i\pi} + 1 = 0$).

⁵⁹ A entrevista do professor Mamede Jarouche foi disponibilizada em 20 de agosto de 2023, intitulada “As mil e uma noites” e pode ser encontrada na íntegra no seguinte endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=VxH9s7xSh1c>.

Da mesma forma, os chineses são chamados de japoneses, vice-versa, em decorrência de semelhanças anatômicas entre ambos. No entanto, há um oceano de diferenças entre ambas as nações, atravessados por algumas pontes culturais como é o caso dos ideogramas e das artes marciais. Só que faíscas comumente são detectadas entre japoneses e chineses, muito em decorrência de eventos passados como as tentativas chinesas de conquistar o arquipélago nipônico (1274 e 1281 – Batalha de Koan), as Guerras Sino-Japonesas (1894-1895 e 1937-1945) e o Estupro de Nanquim (1937). Essas feridas são recentes e ainda ardem no ideário coletivo de forma que a confusão é ofensiva a quem recebe. Árabes serem confundidos com turcos é igualmente ofensivo, vez que a história revela seus embates e a perseguição destes povos contra aqueles, inclusive com severas posturas de dominação.

No caso acima, há ignorância sobre um assunto em função justamente da consolidação e perpetuação de ideias erroneamente assumidas como verdadeiras em passado já de difícil precisão. Contudo há também aquele promovido de forma dolosa e consciente que ataca o alvo com intenções justificadas e bastante recheadas de sofismas e induções de raciocínio. *As mil e uma noites*, quando lida com enfoque de um cientificismo puro ou de uma permissividade moderada ao fantástico, pode ser considerada até mesmo uma obra de lógica bastante frágil e desafinada, ao compasso de que não fosse os teores de violência e sexo bastante presentes, seria um texto produzido sob uma dialética pueril, tanto é que, expurgadas as cenas de lascívia e sanguinolência e com a devida lapidação do conteúdo, a obra é na China um texto para crianças. Para mais, adaptações de seus contos são possíveis ao público infantil, vide os desenhos animados produzidos pela *The Walt Disney Company* como *Aladim*, *Ali Babá e os quarenta ladrões* e *Sinbad, o marujo*.

Desde as primeiras incursões europeias na região setentrional africana e do Oriente Médio na Antiguidade houve uma polarização entre o subjugador e o subjugado. Ao homem europeu a tarefa de estudar, mapear, conquistar, “proteger”, educar e toda a voz ativa nessa relação. Aos povos orientais pouca resistência pôde ser oferecida ante à força de impérios como o Romano ou de investidas imperialistas como da Inglaterra e França. No ano 47 AEC, o faraó egípcio Ptolomeu XIII foi morto durante a Batalha do Nilo, quando Júlio César aliou-se à Cleópatra e pôs fim à Dinastia Ptolomaica no Egito Antigo. A potência armada de Roma foi a causa da vitória da então novamente rainha Cleópatra e, por isso, coloca os povos europeus em posição de superioridade na região. Já nos entraves das Cruzadas, durante os séculos XI e XIII, novamente os atritos ocorreram, dessa vez muito pautados nas divergências religiosas (cristãos contra muçulmanos). As tensões foram constantes no decurso na história, culminando com

guerras sanguinolentas como essas batalhas dos templários e o Islão e com a intolerância religiosa agravando-se de mais a mais.

Considerados esses breves apontamentos históricos, depreende-se que de tempos em tempos eventos de choque ocorrem entre Oriente e Ocidente, havendo especial atenção para aqueles muito recentes, como a divisão política da hoje República Federal Alemã em Alemanha Oriental e Ocidental desde o término da Segunda Grande Guerra (1945) até 1989 com a derrubada do Muro de Berlim, ou o ataque terrorista às torres gêmeas americanas, *World Trade Center*, em 11 de setembro 2001, além do intento contra o Pentágono, em Washington no mesmo dia, liderados pelo chefe e fundador do *Al-Qaeda*, Osama bin-Laden (1957-2001). Esses acontecimentos sempre alimentam a chama do preconceito, da xenofobia, da intolerância e do ódio entre os povos e culturas.

Quando uma cultura oriental é estudada ou investigada por outra ocidental, quando há interesse em seus costumes, seus hábitos, sua história, sua arqueologia etc., então os pesquisadores são conhecidos como orientalistas. Numa cladística dessa disciplina, o orientalismo, poderá haver a especificidade, *e.v.*, um cientista que volta seus interesses aos povos árabes é dito arabista. A análise e a perquirição em si são sempre positivas, afinal o conhecimento científico deve ser sempre estimulado, patrocinado e aplaudido quando suas causas são puras, imparciais e em nada interferem, ao menos dolosamente, no retrocesso social, à destruição de benfeitorias tecnológicas, de vidas etc. Antoine Galland, tradutor de *As mil e uma noites*, foi naturalmente um orientalista e arabista, posto que seus conhecimentos eram profundos no mérito, independentemente de qualquer diplomação ou certificação. Assim como o professor de matemática brasileiro conhecido por seu pseudônimo “Malba Tahan” também o foi, vez que para a elaboração de seus livros os costumes árabes foram profundamente estudados sem que o autor sequer tenha jamais pisado na região em toda sua vida.

Para análise pormenorizada da discussão é de bom alvitre consultar-se os fenômenos acessórios e a incorporação de práticas e costumes orientais pela sociedade ocidental. Exemplo bastante proeminente é sem dúvidas a dança do ventre. A dança é amplamente reconhecida como a mais antiga arte, devido à expressão da linguagem corporal anterior à escrita e à própria fala. A natureza revela que a dança é utilizada nas relações e necessidades reprodutivas de animais como filtro da seleção de um bom parceiro. Bebês acompanham os ritmos sonoros com

danças rudimentares antes mesmo de desenvolverem um equilíbrio corporal necessário para deambularem plenamente. É algo imanente à espécie humana. A dança desenvolvida em regiões do universo oriental ficou conhecida como “dança do ventre” no Ocidente, em decorrência de uma tradução adaptada do árabe “*raqs al-sharqi*” (dança do Leste ou dança dos povos do Leste).

A visada ocidental acerca da dança do ventre causou fascínio e interesse no público, ao passo que paralelamente escavou possibilidades para o plantio de preconceitos bastante aderentes à mentalidade do Ocidente. A mulher, como dançarina do ventre enfrentou e ainda enfrenta julgamentos bastante incisivos, comumente comparadas às mulheres voltadas às práticas sexistas e de concubinato. Assunção e Paschoal (2022) destacam como a dança do ventre foi retratada pelos artistas plásticos e a presença de um orientalismo já difundido à revelia da imparcialidade:

Dispor elementos em oposição – inclusive entre aquele que pinta e o que é pintado, aquele que é tema da pintura e aquele que a observa no salão de artes – nada mais é do que, também, um recurso retórico para embasar o discurso. A pintura Orientalista se valeu dessa contraposição de extremos e criou, sobre a mulher oriental, não apenas uma curiosidade interessada, mas também uma denúncia como se fossem imorais, mal-educadas, sem civilidade. (p.11).

As pinturas das dançarinas do ventre as rotulavam como sensualistas e afrontosas aos ditames ético-morais das mulheres europeias. Essa concepção foi tão marcante que se encontra espalhada pelas diversas culturas que recepcionaram o conteúdo oriental interpretado sob a perspectiva da Europa. No Brasil, por exemplo, Gaetano Proietti e Giovanni di Stefano ilustraram “*As mil e uma noites: contos de novelas orientais*”, com a tradução de Jacob Penteadó (1960) com imagens de nudez feminina explícita e as caracterizando justamente como o excerto acima designou.

As expedições europeias no Oriente Médio e Norte da África trouxeram-lhes riquezas de todos os tipos. A arquitetura egípcia, por exemplo, está representada na casa máxima do catolicismo romano, o Vaticano, vez que um obelisco egípcio está plotado na Praça de São Pedro. Os museus europeus estão recheados de uma arqueologia exótica, fascinante e muito visitada, extraída do Oriente, como o Museu Egípcio de Turim (“*Museo Egizio di Torino*”) na Itália, o Departamento Egípcio do Louvre, em Paris, França, ou o Museu Petrie de Arqueologia Egípcia (“*Petrie Museum of Egyptian Archaeology*”), em Londres, Reino Unido. Edward Said (1935-2003) enfatiza que “O Oriente é uma parte integrante da cultura material europeia”.

(2007, p.28). No caso da dança do ventre, além de tantos outros segmentos culturais há a incorporação imaterial, aquela que perdura por meio dos costumes e das artes cujo produto evapora tão logo seja apresentado.

Essa ponderação merece discussão acentuada. Tome-se um quadro de Leonardo da Vinci (1452-1519), qualquer deles, e a mensagem positivada pelo pintor é inalterável, complexa ou não, sabe-se que o contexto em que foram produzidos, as divergências com a Igreja etc. O que pode mudar é a hermenêutica das sociedades acerca deles, mas nunca sua produção. As chamadas releituras não servem ao caso, posto que tautologicamente dizendo, são novas produções daquilo já lido, portanto, consumado. Uma releitura surrealista da Santa Ceia a toma apenas como substrato paramétrico e arquetípico para a percepção do autor e o novo significado a que pretende, mas não anula ou altera aquele originário. No caso de artes como a dança, a cautela é medida que se impõe. Não há como garantir que uma apresentação hodierna de uma dança do ventre em um salão europeu ou de qualquer outro local do mundo, incluindo-se no próprio Oriente, fidelize-se às originárias, aquelas apreciadas pelos pesquisadores pioneiros do tema. Portanto, em última análise, são anacrônicas e dependentes daquilo que hoje é produzido e pelos registros possíveis pelas mídias de gravação televisiva.

Não há como saber; há, no máximo, como inferir sobre como eram as danças registradas pelos pintores. É uma perspectiva materializada pela tinta que diz sobre a imaterialidade daqueles momentos de apresentação. Dessarte, qualquer dizer sobre esses episódios históricos é, no mérito, sempre especulação. De qualquer forma, é pela obra que se conhece o autor. Se a veracidade científica sobre como de fato comportaram-se as dançarinas é sempre questionável, a intenção de quem representou é de mais facilitada análise. O sujeito ativo é aquele que se expõe, aquele que joga de brancas o xadrez das relações sociais. E, por isso, abre-se ao conhecimento por mais hermético que possa desejar ser. Quando um desses artistas representou uma mulher oriental dançando e o fez descortinando-se as janelas dos pudores, a intenção é justamente de evidenciá-las e retratá-las como seres que promovem as excitações sexuais, sensuais, das orgias e provocações etc. A intenção do pintor é mais relevante do que o objeto interessado. Primeiro, porque se dedicou em fazê-lo; segundo, que o interesse em tornar a mulher oriental objeto de comparação aquém às europeias é uma das razões do anseio artístico, mas não a única. De forma alguma. A principal delas, ao contrário, é o desejo pessoal do artista pela mulher em si ou até mesmo em sê-la. Freud já dissera que “Quando Pedro fala de Paulo, sei mais de Pedro do que de Paulo”.

Há que se mencionar que *As mil e uma noites* é uma reunião de diversos aspectos culturais das sociedades que a constituem. A dança, a música, o folclore, a religiosidade, os costumes, tudo isso está no texto. Portanto, qualquer julgamento do livro inclui diretamente os povos que dele participam. A obra é, como disse Sartre, um ente “em-si”, mas o homem é um ser “para-si” e que a tudo relativiza em sua serventia e funcionalidade, justamente por transcender o ego, tê-lo no mundo, tal como há o ego do outro (2015, p.13). Ocorre que o movimento europeu que buscou trabalhar os contos de Shehrazade, ampliando-se para o coletivo os ensinamentos de Sartre, serviram-se do livro para seus propósitos. Há o viés pessoal de cada tradutor e aquele compartilhado entre os europeus, uma espécie de força irresistível inconsciente, denominador comum entre habitantes do velho continente e que são acostumados com o protagonismo e aromas de superioridade. Por isso, o orientalismo é fruto direto de um interesse em manter o conteúdo oriental como dependente e inferior ao próprio padrão não do Ocidente, mas neste caso, da Europa.

Ainda no mérito do interesse, Immanuel Kant (1724-1804), em seu texto *Analítica do belo* (em a Crítica do juízo, §1 a §22), aduz sobre o que vem a ser o interesse e sua relação com o que chamou de “juízo-de-gosto”, *in casu*, o europeu (1974, p.304):

Interesse é denominado a satisfação que vinculamos com a representação da existência de um objeto. Como tal, tem sempre, ao mesmo tempo, referência à faculdade-de-desejar, seja como seu fundamento-de-determinação ou, pelo menos, como necessariamente em conexão com seu fundamento-de-determinação. Mas, se a questão é se algo é belo, não se quer saber se, para nós ou para quem quer que seja, importa algo a existência da coisa, ou sequer saber se pode importar; mas sim como a julgamos na mera consideração (intuição ou reflexão).

Portanto, numa perspectiva kantiana, tem-se que há liame entre o interesse e a representação do objeto, leia-se aqui, entre o universo ocidental e o oriental, respectivamente. Não importa se o conteúdo do belo ou do interessante assim o seja para terceiros, incluindo-se os próprios orientais, mas tão pura e somente aos que julgam o ser – os ocidentais. Se assim o é, então o Oriente já está no indissociavelmente mesclado ao próprio Ocidente na matriz e nas balizas do próprio ideário, do inconsciente e da cultura. O ato de falar sobre algo não é tão puramente a emissão das opiniões sobre alguém, situação ou objeto, mas também uma liberação dos próprios desejos a serem internalizados pelo receptor. Todos os falares, especialmente os mais contundentes acerca do mundo oriental, expõem os recalques de quem fala. A teoria

freudiana é de extrema utilidade para a observação que doravante passa a ser debatida. Said (2007, p.71) traz a opinião de lorde Cromer, Evelyn Baring (1841-1917), o representante inglês no Egito, entre 1882 e 1907:

O europeu é um bom raciocinador; suas afirmações factuais não possuem nenhuma ambiguidade; ele é um lógico natural, mesmo que não tenha estudado lógica; é por natureza cético e requer provas antes de aceitar a verdade de qualquer proposição; sua inteligência treinada funciona como um mecanismo. A mente do oriental, por outro lado, como as suas roupas pitorescas, é eminentemente carente de simetria. Seu raciocínio é dos mais descuidados. Embora os antigos árabes tivessem adquirido num grau bem mais elevado a ciência da dialética, seus descendentes são singularmente deficientes na faculdade lógica. São muitas vezes incapazes de tirar as conclusões mais óbvias de quaisquer premissas simples, das quais talvez admitam a verdade. Procurem extrair uma simples declaração de fatos de qualquer egípcio comum. Sua explicação será geralmente longa e carente de lucidez. É muito provável que se contradiga meia dúzia de vezes antes de terminar a história. Ele com frequência sucumbirá sob o processo mais ameno de acareação.

O excerto revela que a opinião de lorde Cromer é extremamente preconceituosa. Os povos árabes foram considerados por ele como verdadeiros imbecis. Sem lógica, assimétricos, prolixos, em suma, idiotas, no sentido mais pejorativo da palavra. O que é mais preocupante é que as asserções são provenientes de figura de alto cargo, representante da cultura inglesa no Egito e, por conseguinte, o importador desta para aquela. É daí a noção de “construção do Oriente” pelo Ocidente professada por Said. Um orientalismo impregnado de posturas das mais infelizes. Esqueceu-se, não porventura, mas em prol de sua tradição, que os povos árabes foram exponenciais em diversas artes e ciências, inclusive muitas vezes superando os europeus. Não se deve olvidar que enquanto os romanos desconheciam sequer o número zero e seu conceito, os árabes já o tinham trazido da Índia. Os algarismos indo-arábicos e que foram difundidos na Europa, sendo que a própria palavra “algarismo” é homenagem ao matemático árabe Al-Khwarizmi⁶⁰. Acusar que os egípcios, que ostentam cultura milenar e *sui generis*, são desprovidos de inteligência é uma supergeneralização intencional.

Em verdade, a ideia de lorde Cromer é ofender e diminuir os árabes. Desde o começo do trecho está claro que a preocupação é colocar o árabe em segundo plano. Cromer começa

⁶⁰ Abu Abedalá Maomé ibne Muça ibn Alcuarismi, (nascimento desconhecido – 850), foi um astrônomo, matemático, geógrafo e escritor persa, conhecido pelas suas contribuições científicas especialmente no campo da álgebra.

justificando como é o homem europeu. Depois, compara o árabe com ele. É aí a primeira falácia. O europeu é bom raciocinador segundo os seus parâmetros e não de acordo com uma lei universal. Não está escrito em linguagem genética uma única alteração que diga ser o europeu superior a qualquer outro povo. Ciente disse, de forma inconsciente-consciente, inicia sua justificação: “é um lógico natural, mesmo que não tenha estudado lógica”, em palavras claras, é um preferido das leis divinas ou evolutivas. Projeta o embasamento de seu argumento fora dele, como se realmente fosse porta-voz de alguma coisa válida. Continua atacando a cultura árabe por suas vestes, e isso é uma questão de gosto como disse Kant, Sartre, Schopenhauer e tantos outros europeus de elevada envergadura intelectual, imensamente maiores que a dele. Protege-se ao dar crédito aos antigos árabes, até porque o passado possui comprovação, mas o que ocorre no presente será substrato de um porvir que não lhe compete mais. É que a vontade de atacar é maior do que a de se calar ante às bobagens proferidas.

Essa pulsão por agressividade é natural de quem atinge cargos como o de Cromer. Sua necessidade em apontar veementemente a carência lógica dos árabes é uma urgência pessoal em esconder e projetar a culpa no outro sobre a sua própria. É a aplicação cristalina da quarta lei do espelho de Jacques Lacan⁶¹. O interesse pela cultura árabe e por suas riquezas foi justificado por missões de reconhecimento científico, artístico, religioso, político e muitas vezes travestidos de propósitos filantrópicos, como aquele já bem surrado de auxiliar os povos a emergir de um estado de retrocesso e selvageria para que as pessoas que os compõem possam gozar de uma vida mais privilegiada, desvencilhada de problemas que os acompanham, com incrementos na educação, na civilidade etc. Foi assim com as tribos indígenas ameríndias, dizimadas e conquistadas pelos europeus, com especial destaque para os ibéricos; igualmente a coroa inglesa o fez na China e na Índia, a Europa imperialista fez da África um cardápio de suas preferências de dominação e extração de riquezas e mão-de-obra. É o interesse político a todo tempo. É a sinergia das pulsões de domínio dos indivíduos que compõem determinada nação – e em todas elas, incluindo-se as árabes. É essa a motivação, desnuda, desses propósitos de humanidade ao longo da história.

Em *As mil e uma noites*, complexa em todas as suas características, o viés orientalista descrito acima, aquele que destaca Edward Said em sua conceituada obra, está presente de forma constante. Primeiro, analise-se a simbologia da mulher no livro. O primeiro capítulo deste estudo destacou que os contos de Shehrazade impõem ao sexo feminino uma posição de

⁶¹ Diz a quarta lei do espelho de Jacques Lacan (1901-181) que “Tudo aquilo que o outro aponta, critica ou julga em você sem que te afete pertence, na verdade, apenas a ele.”

inferioridade ético-moral, mas de prevalência intelectual e estratégica. São vistas como enganadoras, traidoras, voláteis, sedutoras e que fazem valer suas vontades por meio de estratégias irrefreáveis, superando até mesmo as criaturas como os temidos gênios e efrites. Ocorre que a imagem do povo árabe para o europeu é propagada ao longo dos séculos da mesma maneira como o texto retrata a mulher, ressaltada a questão da superioridade intelectual. A figura feminina é central para os estudos orientalistas do texto.

Veja-se com atenção como o viés orientalista surge no livro desde o primeiro instante, seu prólogo-moldura. Said (2007, p.73) aduz que comumente entre os povos ocidentais “O oriental é descrito como algo que se julga (como num Tribunal), algo que se estuda e descreve (como num currículo), algo que se disciplina (como numa escola ou prisão), algo que se ilustra (como num manual de zoologia)”. Ampliando-se a ponderação de Said, as produções e os legados dos orientais já são colocados em segundo plano de qualidade, tal como um arqueólogo investiga um artefato de culturas mais primitivas e os arrola nos museus com seus julgamentos, ou ainda é o relato de um antropólogo sobre um costume de populações que divergem do padrão social de sua realidade; é um zoólogo que se encantará com os primatas lascando suas primeiras ferramentas para abrirem alimentos ou medirem a profundidade de um rio. Qualquer que seja a criação de uma cultura tida como inferior esta será apreciada e despertará o interesse dos julgadores, mas jamais será verdadeiramente aceita com qualidade equiparável às suas próprias.

É por isso, que o livro milenar e mais famoso do Oriente, *As mil e uma noites*, passou por uma adequação às regras norteadoras da Europa, houve uma espécie de filtragem e descontaminação de balizas culturais que não iam de encontro aos leitores franceses, ingleses, italianos, alemães etc. A estranheza das cenas em que se descrevem penetrações durante o ato sexual, gírias de baixíssimo calão, mortes das mais desarrazoadas possíveis, torturas que afrontam os ensinamentos de dignidade e libertação humana tão reivindicados pelos ideais revolucionários franceses, tudo isso deveria ser revisto para que se garantisse o decoro europeu. Só que embora houvesse essa preocupação, esta foi de cunho extrínseco – do tradutor para com o povo em relação a como seria recepcionado o seu trabalho – e não intrínseco, de forma alguma! Se o fosse, o tradutor não o teria realizado, ao arrepio de sua ética e moral próprias. Não incentivaria aquilo que lhe seria aversivo ou reprovável, largaria a caneta na primeira leitura.

Portanto, houve correspondência entre o leitor, o tradutor e o pesquisador para com o conteúdo do texto. Seja por curiosidade, identificação, projeção ou vistas de alavancar o próprio nome por meio dos estudos de *As mil e uma noites*. Note-se que, quando o público recebe a

informação de que um líder absolutista determinou por vingança generalizada a executar impiedosa e freneticamente mulheres de seu reino, o incômodo não foi detectado da forma como o seria um relato de orgia, por exemplo. E a razão disso reside na visão de que os orientais, em especial, os árabes eram considerados povos mais primitivos, atrasados, seres que flertam com a selvageria em suas atitudes. Grosso modo, uma espécie de animal quando comparada ao homem europeu. Quando um leão (*Panthera leo*) destitui outro de sua alcateia, ato contínuo mata os filhotes, sem nenhuma insurgência das leoas, o recado biológico puro é que os genes do leão mais fraco, o derrotado, devem ser interrompidos no *pool* genético, em favor da perpetuação dos mais fortes. Isso causa uma reação aos humanos de espanto, que logo se evapora sob a justificativa de que é uma espécie irracional, animal selvagem etc. Não se está dizendo que o exemplo é comparado de forma equitativa ao que ocorre com os orientais, mas sim que existe uma naturalização dos atos dos seres considerados “inferiores” aos olhos de quem julga.

Um líder oriental, em sua lógica retrógrada e quase inexistente, decide matar suas mulheres. Comportamento brutal, absurdo, injusto e incoerente, mas que por decorrer de um indivíduo que é incapaz de acompanhar à altura ética e moral do europeu, que reina sobre seus iguais, não causa tanta estranheza assim. É como se diz com cada vez menos espanto “há índios que ainda hoje praticam antropofagia”, prática defesa e imoral de uma lógica do julgador sobre o objeto e que, mesmo assim, ninguém faz coisa alguma a respeito ou torna a informação bastante ocultada dos públicos em geral. Ou seja, se por um lado, um feminicídio atroz não causou aversão, talvez por ser apenas mencionado e não descrito em pormenores, as intimidades e formas de assassinato mais explicitadas foram demovidas de sua originalidade. Está aí, constatado o orientalismo, qual seja, de não haver real discussão e preocupação com o feminicídio de Shariar, e mais, em colocar a mulher, no caso oriental, em posição quase que de mercadoria, nascida apenas num escopo servil e reprodutivo. Fato é que quando a obra é interessante, seja ela qual for, há uma tendência de esquecer-se de ocorrências que possam macular sua imagem ou contestar sua qualidade. O feminicídio de Shariar, a título de efeito, é tão ignorado, *e.g.*, quanto o infanticídio permitido por Deus, quando Herodes, temeroso pelo nascimento de Jesus, determinou o chamado “Massacre dos Inocentes”, descrito em Mateus (2;16-18) ou quando o próprio Deus decreta a morte dos primogênitos (Êxodo, 13).

No caso de *As mil e uma noites* há na figura feminina uma personificação das projeções orientalistas quando interpretada pelos olhos ocidentais. O tema merece máxima atenção para não tomar a mulher descrita no texto como um produto orientalista, vez que foram senão os

povos nos quais estava inserida essa mulher que construíram sua imagem. O que ocorre é que mulher dos contos de Shehrazade foi lida como uma espécie de definição do Oriente. Assunção e Paschoal (2022, p.10-11) destacam que as representações das mulheres orientais eram carregadas também de mensagens acessórias:

A mulher oriental desses quadros não era somente bela e exótica, mas também passiva e submissa, logo, serviu de metáfora para representar o próprio Oriente. O Ocidente, com sua retórica de força e progresso era visto como o lado masculino; já o Oriente, misterioso e encoberto, como um feminino passivo pronto para ser desvelado.

O desejo do Ocidente no Oriente foi uma função estritamente crescente desde os primeiros contatos entre as culturas. As projeções ocidentais no Oriente eram cada vez mais evidentes, extravasando-se os sintomas, por exemplo, as mulheres de *As mil e uma noites* eram comumente representadas com traços europeus. Márcia Dib (2011, p.10) acrescenta:

O Oriente passa a ser visto e descrito como aquele lugar de onde virá o que a Europa não pode ter, contrapondo-se assim ao materialismo da cultura ocidental. O Oriente poderia propiciar uma nova Renascença, a revigoração necessária naquele momento. Cria-se então a moda oriental e multiplicam-se as viagens, objetos e narrativas a seu respeito; e o Oriente torna-se um tema recorrente na arte. As ideias dos orientalistas foram sendo utilizadas pelos novos viajantes, e muitos optaram por repetir o que os textos já canonizados haviam dito sobre aqueles lugares e pessoas. O que mudava era o estilo, a abordagem, a forma – não o conteúdo. O Oriente torna-se congelado, dentro de uma fórmula repetida e confirmada.

Dib aponta certamente que houve um congelamento do conceito do Oriente pelos ocidentais. É que, como advogou Said, houve uma construção ocidental do universo oriental. Só que essa perspectiva foi carregada dos julgamentos europeus, portanto, as releituras e produções sobre o Oriente, incluindo-se *As mil e uma noites*, eram condicionadas aos mesmos conteúdos – já enviesados. As traduções da obra, como se discutiu no terceiro capítulo deste estudo, pela competição da melhor versão foram talvez as que mais possibilitaram questionar esse quadro de imutabilidade. Jarouche, em entrevista concedida¹, alerta que os tradutores posteriores à Galland tiveram que traduzir histórias como de *Aladim e a lâmpada maravilhosa* diretamente do francês, vez que não a encontraram nos manuscritos originais em árabe, e nunca

o fariam, vez que foi inserida pelo arabista. Essas investigações atiçaram a curiosidade dos estudiosos em buscar informações na fonte, e não em suas derivações, possibilitando a remoção das lentes europeias sobre as realidades representadas em *As mil e uma noites*. E, por conseguinte, um distanciamento do orientalismo.

Essa postura ocidental de atrair como um imã político, uma espécie força centrípeta econômica, os povos de outras regiões, enraíza-se na necessidade de apoderar-se daquilo que julga valioso, e a experiência tem demonstrado que os resultados podem ser muito infelizes. Srinivasa Ramanujan (1887-1920) foi um indiano que se destacou pelas suas misteriosas proezas matemáticas, as quais superavam a capacidade dos melhores matemáticos ingleses, franceses e alemães daquele tempo. Sua ida para a Inglaterra e a incorporação dos costumes ingleses fizeram com que sua saúde sucumbisse, vindo a óbito aos trinta e dois anos de idade. Um conhecimento enciclopédico de matemática pereceu por essa apoderação europeia.

A literatura é outro bom exemplo para os exames referentes às concepções orientalistas e, no caso deste estudo, como uma obra milenar oriental foi modelada em poucos anos para uma ocidentalização inconteste, uma aculturação às avessas. Temas centrais em *As mil e uma noites* refletem o condicionamento orientalista nas principais traduções da obra, são eles o feminicídio, a figura feminina no texto e a questão religiosa. Foram as adaptações do texto que construíram a perspectiva de todo o Oriente, destacando-se o Oriente Médio e a cultura árabe, vez que o primeiro contato com o novo e o desbravar da experiência do inédito marcam incisivamente a história, a vida e o inconsciente do receptor que atuará, ainda que sem intenções conscientes em replicar e perpetuar esses conteúdos nos substratos arquetípicos da humanidade.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos de Shehrazade são produtos de uma pluralidade de culturas, cujas origens remontam ao século IX, que apresentam como denominador comum um substrato psíquico inconsciente em suas elaborações: o universo oriental. Para os ocidentais, a cultura do outro. E tudo o que é do outro será avaliado tendo como parâmetro a si próprio. Os valores alheios, as contingências alhures etc. são tão válidas quanto mais forem aproximadas do sujeito-paramétrico. O Ocidente, e nesse momento, com especial atenção ao continente europeu, acostumou-se a ditar as regras, a dizer o belo, conhecer o certo, enfim, sempre ponderar melhor que ninguém, qual o lado dos justos. E se Aristóteles já nos alertara para que sempre tomemos cuidado com os extremos, no caso da imposição ideológica do Ocidente nas regiões orientais, há que se dizer que, travestido de propósitos justificados na ética, no costume e demais rezingues de estilo, houve uma violência generalizada para com a cultura oriental.

Violência generalizada porque não está adstrita aos saques das riquezas arqueológicas, às investidas de poderes político-governamentais, às ocupações estratégicas, ao imperialismo e tantos eventos históricos bem conhecidos, ou seja, uma dominação extrínseca e manifesta. É generalizada porque, além disso, houve uma invasão velada, subjacente, silenciosa e constante do ideário coletivo em convencer, reiterar, reafirmar e entalhar na concepção arquetípica do mundo o que seria a cultura oriental. De forma intrínseca, como consequências naturais da exacerbação do ego, o Oriente foi interpretado como inferior, infeliz termo, mas que não merece ser sublimado por qualquer eufemismo dada a convicção da superioridade europeia. Os indianos e os chineses conheceram as forças armadas britânicas, que os julgaram como primitivos. Os árabes colecionam experiências combativas com a Europa em diversos episódios históricos. O Japão recebeu o Cristianismo com a morte dos missionários enviados pela Igreja de Roma, não aceitando a imposição cultural da qual seriam alvos. Enfim, fato é que a sede pelo poder e pela conquista existe desde os primórdios, e o embate entre Ocidente e Oriente vai de acontecimentos fáticos, como as Cruzadas, até ameaças e divergências de ideologias, como a Guerra Fria. Durante as relações entre os povos de tão diversas culturas, natural foi o intercâmbio e a incorporação de costumes entre as sociedades. E a arte foi fortemente absorvida e divulgada com entusiasmo entre seus iguais. E, nesse contexto, também a literatura.

Quando uma obra de importância tão acentuada como *As mil e uma noites* que, como se discutiu, é a própria porta de entrada para a interpretação do Oriente (em especial, do Oriente

Médio), foi traduzida por estudiosos e orientalistas ocidentais desde Galland, examinados neste trabalho em comparação com a tradução de Jarouche, os olhos de milhões de receptores foram direcionados àquela primeira perspectiva ofertada. Só que essa versão apresentada é, em última análise, o resíduo de um filtro moralizante do ocidental europeu. E que, ainda assim, encantou o mundo todo. Provocou a imaginação, inseriu e modificou matrizes arquetípicas, instigou o exótico e o diferente e tornou-se sucesso absoluto. É ainda de se destacar que, originariamente, não havia qualquer propósito no texto em ostentar na literatura mundial tamanha envergadura, pelo contrário, há na motivação da obra primária o mero entretenimento e manutenção folclórica. A obra em si, superou a si mesma. E muito desse êxito também foi devido à divulgação do Ocidente, comprovadamente garantido o discurso pelo fato de que, antes da irradiação do texto a partir da França, a obra era esparsa, fragmentada, muito mais desconhecida, sem sistemática entre os ramos sírio ou egípcio etc. Então, se houve algo de mais positivo e incontestado nos trabalhos desenvolvidos pelos corajosos tradutores é, sem dúvidas, a ampla divulgação e discussão dos contos maravilhosos de Shehrazade, seguida de uma preocupação em sistematizar e contabilizar o texto.

Noutro giro, deu-se aos tradutores pioneiros o poder de definição da cultura oriental, com destaque para a árabe. E é nesse sentido que o orientalismo encontrou guarida para suas perpetuações. Mulheres que traem e matam os homens, que seduzem e ludibriam escravos, reis e até mesmo gênios, descrições pormenorizadas dos atos sexuais, muitas vezes sem qualquer contexto anteriormente apresentado, misticismos, magias, superstições, reis absolutistas e coléricos, ladrões de todos os tipos e tantos outros exemplos que, emoldurados no prólogo de um feminicídio desenfreado, ensinam a ideia de que os povos desses contos – bem como os que os narram – são muito mais atrasados e selvagens. E que suas mulheres (ênfatizando-se a oriental) são sinônimo de insinuação ao engano, falta de confiabilidade, erotização etc. É necessário dizer que este estudo concluiu que orientalismo não está na tradução exegética, termo a termo, até porque como se verificou na versão de Jarouche, o texto original é de fato bastante ofensivo aos pudores mais sensíveis; o orientalismo está na filtragem do conteúdo, na eleição do que ressaltar, ocultar, evidenciar, exagerar, modificar e até mesmo comentar em seus trabalhos. Galland, em sua versão, ao dizer que (2001, p.31) “O pudor não me permite contar tudo o que se passou” já convida o leitor à ideia de que a moralidade do texto não detinha qualquer paralelismo à europeia.

Em *As mil e uma noites* há um cardápio inesgotável de estudos e análises que observam o papel da mulher no texto ainda que produzido por uma sociedade altamente paternalista e

com as traduções e reinvenções orientalistas. A mulher é o núcleo da obra. O livro todo, em verdade, fala sobre a mulher. É a filha do vizir, quem reúne coragem, talento, astúcia e estratégia suficientes e sem iguais para interromper um crime freneticamente reiterado, alimentado pelo orgulho masculino ferido e positivado pelos ditames sociais e religiosos, em nações em que o direito se confunde com a própria crença no islamismo. O direito socorre à literatura para dizer que nos modelos jurídicos teocráticos e autoritários, há outorga de plenos e indiscutíveis poderes ao líder soberado e que professam a submissão e a subserviência da mulher. Dessa forma, ler *As mil e uma noites* é conhecer um assentamento jurisprudencial e as fontes jurídicas do próprio direito do Islão. Shehrazade enfrentou um feminicídio e, com sua irmã, coadjuvante, Dinarzad (quem lhe suplicava histórias em todas as noites) e venceu, poupando vidas sem número. Ainda que se considerando exageradas as passagens da obra, é indubitável que a ficção encontra a realidade no que se refere à luta do sexo feminino. Mulheres que se insurgiram e foram molestadas, estupradas, violentadas e que passaram por tantas barbaridades, saíram vitoriosas e como exemplos de pequenas batalhas vencidas nesta guerra milenar. São as “Shehrazades” da realidade. As mulheres que levam tiros na cabeça por desejarem estudar, as que perdem a visão por terem os olhos arrancados quando denunciadas em seus empregos, as que pagam pelos crimes dos homens com estupro coletivo etc. Todas, são personagens que merecem respeito máximo da sociedade. Heroínas representantes de tantas outras anônimas.

E não há que se dizer que o orientalismo, reiterado por meio de ferramentas midiáticas, grupos extremistas e fundamentalistas etc. encontra qualquer justificação de pertinência. Porque a violência ocorre em qualquer lugar, em qualquer credo, em qualquer cultura. O apedrejamento da mulher não é exclusivo de preceitos islâmicos. Ele está previsto na Bíblia e no Torá, por exemplo. Dessarte, o tema da submissão da mulher não é um problema oriental, mas universal. O feminicídio é uma de suas mais tristes facetas. E nada disso foi ponderado durante as traduções primárias do texto. Em verdade, discutiu-se muito qual seria a melhor versão, qual das escolas europeias iria destronar a francesa etc. Permitiu-se que aquilo que enaltecia a cultura europeia fosse destacado e, por outro lado, o que poderia afetar o decoro social (e a fama do tradutor) foi removido ou atenuado. A palavra que bem representa a questão é hipocrisia. Oras, do contrário, da ciência dos acontecimentos narrados no livro, já que a literatura emana da realidade e ajuda a modificá-la, medidas de proteção às mulheres já teriam sido tomadas há muito tempo.

A mensagem de *As mil e uma noites* é que a mulher, por mais atacada que seja, por mais desvalorizada que seja, venceu pela inteligência, pela astúcia, pela paciência, mas também pela

coragem. E nem a morte proveniente do feminicídio foi capaz de impedir o sexo feminino em atingir suas pretensões. O livro não-religioso mais importante da literatura árabe e, para muitos, de todo o Oriente, é narrado por uma mulher, nasce, é mantido e resolvido em virtude delas. Estudos como este provocam a questão do combate ao preconceito de todo tipo, à intolerância religiosa, à misoginia, temas contemporâneos à própria humanidade e que devem ser combatidos em todos os lugares e por todos os meios. A contribuição acadêmica oriunda de temas como este estimula a discussão política, filosófica, religiosa, dentre tantas outras áreas, sobre o tema da proteção à mulher no mundo islâmico e fora dele, bem como relembra que o zelo e a parcimônia devem ser evocados ao se tratar de qualquer cultura, sob pena de uma generalização discriminatória. Finalmente, os desdobramentos desta pesquisa servem à Academia para a provocação de estudos correlatos e abertura de discussões de como a literatura e o direito podem estar fortemente atrelados, sob a égide da literatura comparada. Pesquisas desta natureza devem ser estimuladas, pois contribuem e enriquecem o acervo científico dentro das ciências humanas e áreas afins, além de provocar questionamentos sobre visões já enraizadas no ideário da população em geral. Atuam também como uma forma de se combater preconceitos e julgamentos, xenofobia e misoginia, estabelecidos e fixados em seus *status quo*, sobre o que vem a ser efetivamente a cultura dos povos orientais e revelam resultados que não se encerram somente na seara da produção científica, mas também servem para discussões políticas, jurídicas e filosóficas de como tem sido a abordagem da imagem oriental, ou seja, o julgamento de costumes, conceitos, crenças e princípios orientais sob uma perspectiva ocidentalizada que, como visto neste trabalho, muito decorrem das traduções de *As mil e uma noites*.

REFERÊNCIAS

- ABBOT, Nabia. *A ninth-century fragment of the 'Thousand Nights'. New light on the early history of the Arabian Nights*. In: *Journal of Near Eastern Studies*. Chicago, vol. 8, n.3, 1949, p. 129-164.
- ABU JWEID, Abdalhadi Nimer Abdalqader. *The Reception of The Arabian Nights in World Literature*. In: *Studies in Literature and Language*. Montreal: CAOOC. v.22. n.1. 2021, p. 1-6.
- ALCORÃO. Tradução de Mansour Challita. 4.ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.
- ALRAI, Amar Abdalalim Halabieh. *O uso do hijab como manifestação dos direitos humanos*. In: UNILA, Foz do Iguaçu, 2022.
- ASSUNÇÃO, Naiara Müssnich Rotta Gomes de; PASCHOAL, Nina Ingrid Caputo. *Orientalismo em movimento: representações da dança do ventre em pinturas e literaturas de viagem (séc. XIX)*. Porto Alegre/RS: Revista Brasileira de Estudos da Presença. v.12. n.1. 2022. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/presenca>>. Acesso em: 14.02.2025.
- AS MIL e uma noites*. Versão de Antoine Galland. Tradução de Alberto Diniz. Apresentação de Malba Tahan. 16.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- AS MIL e uma noites*. Seleção e tradução de Mansour Challita. Editora: Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran. Ano não informado. 356p.
- AS MIL e uma noites*. Tradução de Jacob Pentead. São Paulo: Livraria Martins, 1960
- ATTIE FILHO, Miguel. *Falsafa: a filosofia entre os árabes, uma herança esquecida*. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- BÍBLIA* sagrada – edição bilíngue. português/chinês. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- BORGES, Jorge Luís. *Los traductores de las 1001 noches*. In: Historia de la eternidade (1936). In: *Jorge Luís Borges. Obras completas*. 1 1923-1949. 2.ed. 14 reimpresión. Buenos Aires: Emecé, 2002.
- BORGES, Jorge Luis. *Las mil y una noches*. [“One Thousand and One Nights.”] Siete noches. [Seven Nights.] Buenos Aires: Emecé Editores, 1989. 232-241.

BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas I*. Madrid: Emecé Editores. 1996.

BORGES, Jorge Luiz. *The Translators of the Thousand and One Nights*. In: VENUTI, Lawrence (ed.) *The Translation Studies Reader*. 3rd ed. London: Routledge, 2012, p. 92-105.

BOXALL, Peter. (Ed.). *1001 livros para ler antes de morrer*. Tradução de Ivo Korytowski, Marcelo Mendes e Paulo Polzonoff. Rio de Janeiro: Sextante. 2010.

BRASIL. *Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de setembro de 1940*. Institui o Código Penal. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez.

BRASIL. *Decreto-Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990*. Dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do art. 5º, inciso XLIII, da Constituição Federal, e determina outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25 jul.

BRASIL. *Decreto-Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006*. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providência. Diário Oficial da União, Brasília, 7 ago.

BRASIL. *Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015*. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Diário Oficial da União, Brasília, 10.03.2015.

BUSATO, Paulo César. *Direito penal: parte geral*. São Paulo: Atlas, 2013.

CHANUT, Maria Emília Pereira. *A noção de equivalência e a sua especificidade na tradução especializada*. São Paulo/USP: TradTerm. v.19. 2012. p. 43-70. Disponível em:

<http://tradterm.vitis.uspnet.usp.br>

COSTA, Daniel Padilha Pacheco da. *As traduções e as adaptações para o inglês de Ali Babá e os quarenta ladrões nos séculos XVIII e XIX*. Ilha do Desterro v. 72, n.2, Florianópolis, mai/ago 2019. P.153-169.

CRELIS, Laura Quintana. *An Approach to the Arabian Nights, and its Influence on the Legend of the Wandering King by Laura Gallego García*. Dissertação (Master of Arts), University of British Columbia, Vancouver, 2014.

DAMIEN, Christiane. *Na senda das Noites: “Os quatro talismãs” de Charles Nodier e “Les mille et une nuits”*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

DAVID, René. *Os grandes sistemas do direito contemporâneo*. Tradução de Hermínio Carvalho. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

DIAS, Kênia Cristina Borges. *O ato da leitura*. Santa Rita do Sapucaí/MG: Revista Científica FAI. v.1. n.2, 2017. p.141-146.

DIB, Márcia. *Mulheres árabes como odaliscas: uma imagem construída pelo orientalismo através da pintura*. Goiânia/GO: UFG. n.11. v.13. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48395/23730>. Acesso em: 14.02.2025.

EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. 3.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

SOUZA, Celia Daniele Moreira de. *A arte do conhecimento em Kalila e Dimna de ibn Almuqaffa (Séc. VIII) e o Príncipe de Maquiavel (Séc. XVI)*. Revista Mosaico. Vol. III, 2018, p.179-190.

FÁBULAS e lendas da Índia. Tradução de Matos Peixoto Kleinert. São Paulo: Shakti, 1992.

FARIA, Gentil de. *Estudos de literatura comparada*. 1.ed. Curitiba: Appris, 2019. 351p.

FISHBURN, Evelyn; HUGHES, Psiche. *A Dictionary of Borges*. Universidade do Texas. Londres: Duckworth. 1990.

FITZ, Earl. E. *Eça, Machado and World Literature*. Universidade de Coimbra: Revista de Estudos Literários. v.6. 2016. p.359-368.

GAUMIER, Jean. *Introduction*. In: *LES MILLE et une nuits: contes arabes*. Tradução de Antoine Galland. Paris: Garnier: Flammarion, 1965.

GOMES, Carlos Magno. *A violência de gênero na recepção de mil e uma noites por Nélida Piñon*. In: XV Abralic: experiências literárias, textualidades contemporâneas. Rio de Janeiro. 2017. p. 5922-5932.

GUEDES, Maria Inês Coimbra. *Galland, o autor de Mil e uma noites*. Rio de Janeiro: Gragoatá/UFF. v.7. n.13. 2016. p. 131-145.

HAJJAMI, Aïcha El. *A condição das mulheres no Islã: a questão da igualdade*. Tradução de Silvana Ruffier Scarinci. In: Dossiê: Gênero e Islã. Cadernos Pagu. Campinas: Unicamp. v.30. 2008.

HILLESHEIM, Betina; RAMOS, Flávia Brocchetto; CRUZ, Lilian Rodrigues da. *A salvação pela palavra narrada: o caso das “mil e uma noites”*. Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPel. Pelotas.33: maio/agosto 2009. p.219-230.

INGARDEN, Roman. *A obra de arte literária*. Tradução: Albin Beau, Maria C. Puga e João F. Barrento. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.

ITÁLIA. *Regio Decreto 19 ottobre 1930, n. 1398 - Codice penale*. Disponível em: <http://www.procuragenerale.trento.it/attachments/article/31/cp.pdf>. Acesso em: 14.02.2025.

ITÁLIA. *Legge 15 ottobre 2013, n. 119*. Disponível em: <http://www.lexitalia.it/leggi/2013-119.htm>. Acesso em: 14.02.2025.

JAROUCHE, Mamede Mustafa. *Conversas na Flip - Festa Literária Internacional de Paraty*. Entrevista concedida em 6 de julho de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FwDLZxIWRXA>

JAROUCHE, Mamede Mustafa. *O erotismo na literatura árabe: do clássico ao contemporâneo*. Entrevista concedida à Editora Tabla em 21.05.2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cF1pRU05xYo>.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática. 1994.

KANT, Immanuel. *Analítica do belo: crítica do juízo*, §1 a §22. In: *Os pensadores*. Tradução publicada sob licença de Atlântida Editora. ed.1. v.15. São Paulo/SP: Editora Abril Cultural. 1974.

KILITO, Abdelfattah. *L'Œil et l'aiguille: Essai sur "les mille et une nuits*. Textes à l'appui: série Islam et société, Paris, Editions la Découverte, 1992.

KUBAREK, Magdalena. *The Reception of the One Thousand and One Nights in Polish Contemporary Literature*. In: AKEL, Ibrahim; GRANARA, William. (ed). *The Thousand and One Nights: Sources and Transformations in Literature, Art and Science*. Leiden/Boston: Brill. 2020. p. 216-226.

LIMA, Lia Araújo Miranda de; SOUSA, Germana P. H. de. *Carlos Jansen e a vulgarização literária para a mocidade*. Florianópolis: Caderno de Tradução. v.35. n.2. 2015, p.102-123.

LIVRO das mil e uma noites: ramo sírio. Tradução de Mamede Mustafa Jarouche. 4.ed. São Paulo: Globo, v.1, 2015.

LIVRO das mil e uma noites: ramo sírio. Tradução de Mamede Mustafa Jarouche. 4.ed. São Paulo: Globo, v.2, 2015.

LIVRO das mil e uma noites: ramo egípcio. Tradução de Mamede Mustafa Jarouche. 4.ed. São Paulo: Globo, v.3, 2015.

LIVRO das mil e uma noites: ramo egípcio. Tradução de Mamede Mustafa Jarouche. 4.ed. São Paulo: Globo, v.4, 2015

LIVRO das mil e uma noites: ramo egípcio: a saga de Umar Annuman e fábulas de Shehrazade. Tradução de Mamede Mustafa Jarouche. 1.ed. Rio de Janeiro: Azul, v.5, 2021.

MAHDI, Mansour. (ed.) *The Thousand and One Nights from the Earliest Known Sources* (Leiden: Brill, 1984). International Journal of Middle East Studies, 19(2). 1984.

MAI, Mukhtar. *Desonrada*. Tradução de Clóvis Marques. 5.ed. Rio de Janeiro: BestSeller. 2008.

MALBA Tahan. *Contos e lendas orientais*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

MAY, Georges. *Les mille et une nuits d' Antoine Galland*. Paris: PUF, 1986.

MENEGHEL, Stela Nazareth; PORTELLA, Ana Paula. *Feminicídios*: conceitos, tipos e cenários. Revista Ciência e Saúde Coletiva, 22(9), 2017, 3077-3086. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/SxDfYB4bPnxQGpJBnq93Lhn/?format=pdf&lang=pt>, acesso em 14.02.2025.

MENEZES, Adahra Catharine Reis. *A tipificação do feminicídio sob a ótica do homicídio de mulheres no Estado de Roraima*. Monografia (Bacharelado em Direito) - Ciências Jurídicas da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Disponível em: <https://docplayer.com.br/40044582-Universidade-federal-de-roraima-pro-reitoria-de-graduacao-instituto-de-ciencias-juridicas-adahra-catharinie-reis-menezes.html>. Acesso em: 14.02.2025.

MIL y una noches. Tomo I. Estudio previo, traducción y notas de Salvador Peña Martín. Madrid: Editorial Verbum, 2016.

MOREIRA, Fernando. *Pai denuncia ao Talibã, e afegã tem os olhos arrancados por conseguir emprego*. Jornal Extra. 10.11.2020. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/page-not-found/pai-denuncia-ao-taliba-afega-tem-os-olhos-arrancados-por-conseguir-emprego-24738559.html>. Acesso em: 14.02.2025.

OLIVEIRA, Cristiane Brito de. *Marta: o drama de uma libanesa em Gibran*. Rio de Janeiro/UFRJ: Revista Garrafa 30. 2013. s.n.

OLIVEIRA, Loraine. *Vestígios da vida de Hipácia de Alexandria*. Pernambuco/UFPE: Perspectiva filosófica, v.3. n.1. 2016.

OS MIL e um dias. Prefácio de Cláudio Giordano. Tradução de Glória Magalhães. São Paulo: Labortexto Editorial: Oficina do livro, 2001.

OUYIANG, Wen-chin. *The Arabian Nights in English and Chinese Translations: Differing Patterns of Cultural Encounter*. SOAS. Londres: University of London. 2009.

PADRÃO, Andréia Lúcia Paiva. *Facetas da tradução em Jorge Luis Borges*. Curitiba: Revista Brasileira de Literatura Comparada. n.13. 2008. p. 97-114.

PALAZZO, Carmen Lícia. *A Idade de Ouro do Islã: o mecenato do Califado Abássida e a Casa da Sabedoria*. In: COSTA, Ricardo da, GONZÁLEZ SALVADOR, José Maria. (Org.). *Mirabilia*. n.25. 2017. p. 25-41.

PICKOVER, Clifford A. *The Math Book*. New York: Sterling. 2009.

PIÑON, Néida. *Vozes do deserto*. 6.ed. Rio de Janeiro: Record. 2008.

REYNOLDS, Dwight. *A Thousand and One Nights: a history of the text and its reception*. In: ALLEN, R. *Arabic Literature in the Post-Classical Period*. Cambridge: Cambridge University Press. 2006. p. 270-291.

SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Rosaura Eichenberg. ed.1. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALLIS, Eva. *Scheherazade through the Looking Glass: The metamorphosis of The Thousand and One Nights*. New York: Routledge Press, 1999.

SARDE NETO, Emílio. *Islamismo: história, cultura e geopolítica*. Curitiba: InterSaberes, 2020.

SARTRE, Jean-Paul. *A transcendência do ego: esboço de uma descrição fenomenológica*. Tradução de João Batista Kreuch. ed.2. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do belo*. São Paulo/SP: Editora UNESP, 2003.

SILVA, Ana Cláudia Salomão da; PAZ, Ravel Giordano. *Observações sobre a aplicação da metodologia da estética da recepção a Helena, de Machado de Assis*. Vitória/ES: Reel – Revista Eletrônica de Estudos Literários, s.3. ano 10, n.14, 2014.

SILVA, Carine Pires da; SCHERMANN, Luciana Azambuja. *O crime de feminicídio sob o olhar da psicologia forense*. Revista Aletheia. v.54. n.1. p.74-78. Jan/jun. 2021

SILVA, Sandra Aparecida. *Um Aleph: Borges, segundo o Livro das mil e uma noites*: Estudo comparativo da poética árabe como elemento de construção da poética narrativa de Jorge Luis Borges. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SOUSA, Giselle Costa de. *Abu Arrayhan Muhammad Ibn Ahmad Al-Biruni (973-1048)*. In: PEREIRA, Ana Carolina Costa; MOREY, Bernadette. (Org.). *Estudos em ciências e matemática no mundo islâmico medieval*. 1.ed. Fortaleza, CE: Editora da UECE, 2021.

THOMPSON, Craig. *Habibi*. Tradução de Érico Assis. 1.ed. São Paulo: Quadrinhos na cia. 2012.

ZILBERMAN, Regina. *Recepção e leitura no horizonte da literatura*. Rio de Janeiro: Alea/UFRJ, v.10. n.1. Janeiro-junho, 2008. p. 85-97.

WERNECK, Mariza Martins Furquim. *A negação do imaginário: notas sobre algumas traduções do Livro das mil e uma noites*. Ceará/UFC: Revista de Ciências Sociais, n. 51, 2019, p. 73-88.

WERNECK, Mariza Martins Furquim. *Marcas de oralidade e memória no Livro das mil e uma noites / Traces of Orality and Memory in The Book of the Thousand Nights and One Night*. Bakhtiniana, São Paulo 12(3). 2017. p. 96-118.